

He facil ter horror ao fogo do Inferno : por pouco juizo que haja , estas grandes verdades da Religião espantaõ , e horrorizaõ : estamos convencidos dellas : e por isto todos imaginaõ , que estão totalmente convertidos , porque se achão persuadidos da necessidade de fazer esta conversaõ.

Por pouca educaçaõ , e bom natural que haja em huma pessoa , facilmente concebe horror ao vicio , e apreço para a virtude : porẽm bem se vê claramente , que o entendimento tem mais parte nestes affectos , que a vontade : e que he para temer , que se a vontade fórma alguns movimentos de aversaõ para o mal , e de amor para o bem ; este odio naõ seja mais , que hum simples aborrecimento das funestas , e incommodas consequencias do vicio , e hum debil apreço , ou condescendencia para o bem , sem algum desejo efficaz da salvaçaõ.

Verdadeiramente quer enganar-se , quem confia , e se apega a isto. Nós naõ havemos de ser julgados pelos bons sentimentos , que tivermos tido , mas pelo bem , que tivermos obrado. O Inferno está cheio de pessoas , que se queriaõ salvar : porẽm queriaõ como a maior parte dos homens querem , e como talvez nós mesmos temos querido atéqui : e devemos fazer muito cazo destas sortes de boas vontades ?

Nós naõ pertendemos ser condemnados : e há algum condemnado , que o haja jámais pertendido ser ?

Que diriamos de hum enfermo , que quizesse sarar , mas ao mesmo tempo naõ quizesse remedios , ou que se contentasse só com o considerar algumas vezes nos proveitos , e na utilidade da sua saude , sem tomar os meios de a recobrar ? Taes saõ aquelles , que se contentãõ só com querer cuidar da sua salvaçaõ , sem tomar algum meio para

para isso, e sem vir jámais a executar aquella vontade. E que homem de juizo haverá, que creia que estes cuidão verdadeiramente em salvar-se, em quanto estaõ só com este animo? E que Religião seria a nossa, se ensinasse maximas tão irracionaveis, e tão contrarias á Fé?

Que! Para alcançar o Ceo, bastará querer, ou antes melhor, dizer cada hum q̃ quer, e considerar na sua necessidade, sem tomar os meios convenientes? Se o Ceo se dèsse por hum tão fraco preço, que malvado haveria, que não achasse hum lugar nelle? Pódem haver sentimentos mais injuriosos a sabedoria de Jesu Christo, e mais indignos da santidade da nossa Religião?

Jesu Christo não quer, que aquelles, que mais tem trabalhado pelo Ceo, e que só trabalharaõ nisto pela pratica das maiores virtudes, se julguem fóra de perigo, e se tenhaõ por seguros da recompensa: e estaõ, aquelles, que não fazem nada para se salvarem, que enterrados, e submergidos em os negocios do mundo, apenas se lembraõ algumas vezes na sua vida, que são Christãos; aquelles, que entregues ás suas paixoes, idololatras dos seus prazeres, e cujos costumes são tão directamente oppostos ás maximas do Evangelho: estes, digo, imaginarão que se haõ de salvar sem trabalharem, e sem tomarem os meios convenientes para isso? Dever-se-hia antes dizer (o que seria huma horrivel blasfemia) que Jesu Christo nos enganou, prescrevendo-nos tantas leis; e que os Santos, que hoje honramos, forão loucos, porque julgáõ não poderem salvar-se de outra sorte, senão vivendo huma vida conforme ás maximas do Evangelho; e que só se condemnaõ aquelles, que com pertinacia, maliciosa, e socegadamente se querem condemnar.

Parece que não he possível acharem-se pessoas

foas no Christianismo, que estejão em hum erro tão grosseiro como este. Porque, quem pôde entender chegar a hum fim, sem tomar os meios para elle? E com tudo quantos no mundo se li-zongeaõ só com a lembrança, e pensamento de quererem a sua salvaçaõ, sem quererem tomar os meios de a alcançarem? Quantos Religiosos imaginaõ talvez, que por terem deixado o mundo para alcançarem o Ceo, está tudo feito? S. Paulo não julgava ter feito tudo, depois de ter deixado todas as cousas por Jesu Christo, e depois de ter trabalhado, e soffrido tanto por sua gloria. Eu castigo o meu corpo, diz elle, e o reduzo á escravidãõ, com medo, que depois de haver pregado aos outros, me faça eu mesmo reprobõ.

Hum homem conserva hum máo commercio, retem injustamente o alheio, conserva no coraçãõ hum odio mortal contra seu inimigo, e sendo escravo das suas paixoens, não quer fazer-se a menor violenciã para as vencer: e quer fazer-nos crer, que tem vontade sincera de se salvar, porque considerando algumas vezes na gloria e nas delicias, que gozaõ os Bemaventurados no Ceo, julga que he bom estar alli: este homem, digo eu, quer sinceramente salvar-se? Quem o poderia racionalmente assim julgar?

Quantos vemos opprimidos com mil cuidados, submergidõs em os seus negocios, que não respiraõ, senãõ pelo seu interesse, e adiantamento temporal, tomando apenas algum vagar para cuidarem que são Christãõs? Os quaes não deixaõ de ter certos momentos na vida bons. Hum accidente imprevisto vem despertar nelles humas debeis reliquias do Christianismo, que ainda conservaõ; huma Festa solemne lhes traz á memoria algumas idéas da Religiãõ, que lhes imprimiraõ na infancia,

e que elles não tem podido apagar inteiramente. Então penetrados das verdades terríveis do Evangelho, cheios de horror á vista das funestas consequências devidas aos seus peccados, interrompem por alguns momentos essa multidão de pensamentos mundanos, e desejos vaõs, de que andão todos occupados; chorão a sua cegueira, condemnão a tibieza, e a insensibilidade, em que tem vivido a respeito do bem da sua alma; dão alguns suspiros, mas não vão mais a diante. O máo habito, as paixões, o natural se recompensão brevemente deste pouco tempo, que lhes tirou o raciocínio, e a Fé; todos aquelles bens se reduzem a nada; e estes penitentes na apparencia, se tornão a submergir nas suas primeiras desordens.

O primeiro objecto, que se apresenta, os distrahe destas saudáveis reflexões; e elles mesmos buscao distrahir-se dellas, para não estarem inquietos nessa vida mundana, e tumultuosa, na qual estao com o intento de viverem sempre: e com tudo estes taes dizem, que se querem salvar: sim querem, mas querem do mesmo modo, que aquelles, que se condemnarao. E por ventura tenho-o eu mesmo querido atéqui com melhor vontade: E será esta, que tenho ao presente mais efficaz?

Meu Deos, que vos dignais pela vossa misericordia fazer-me estas verdades taõ sensiveis; não permittais que ellas não tenhaõ outro effeito mais; que o perturbar-me por algum tempo.

## II. PONTO.

*Não basta para huma pessoa se salvar tomar alguns meios, he necessario tomar todos os meios.*

**C**onsidera, que há poucas pessoas tão irracionaveis, que pretendão salvar-se sem tomarem alguns meios para alcançar este fim. O maior numero he, dos que querem tomar alguns meios; mas deixão aquelles, que são proprios para chegarem ao fim, que se propoem, e tomão os que são do seu gosto.

Estes taes parecem-se, diz Santo Ignacio, a hum enfermo, que acha por bem tomar alguns remedios; porém só quer tomar aquelles, que lisongeão o seu gosto, rejeitando os que o Medico lhe ordena, e que poderiaõ sara-lo. Ninguem há, que tenha juizo, que não julgue, que hum enfermo desta sorte, não quer efficazmente recobrar a sua saude.

E por ventura he mais sincera a vontade, que nos lisongeamos ter, de alcançar a propria salvação? He bem raro achar pessoas, que estejam determinadas, a não guardar nem preceitos, nem conselhos. Queremos salvar-nos, e bem sabemos, que he necessario tomar os meios para este fim; porém queremos ter a liberdade de fazer a escolha destes meios. He difficuloso, que no grande numero de preceitos, que Jesu Christo nos deixou, não hajaõ alguns, que se accomodem com o nosso gosto: assim por mui necessarios que sejaõ os outros, só escolhemos logo os do nosso gosto. Temos horror ás maiores, e ultimas desordens: porém nunca se accomoda com o nosso gosto aquelle exacto apartamento das creaturas, tão necessario para nos conservar na innocencia; e com tanto que conservemos a paixão dominante, o mais, facilmente se dá a Deos. So

Se algum não acha trabalho em jejuar, de boa vontade, e facilmente se persuadirá, que se não pôde ir ao Ceo sem o jejum: porém se sente trabalho em conservar-se em recolhimento, em vencer suas paixões, em perdoar as injurias, com tanto que jejue; depressa se persuadirá que pôde dispensar-se de tudo o mais, sem arrisear nada.

Daqui vem aquella monstruosa mistura de virtudes, e de vícios, que se acha ainda em pessoas, que fazem profissão de piedade, e que faz huma tão grande injuria, e desacredita tanto a verdadeira devoção: deste mesmo principio vem a falta de emenda. O pensamento de algumas virtudes, que nos persuadimos ter, nos adormece, para o dizer assim, e faz que passemos ligeiramente pela maior parte dos defeitos, a que estamos sujeitos.

Na verdade servimo-nos de alguns meios para chegar ao fim, que nós propomos: porém não tomamos todos, os que nos são necessários: não tomamos os mais convenientes, mas os mais fáceis, os que são menos contrários ás nossas inclinações, e os que são de nosso gosto. Huns tem por bem, e querem deixar o lugar das occasiões peccaminosas; mas não querem deixar, ou aquelle commercio, ou aquelle emprego, que lhes he huma continuada fonte de peccados.

Outros querem de boa vontade fazer suas esmolas: porém não querem averiguar a duvida racional, em que estão, se retém, ou não o bem alheio, com medo de ficarem obrigados a restituir.

Estes sim querem restituir o bem alheio, porém não querem perdoar huma injuria. Aquelles perdoam as injurias; mas nunca se fábem resolver a romper huma amizade, ou peccaminosa, ou perigosa.

Huma pessoa Religiosa não quer já voltar para o mundo, nem seguir suas maximas: mas não

se lhe dá muito de aspirar a perfeição do seu estado. He verdade que ella não quer violar os seus votos ; porém não se embarça muito com guardar as suas regras , ainda que da sua observancia dependa muitas vezes a dos seus votos.

Todos estes tem , ao que parece alguma razão de julgarem , que se não querem condemnar ; mas certamente elles não querem verdadeiramente salvar-se : a sua vontade não he sincera , tem quando muito só huma meia vontade , e está tanto mais em perigo da sua salvação , quanto mais seguros se julgam , parecendo-lhes , que fazem alguma cousa para se salvarem : e não fazendo tudo , o que he necessario , poem-se em hum perigo evidente de se perderem.

Naõ há razão de dizer todos os dias a hum enfermo , que não quer tomar todos os remedios necessarios : quereis pois morrer ? E não temos tambem nós outra tanta razão para dizer a todos estes , que pertendem salvar-se , sem tomarem todos os meios necessarios : vós quereis condemnar-vos ? Aonde está a nossa sinceridade , aonde está a pureza das nossas intenções ? E atrevemo-nos a lisongear-nos tanto , que obrando com esta meia vontade , com esta negligencia , julgamos , que queremos sinceramente salvar-nos ; sendo ao mesmo tempo tão ardentes , e tão continuos nos negocios temporaes , quando queremos ter nelles todo o bom acerto ?

Que grande differença se vê entre hum homem applicado aos seus estudos , e este mesmo homem trabalhando na sua salvação ? Ah ! se nós a desejassemos do mesmo modo , que desejamos as honras , e os bens temporaes , seriamos huns grandes Santos : ao mesmo tempo que não depende da nossa vontade o ser ricos , e depende da nossa vontade o ser Santos.

Para os negocios do mundo, que cuidados! Que applicaçãõ! Que vigias, e fadigas para acertar nelles! Para que he tentar tantos caminhos? Para que por-lhe tantos meios, dos quaes muitos não seriaõ absolutamente necessarios? He, dizem, para não haver de que me arrepender: e faz-se o mesino a respeito da Eternidade?

Mas em fim se nos não queremos salvar, para que uzamos de certos meios proprios para isso? E se queremos deveras a salvaçãõ, porque os não tomamos todos? He sem duvida, porque achamos mais difficuldade em huns, que em outros; porém se todos são necessarios, de que serve tomar sómente os mais faceis? Ignoramos acaso, que em materia de Salvaçãõ, não fazer tudo o que he necessario, he quasi como se nada fizessemos?

Certamente em hum negocio grave, e de consequencia, ninguem se contentaria com tomar só certos meios; e muito principalmente se fossem duvidosos, e se a experiencia de muitos tivesse mostrado que eraõ pouco proprios para se acertar naquella empreza: a salvaçãõ eterna seguramente he de grande importancia.

Jesu Christo nos assegurou, que nenhum caso faz do que lhe damos, quando não lhe damos tudo. Se elle quer o nosso coração, que-lo todo, e não repartido com as creaturas: não há meio: es contra este Senhor, se te não entregas todo a elle. E com tudo esta tibieza, esta mesquinhez no serviço de Deos, esta divisiãõ entre Deos, e os homens, faz hoje o caracter do maior numero dos Christãos.

Deste modo he que vivemos: porém vivendo-se desta sorte, se nós mesmos temos visto morrer pessoas, que tinhaõ vivido assim; não nos deixaraõ ao menos em duvida a sua salvaçãõ? Se todas estas reflexoens nos não fazem tomar outras me-

di-



didas mais certas, teremos alguma razão de crer que nos salvaremos?

A nossa Religião he mui sincera; não póde deixar de condemnar hum procedimento tão irracional. Deos quer ou tudo, ou nada: bem pouco merece elle, se não merece que se lhe dê tudo. Toda a divisaõ dos coraçõens, lhe he extremamente injuriosa. Porque em fim nunca nos dividimos desta sorte, senão com aquelles, em quem não achamos bastantes merecimêtos, ou auctoridade. Deos tem horror destas restricções, e divisoens. Praza a Deos que fosseis, ou frios de todo, ou de todo fervorosos, diz a Escriptura, mas porque sois tibios, e não sois nem frios de todo, nem de todo fervorosos, eu começarei a vomitar-vos da minha boca. E quem são estes, senão os que servem a Deos com o coração dividido?

Será pois logo necessario ser perfeito? dir-se-há. E que maior bem, que objecto mais digno da nossa ambição, que huma santidade sublime? Mas he sem duvida, que para a salvação não he precisamente necessario ser perfeito; o certo he, que segundo a palavra de Jesu Christo, todos devem caminhar efficazmente á perfeição do seu estado, e tomarem os meios necessarios para chegarem a ella.

Não estamos obrigados todos a abraçar o estado mais perfeito: mas todos temos huma obrigação indispensavel de trabalhar com cuidado, em aperfeiçoar-nos no estado, em que a Providencia nos há posto. Nenhum há, que esteja izento do preceito de amar a Deos com todo o seu coração, e com todas as suas forças, de ter horror a todo o peccado, e de tomar todos os meios necessarios para chegar ao seu fim ultimo.

Porém se isto assim he, sendo tão raro o

numero dos homens , que tem huma boa vontade , haverão bem poucos , que se salvem. Ah ! quem poderá duvidar de que este numero seja mui pequeno , depois que Jesu Christo o há dito de hum modo tão significativo , e tão claro ?

Achaõ-se muitos , que anem a Deos de todo o seu coração ? E se não observamos este primeiro preceito , podemos dizer que a vontade que temos de salvar-nos he sincera ? Em quanto quizermos servir-nos só de certos meios , sem fazer caso dos outros ; em quanto confiarmos muito em certas boas obras , sem trabalhar em reprimir certas paixoes , que nos são huma fonte inexaurivel de peccados : poderemos dizer com verdade , que queremos sinceramente salvar-nos ?

Eu bem vejo , Senhor , que atéqui só tenho tido huma meia vontade , que não tem servido mais , que de divertir-me , e esconder-me o perigo evidente , em que estou de perder-me. Porém eu estou resolute , meu amavel Salvador , e parece-me , que bem sinceramente , de ser daquelles , que querem sarar a todo o custo. Tenho alguma razão de crer , que a minha vontade he sincera ; porém he necessario , que a vossa graça a faça eficaz , e isto espero eu da vossa infinita misericordia. Estou convencido , que para me salvar he necessario tomar todos os meios necessarios para isso : e assim não tendes mais , meu Senhor , do que fazer-me conhecer , o que quereis que faça , e protesto , que não serei jámais escaço , nem me dividirei mais no vosso serviço. Mandai , porque estou prompto para obedecer vos : *Paratum cor meum , Deus , paratum cor meum.*

## SEGUNDA MEDITAÇÃO

Para o mez de Agosto.

*Da tibieza.*

## I. PONTO.

*Não há estado mais perigoso para a salvação, que o da tibieza.*

**C**onsidéra, que por estado da tibieza se entende a disposição de huma alma, que se limita tão sómente a fugir dos peccados graves; e que nenhum caso faz das faltas mais leves, e as commette sem temor, e sem remorso; que faz os exercicios espirituaes com negligencia; cujas oraçoens são sem attenção; as confissoens sem emenda; as communhoens sem fervor, e sem fructo.

Neste estado a alma tem huma certa insensibilidade para as mais altas virtudes, a qual brevemente degenera em hum desgosto, e fastio. Ella sente huma não sei que frouxidão no serviço de Deos, que lhe faz o jugo do Senhor pesado, e insupportavel, e se derrama indistinctamente por todos os objectos, e quasi nunca está attenta; nem a si, nem a Deos.

Neste estado expõem-se sem escrúpulo ás occasioens perigosas; não se obra o bem mais que por humor, ou por inclinação; cumprem-se certas obrigaçoens de piedade só por costume: e com tanto, que guardando certas medidas, e certos exteriores de Religião, se livrem das reprehensioens daquelles, com quem o interesse obriga a  
con-

condescender; pouco caso se faz de agradecer a Deos, e quasi nada se faz sem lhe desagradar.

Deixamo-nos cahir facilmente em toda a sorte de peccados veniaes com conhecimento claro, e de proposito deliberado; todas as praticas de piedade, de que nos não pôdemos dispensar, são acompanhadas de enfado, e de fastio. Logo se segue hum apartamêto, e huã averfão occulta ás pessoas de piedade, porque a virtude he huma molesta censura, e reprehensão da nossa vida. Só com os imperfeitos se dão bem estes tibios, porque as suas imperfeições sempre auctorisã a relaxaçãõ.

Daqui nascem logo as amizades particulares, tão perniciosas á salvaçãõ destes mesmos falsos amigos. Logo as murmuraçoens, que se fazem da pontualidade das pessoas de piedade: murmuraçoens malignas, que acabaõ de extinguir em huma alma os poucos bons sentimentos, que lhe restavaõ, e por cume de todas as desgraças, forma-se huma falsa consciencia, a cujo abrigo huma pessoa, que por outra parte frequenta os Sacramentos, e se lisongea de fazer algumas boas obras, nutre em si averfoens occultas, invejas venenosas, apegos perigosos, e ainda peccaminosos, hum espirito de amargura, e de murmuraçãõ a respeito dos Superiores, hum fundo de amor proprio, e de soberba, que se espalha quasi em todas as acçoens proprias, e outros infinitos defeitos desta natureza, no meio dos quaes vive huma pessoa socegada, persuadindo-se falsamente, que em tudo isto não há culpa grande: e até buscando razoens para desculpar faltas, que Deos não deixa de condemnar por peccados graves, e que ella mesma na hora da morte, quando a paixãõ já lhe não impedir ver as cousas como em si são, condemnará como taes. Porém he bem facil ver, em quanto perigo tem a sua felicidade eterna, que está neste estado. Na

Na verdade he bem para temer o estado de huma alma em peccado mortal : e com tudo o estado da tibieza, conforme o sentimento do mesmo Jesu Christo, he de algum modo peor, que o do peccado. Seria bem para desejar, dizia o Anjo do Apocalipse, ou que fosses totalmente frio, ou totalmente fervoroso : mas porque es tibio, e nem es frio, nem fervoroso, eu começarei a vomitar-te como hum manjar sem sabor, e fustidioso, que o meu coração já não pôde soffrer, e que sou obrigado a lançar fóra.

Ah ! Jesu Christo não tem horror dos maiores peccadores, todos achão o seu coração aberto para o perdão dos seus peccados : o mesmo Judas não fazia horror a Jesu Christo : e este mesmo Senhor tem horror de huma alma tibia, e esta alma tibia não acha neste Divino coração accesso, nem aquelles affectos cheios de ternura, que sempre achão nelle os peccadores. E que esperança podem elles ter de salvar se neste estado?

Ainda que hum homem tenha vivido nas maiores desordens, ainda que tenha commetrido os maiores peccados, é esteja mettido nos maiores embaraços; por mui difficultosa que seja a sua conversão, nunca deve desesperar de salvar-se. Como elle conhece as suas desordens, está mais em estado de ser moyido dellas, e de conhecer o seu horror, do que o tibio.

Representa-se-lhe fortemente o rigor, e a duração dos tormentos eternos, quando se lhe falla da morte, e da severidade dos juizos de Deos. A imagem destas terriveis verdades, que espantão pela sua novidade, e abrandão com a sua força a huma alma, que talvez nunca tinha cuidado nellas, e que são capazes de converter os maiores peccadores, fazem pouca impressão em huma alma tibia. Só a vista de hum Crucifixo, he instru-

frumêto da graça para fazer mudar hum impio , que talvez nunca tinha attendido a este Divino objecto : mas nada de tudo isto he capaz para mover huma alma tibia.

Todos estes poderosos remedios lhe são inuteis : a tibieza he como huma febre lenta , para o dizer assim , que dura por algum tempo , mas finalmente se vem a morrer della.

Como os peccados , que commette huma alma tibia , não são peccados muito graves , e escandalosos , que fazem horror ás consciencias hum pouco timoratas ; mas são de ordinario puramente interiores , e se achão misturados de algumas boas obras exteriores : escapaõ facilmente a reflexão de huma alma , que vive dissipada entre o tumulto ; e assim não conhecendo a grandeza do seu mal , não faz diligencia alguma para lhe pôr remedio.

Além disto , tudo se faz inutil a huma pessoa , que está neste estado. Oraçoens , avisos , liçoens , Missas , meditaçoens , Sacramentos , nada lhe aproveita : ou seja porque o poueo fructo , que até entã tinha tirado de tudo isto , a tem desgostado de todos estes exercicios ; ou porque estando acostumada a estes saudaveis remedios , fazem já menos effeito nella. Tem ouvido fallar infinitas vezes das grandes verdades da Religiaõ , e sempre inutilmente : infinitas vezes tem falla do dellas aos outros , e se tem enturecido com tudo isto. Estas verdades tão penetrantes , e tão capazes de converterem a qualquer pessoa , já não fazem alguma impressã em seu espirito : assim como aquelles , que assistem aos moribundos , depois de hum certo tempo , já se não movem , nem se horrorisã com a morte.

Huma alma , que vive na tibieza , recebe poucas graças ; porque ella he muito infiel nessas mes-  
mas

mas poucas, que recebe. As suas faltas sempre são consideráveis, porque vão sempre acompanhadas de hum maior desprezo, de huma malicia mais injuriosa, de huma ingratitude mais feia, que a dos outros peccadores. A mistura odiosa do bem, e do mal, que he o caracter de huma alma tibia, faz bem ver quanto a sua conducta he injuriosa a Deos. O bem apparente, que ella faz, bem mostra, que a razã porque pecca, não he por se haver esquecido de Deos; porém o modo imperfeito, e frouxo, com que se faz esse bem, mostra claramente a pequena idèa, que tem de Deos, a quem serve com tanta indifferença, e com tanto desgosto.

Tambem podemos dizer, que este desgosto he mutuo: ella se desgosta, e enfastia de Jesu Christo, e este Divino Senhor, tambem se enfastia, e se desgosta della. Não nos devemos logo admirar, se estas taes pessoas, quando sahem da communhão, estão tão dispostas a tornar a cair em seus antigos defeitos, e a commetter suas primeiras faltas, como se não tivessem commungado.

Não nos espantemos se as reprehensões as mais saudáveis, não produzem nellas alguma emenda. Ellas vos ouvem sem alteraçã, destruindo todas as advertencias caritativas com o pensamento das suas pretendidas boas obras, e com o horror, que, dizem, tem dos peccados graves. Aqui, como em hum penhasco, ou em hum rochedo, se quebraõ ordinariamente todos os bons affectos, que Deos lhes dá, e todas as inspiraçoens, que as persuadem a mudar de vida.

Daqui procede aquella cegueira fatal, aquella insensibilidade horrorosa, que he o mais rigoroso de todos os castigos, e o cume de todas as desgraças. Vive-se deste modo em huma inteira indifferença para com Deos, em hum fastio conti-

nado no seu serviço : e será provavel , que huma pessoa vivendo neste estado , venha a morrer em hum grande amor de Deos :

## II. P O N T O.

*Naõ há estado , de que seja mais difficuloso sabir ,  
que o da tibieza.*

**C**onfidéra , que naõ sómente este estado da tibieza he perigosissimo para a salvaçaõ ; mas o que ainda he mais para admirar , que he quasi sem remedio , e que quando estamos neste estado , he quasi impossivel sahirnos já mais delle.

Para sahirnos de hum estado perigoso , he necessario conhecer que estamos nelle , e conhecer o seu perigo : e isto he verdadeiramente , o que huma alma tibia naõ conhece.

Ainda que hum peccador esteja submergido nas maiores desordens , naõ lhe custa conhecer o perigo , em que está ; sempre há momentos felices , nos quizes com o favor do menor raio de luz da graça , descobre tantas disformidades na sua alma , que elle mesmo he o primeiro em chorar a sua desgraça : e este mesmo conhecimento , esta confissãõ laudavel , fazem a sua conversãõ me-  
nõs difficulosa.

Huma alma tibia naõ crê já mais , que está no estado da tibieza. Por quanto , póde-se dizer , que assim , que se conhece , que se vive neste estado , começa-se a sahir delle : só huma alma fervorosa descobre a desgraça de huma vida tibia , exaqui o que faz o remedio de huma alma tibia , e frouxa , taõ difficuloso ; porque caminho lhe persuadirãõ , que ella está neste estado , pois que a cegueira do entendimento he o primeiro effeito da tibieza ?



Como ella se relaxa pouco a pouco, insensivelmente se familiariza com o peccado. Ella se acostuma aos seus defeitos, e assim vem a comprazer-se nelles. Nada a penetra, nada a move neste estado, não desconfia já mais de cousa alguma; não acha em si mesmo nunca alguma cousa nova, que escandalize; acha-se nesta tibieza sem deixar hum só dos seus costumados exercicios de piedade, a tibieza toma sempre o seu principio das imperfeições, que insensivelmente entraõ em os proprios exercicios: e esta pessoa assim neste estado, tira a si mesmo a vista de muitos defeitos verdadeiros, com a apparencia de huma falsa virtude: e exaqui o que contribue tanto a fazer este mal quasi incuravel. Até parece, que o mesmo Deos, que faz tanto estrondo para despertar hum peccador, se calla, e impede qualquer bulha, que poderia despertar huma alma tibia, para a deixar morrer em o seu fatal letargo. Eu começarei, diz elle, a vomitar-te; começarei, não será pois logo de repente, mas insensivelmente, pouco a pouco, obscuramente, sem clamor, com medo, de algum modo, que ella o sinta: de sorte, que huma alma he rejeitada, he reprovada, sem que lhe pareça, que o he, sem que desconfie nada do desgraçado estado, em que está.

Porque razão logo podemos esperar, que esta alma venha a querer sahir deste infeliz estado? Como poderá ella sahir d'elle? Por cume de toda a desgraça, neste estado os conselhos dos melhores amigos, as advertencias mais saudaveis de hum sabio, e prudente Director, de hum Superior zeloso, os bons exemplos, tudo tudo, he mal recebido. E esta insensibilidade, este endurecimento vai algumas vezes tão longe, que parece está huma pessoa possessa. A Fé parece estar nella extincta, a mesma razão está impedida; vem-se nella signaes  
sensi-

fenfíveis de hum funesto desamparo de Deos, e de huma reprobacão certa.

Todo o mundo deve temer hum taõ funesto, e taõ terrivel estado: porẽm aquelles, que exhortaõ os outros á pratica das virtudes, que elles mesmos naõ tem, o devem temer mais que ninguém. Estas pessoas taõ zelosas da perfeicão dos outros, e que tambem sabem reprehender os menores defeitos; cahem ordinariamente na tibieza, se desprezaõ corrigir-se de suas proprias imperfeicoens, e se se dispensaõ a si mesmas da pratica das virtudes, que aconselhaõ. Toda a sua piedade se reduz, a saber fazer humas bellas imagens della, e a mostrarem os caminhos, que conduzem á Perfeicão; ao mesino tempo, que ficaõ mui tranquillamente assentadas no caminho.

Temos visto, diz S. Boaventura, os maiores peccadores sabirem das suas desordens, e fazerem huma sincera penitencia; mas naõ temos visto quasi nunca huma alma tibia sair da sua frouxidaõ. E isto mesmo he, e que fez dizer a S. Bernardo, que muito menos difficultoso he mover, e converter a hum secular por mui máo, que possa ser; do que a huma pessoa Religiosa, que vive com tibieza.

Isto tambem he o que pòdem significar estas terriveis palavras de S. Paulo, que devem fazer tremer a todos aquelles, que se relaxaõ, depois de terem sido fervorosos no serviço de Deos. He impossivel, isto he, muito difficultoso, que aquelles, que huma vez foraõ illustrados, e que gostaraõ dos dons do Ceo, que tem sido participantes do Espirito Santo, que tem gostado, qual he a excellencia da palavra de Deos, e quaes saõ as maravilhas de seculo futuro: he impossivel, que estes taes se renovem fazendo huma boa penitencia, pois que novamente elles crucificaõ ao Filho  
de

de Deos em si mesmos, e fazem delle hum objecto de irrisão, e de escarneo.

Julgai por estas palavras do Apostolo, quanto difficultoso he, que os que huma vez forão illustrados, que receberão muitas graças, que forão favorecidos com os dons do Espirito Santo, com preferencia a outros muitos, e que gostarão as doçuras da vida espiritual, e as grandes, e ineffaveis verdades eternas; e que depois de tudo se desgostão, e se enfatiam do serviço de Deos, que dão em huma frouxa relaxação, e finalmente cahem em suas primeiras desordens; julgai, digo, quanto he difficultoso, que estes taes se tornem já mais a levantar.

Porém, meu Deos, de que servirá tudo isto a huma alma tibia, se vós mesmo por hum milagre da vossa misericordia, lhe não fazeis conhecer a sua desgraça? conhecer-se-há ella já mais a si mesma á villa deste retrato, se vós lhe não disseres interiormente, que esta he a sua imagem? E de que lhe servirá o conhecer-se, se vós lhe não dáis huma graça poderosa, que a faça sahir deste infeliz, e lamentavel estado?

Consideremos agora aqui, se temos nós mesmos alguma cousa para temer. Como aquelles que estão neste estado de tibieza, querem ordinariamente exercitar todas as praticas de Piedade, ou seja por natural humor, ou por curiosidade; he certo, que muitos destes haõ de vir a ler esta Meditação, tendo este dia de Retiro. Nenhum se lifongêe, todos podemos tirar algum fructo della: Por pouco, que nos examinemos seriamente, e que façamos reflexão sobre a nossa conducta, grande maravilha será, se não reconhecemos em nós algum signal de tibieza.

Que fructo tiramos nós dos Sacramentos, e da Oração? Que progresso fazemos na virtude?

Vamos

Vamos nós crescendo em humildade, em caridade, e devoção? Se sempre nos achamos quasi os mesmos, isto he hum signal da nossa relaxação, e da nossa tibieza.

Porém, que esperança há de reduzir huma pessoa, que está neste estado? O seu mal he sem remedio; ella mesma não quer remedio, porque não conhece o seu mal. He como hum enfermo tanto mais desesperado, quanto mais mofa, e murmura dos que o julgaõ enfermo: e isto mesmo faz dizer, que não he menor milagre converter huma alma tibia, do que dar vista a hum cego, e vida a hum morto.

Só vós, ó meu Deos, e meu Senhor, podeis fazer este milagre: não há mal algum por mui incuravel que pareça, que vós o não fazeis se quizerdes. He verdade, que o aborrecimento, e fastio, que tendes de huma alma tibia, me faz temer tudo; he impossivel pedir-vos eu por isto com a mesma confiança, que o faço, quando vos peço pela conversão dos maiores peccadores. Mas, meu Deos, conheço, que tenho estado atéqui neste triste estado de tibieza, e este conhecimento, que me dais, me faz crer, que quereis, que saia delle. Não permittais, que esta nova graça, que talvez será para mim a ultima, me seja tambem inutil: vós quereis que eu me salve, eu tambem o quero; e de quem será a culpa se me não salvar?

Bem sei que devo desconfiar daquelles fervores, que passão, e daquellas resoluções infructuosas, ordinarias aos que vivem na tibieza. Nenhuma alma tibia há, que não faça alguns esforços, ao que parece, para sahir da sua frouxidão, e cobardia: mas a sua fraqueza, e a sua miseria sempre prevalecem: as inspiraçoens são como huns relampagos, que em hum momento se desvanecem, as conversoens são humas fracas levezas: o

meu modo de viver não he huma prova bem clara disto?

Não o permittais, meu doce Jesu: fazei que eu sirva antes de exemplo de conversão, e de motivo forte de confiança a todos os Christãos cobardes, que desesperão da sua salvação: *Domine, ut videam*; conheça eu todos os dias mais a grandeza do meu mal, e o perigo evidente do estado da ribieza, em que me acho, e não me deixe hum só momento a vossa misericordia.

## TERCEIRA MEDITAÇÃO

Para o mez de Agosto.

*Dos pezares, e dôres, que hum Christão imperfeito sente na hora da morte.*

### I. PONTO.

*Quaes são os pezares de huma alma tibia na hora da morte.*

**C**onfidéra, que remorsos, que cruéis dôres, e pezares, tem huma alma tibia alguns momentos antes da morte, só as reprehensões, que Deos lhe faz, e que ella faz a si mesmo, são hum Inferno antecipado.

Como ella tem sido instruida nas verdades da Religião, passou muitos dias no serviço de Deos, conheceu o nada dos bens creados, soube mui bem o preço da virtude, e soube todos os caminhos da perfeição, sem ter valor de caminhar por elles; todos estes objectos juntos se apresentaõ á sua imaginação, e a entregaõ ás mais tristes reflexões.

Traz

Traz á memoria os seus primeiros annos , em que a innocencia lhe fazia gostar hum prazer tão doce no serviço de Deos : representá-se-lhe aquelles dias de fervor , e de zelo , em que todos os caminhos do Ceo pareciaõ tão planos , e as luzes sobrenaturaes faziaõ ver o nada das creaturas com huma clareza tão excellente : pergunta a si mesma , porque não perseverou neste tão feliz estado : busca a origem da sua relaxação , e a causa do seu desgosto , e do seu fastio no serviço de Deos ; e não acha outra alguma mais , que a sua má vontade , e huma vergonhosa cobardia.

E que sentimentos , que indignação contra si mesma , quando considéra na desordem , e na irregularidade da sua vida passada ! Vê que entãõ eria , e tinha bastante conhecimento de Deos , para poder julgar , que elle só merecia o nosso coração , e os nossos serviços : e como pôde succeder , que com esta Fé , com este conhecimento o servisse com tal desgosto , com negligencia , e com huma meia vontade ?

Qual foi o principio ; e o principal motivo da minha mudança ? ( diz entãõ esta alma moribunda , cuja conversãõ feita nos seus mais bellos annos , tinha edificado tanto ao publico ) por ventura não foi o desejo sincero de me salvar , e a vontade efficaz de amar a Deos , que me fez quebrar todas as cadêas , que me tinhaõ presa , renunciar todos os vaõs passatêmpos , e buscar no seu serviço huma felicidade pura , e sólida ? Comecei com fervor ; e porque me afrouxei logo tão brevemente ? Que achei na pratica da virtude , que me pudesse enfastiar ? He mudavel o Senhor , a quem eu servia ? Não he elle igualmente amavel em todo o tempo ? Porque não tive para com elle sempre os mesmos cuidados , o mesmo zelo , e a mesma ternura ?

Representa-se entãõ vivamente a huma alma ti-

bia, o grande numero de confissoens sem emenda, e esta multidaõ de communhoens infructuosas; ella vê todos estes actos de virtude taõ enfraquecidos pela pergiça, e cobardia, com que os acompanhava; vê a summa tibieza, que lhe fez perder o merecimento das suas boas obras. Que afflicçaõ, que tormento, e que penetrante dor sente naquella hora!

O espirito sempre participa das fraquezas do coração, huma alma cobarde no serviço de Deos tem humas luzes mui fracas; dispensa-se sem difficuldade de muitas pequenas obrigaçoens; a sua vida he hum encadeamento, e como hum tecido de pequenas faltas, que se commettem sem escrupulo: na hora da morte se dissipã todos os neveiros, aquellas omissoens já não parecem peccados leves, as faltas já se não olhaõ como simples imperfeiçoens, a sua gravidade já não he diminuida com o nome de fraqueza: oh! que dor, por se ter apartado do estado fervoroso! Que dor, por ter servido a Deos com tanta tibieza, e cobardia!

Que pesar, quando conhece, que a devoçaõ, que teve, não foi mais, que huma perguiça disfarçada, e que em lugar de amar a Deos, amou-se a si mesma! Que dôr, quando ve, que o principal motivo, que a fazia obrar, era huma soberba occulta, e que nunca teve outro algum zelo?

Que lamentavel he huma pessoa Religiosa imperfeita, nestes ultimos momentos! Que cruel afflicçaõ lhe não fazem padecer os seus tyrannos pezares!

Hum Religioso, que tem vivido huma vida tibia, e imperfeita, que na verdade não viveu em desordens, mas viveo tibiamente; que buscou de algum modo guardar os seus votos, porém facilmente se dispensou da observancia das suas regras: olhará com socego, e sem alteraçã a sua cobardia, e a sua tibieza?

Era por ventura necessario tanto, para ter huma  
ma

na tão triste sorte ? Eu tinha feito tantas cousas para buscar huma boa morte, diz hum Religioso imperfecto, e esteve só na minha mão ter huma morte mais feliz : que cruel dôr !

Era necessario fazer tão grandes sacrificios entrando na Religiaõ, para viver nella tão imperfectamente, como teria vivido no mundo ? Deixei parentes, amigos, riquezas, prazeres, todas as commodidades da vida, para buscar huma morte focogada, huma morte santa ; e morro cheio de horror, e turbaçaõ ! oh que terrivel, e cruel he este pensamento !

Vemo-nos no fim da jornada, e achamo-nos só com meio caminho andado ; vemo-nos assaltados da noite, e ainda nos resta hum espaço quasi infinito para chegar ao termo prescripto : que pesar sentimos, por nos ter demorado sem razaõ alguma no caminho !

Mas por ventura tivemos nós muito descanso ? Naõ só temos caminhado, temos corrido, temo-nos cançado, mas sempre desviados do caminho. Tomámos outros caminhos errados, quize-mos satisfazer ao nosso amor proprio, e ás nossas paixoes, caminhámos frouxamente, e nem por isso nos cançámos menos. Estariamos menos fatigados, se tivessemos caminhado sempre, e mais depressa. Acaba-se o dia, sobrevêm a noite, já naõ ha mais tempo, e vemo-nos muito apartados da Perfeição do nosso estado, e he preciso dar conta dos meios, que tivemos para chegar a ella : que horror só com a lembrança do abuzo, que fizemos na vida destes meios ! Que pesar naquella hora, por termos feito huma tão grande falta !

As regras naõ obrigavaõ debaixo de peccado ; porém podia eu guardar perfectamente os meus votos, sem guardar as minhas regras ? Tinha-me eu feito Religioso, para naõ viver huma vida



vida regular? Em quanto dura a vida dizemos, que o faltar a huma observancia he pouca cousa; mas na morte se discorre de muito differente forte. Faltar a alguma observancia da Regra, he pouca cousa: porém faltar quasi todos os dias da vida a algum ponto della, será isto pouco? Não guardar quasi nenhuma regra, ou guarda-las imperfeitamente, e como por hum certo decoro exterior, será isto cousa muito leve? Não importará isto nada?

Oh meu Deos, que mortal dôr, por não dizer que desesperaçã, será apparecer diante do Soberano Juiz, com hum nome, com hum titulo, do qual se não tem satisfeito, mas sim desprezado, todas as obrigaçoens! Hum Christã com costumes de gentio; hum Religioso com inclinaçoens, e maximas todas seculares; hum homem, que ensinava a lei, que não guardava; hum Director das almas no caminho da Perfeiçã, que não viveo com regularidade, mas muito tibiamente: huns, e outros no fim da sua carreira, no momento decizivo da sua Eternidade, serão opprimidos, e atormentados com huma cruel, e sensível dôr.

Eu fiz a maior parte das cousas, que estava obrigado a fazer; ao menos fiz as mais principaes, as mais custosas: porém a tibieza, com que cumpri todas estas obrigaçoens, me fez perder todo o merecimento. Se eu as fazia por Deos, porque não as cumpri com pontualidade, e fervor? Ah! se o tivesse feito! Mas não o fiz, nem estou já em estado de o fazer. E agora serei julgado sobre estas mesmas obrigaçoens, e sobre esta negligencia.

Tive todo o trabalho do estado, que tinha abraçado; huma pouca de devoçã, e de regularidade me terião suavizado os mais penosos trabalhos;

balhos ; huns motivos mais puros teriaõ exaltado o seu merecimento : huma perguica indigna , huma fastidiosa cobardia , hum desgosto irracional me privaraõ de todas estas vantagens , e de todas estas utilidades ; trabalhei , affigi-me sem merecimento , e morro sem consolaçaõ.

Por mui grande que seja o numero dos imperfeitos , nunca faltaõ bons exemplos na hora da morte ; vem á memoria a regularidade , a modestia , a piedade taõ edificativa dos que viviaõ no mesmo estado , cujo exemplo se naõ quiz seguir ; que fecunda fonte de pezares !

Para que tinha eu tomado o partido da Devoçaõ ? Para que me tinha feito Religioso ? Porque naõ imitei os mais fervorosos ? Porque servi a Deos com perguica , e cobardia ? Porque cuidei taõ pouco na Eternidade , e trabalhei taõ mal na minha salvaçaõ ? Para que me deixei cegar , e arrastar daquillo , que eu mesmo condemnava , quando dava as minhas instrucçoens aos outros ? Para que segui as minhas paixoens , e os meus desejos , crendo tudo o que cria , e sabendo muito bem que para me salvar , era necessario viver conforme ás maximas do Evangelho ? Que terei entaõ para responder ? E que terrivel tormento , quando naõ ha nada que responder !

Eu estou todo opprimido , e aterrado , meu Divino Salvador , com todos estes pezares ; eu sinto toda a sua amargura , toda a sua viveza. Fazei , Senhor , se vos agrada , que a sinto ainda mais : mas concedei-me que viva daquí por diante de tal forte , que seja livre dell'es naquelle ultimo dia.

## II. PONTO.

*Reflexões sobre os sentimentos, que huma alma tibia terá na hora da morte.*

**C**onsidera, que terrivel será hum pezar, que foi dantes previsto, que facilmente se podia evitar, e se adquirio por propria culpa.

A ignorancia, as falsas preoccupações, as difficuldades da execucao diminuem qualquer pezar, abrandaõ, e afroxaõ a agudissima dôr, com que penetraõ a alma; porém quando soubermos, ou podemos saber as proprias obrigações, quando gostamos sufficientemente da virtude, para podermos julgar da sua doçura, e da sua necessidade, quando vemos que restava já menos para fazer, do que tínhamos feito, para viver bem; certamente he isto hum sentimento, huma dôr taõ viva, e taõ cruel, que ninguem poderá imaginar hum tormento mais terrivel. O Viatico, a vista do Crucifixo despertaõ entaõ os mais tristes pensamentos; e tudo, o que naquella hora se pôde dizer que conforte a hum moribundo, muito longe de animar a sua confiança, lha diminue, e extingue. Todos julgaõ q̃ seguraõ, e consolaõ a huma alma tibia, pondo-lhe diante dos olhos o bem, que ella fez; porém estará ella contente com este bem? Vê entaõ todos os defeitos, com que o acompanhou, e naõ descobre em todas as suas devoções, mais que hum especioso exterior, mais que hypocrizia.

Fallaõ-lhe na sua modestia, nas suas boas obras, e em outras muitas bellas praticas de piedade. Se he algum Religioso, trazem-lhe á memoria os Sacrificios, que fez, consagrando-se a Deos. Tudo na verdade consolaria muito a huma alma, se a inconstancia no serviço de Deos, e

a tibieza lhe não tivessem feito perder todo o merecimento de todas estas boas obras, e o preço desses grandes sacrificios.

Somos nós racionaveis? E que uso fazemos da nossa razão, se podendo livrar nos destes tormentos, o não fazemos de boa vontade? Ignoramos acaso, que vivemos como vivem aquelles, que na hora da morte se desesperaõ, por terem vivido tão mal? A nossa cobardia, a nossa perguiça no serviço de Deos, será huma fonte inexaurível de arrependimentos; e que precauçoens tomamos para nos guardarmos delles? Não temos neste momento hum grande pezar do passado? E com tudo obramos por isto nós agora muito melhor? E acaso esta continuada série, que vamos commettendo de infidelidades, diminuirá a fonte dos nossos pezares, e das nossas dores? Pois logo, em que fundamos a nossa confiança?

Trememos só com a lembrança deste deploravel estado. Quem poderá, dizem, rezistir a esta multidão de tristes reflexoens, que entãõ faremos contra nossa vontade? Nós mesmos as podemos prevenir neste momento: huma prompta, e sincera refórma de costumes, huma perfeita conversãõ, huma vida Christã, e fervorosa, he o unico remedio para hum tão grande mal, e nós temos este remedio na mão. Certamente bem merecemos morrer, e com effeito morreremos sem ninguem se compadecer de nós, já que só por nossa culpa não queremos sarar.

Abuzamos das maiores graças em quanto dura a vida, corrompemos tudo pela malicia da nossa vontade, que ordinariamente olha, como hum grilhaõ, e como hum pezado jugo, tudo, o que he bom. Perdemos hum tempo tão precioso, e o sacrificamos aos prazeres, ás delicias, á ociosidade; e desprezamos as obrigaçoens mais essenciaes.

Os tormentos, a que huma alma he entregue na hora da morte, vingão a Deos da insensibilidade, que houve para com elle, e do desprezo, que se fez em vida da sua Lei.

Ah! se eu estivesse, diz hum moribundo, ainda com perfeita saude! Ah! se eu ainda tivesse alguns daquelles excellentes dias, que tão mal empreguei; qual seria o meu fervor, e a minha exactidão no serviço de meu Deos! Que aborrecimento não teria a tudo, o que me tem lisongeado, a tudo, o que me tem divertido até aqui! Com que indignação, com que desprezo olharia para tudo o que se ha opposto á minha santificação?

A estes inuteis desejos, se segue logo o pensamento, de que estes dias na verdade existirão, que os tivemos como na nossa mão, e que os perdemos sem remedio: e que afflicção se segue a este pensamento!

As reflexoens, que se fazem sobre os cruéis pezares, de que naquella hora se vê hum como despedaçado, os faz ainda mais amargosos. Arrependimentos, que pude evitar! Pezares que estive na minha mão, e até me lembrei de prevenir! Estes sentimentos, que tinhaõ feito a materia de minhas reflexoens em tal dia de Retiro! Estes pezares, cujo pensamento só, me fazia tremer! Estes pezares, que pareciaõ tanto mais espantosos, quanto eraõ mais bem fundados! Estes pezares, que eu muito bem sabia haviaõ de ser eternos, e não os preveni! Tudo atormenta, tudo afflige.

Oh meu doce Jesu, que será de mim, se a vossa graça me não assegura? Eu ainda estou em estado de prevenir, e evitar estes mortaes arrepndimentos, por huma perfeita conversão. Que alegria, meu Divino Redemptor, por poder tornar

Nar para vós sem demora! Vós mesmo me dais por hum singular effeito da vossa Misericordia tempo, e graça para isto. Não seria eu o homem mais culpado de todos, se desde este momento me não aproveitasse de huma, e outra cousa? Sei que desejaes sinceramente que eu me converta, eu tambem o desejo de todo o meu coração; e exaqui o momento feliz, que me vai unir a vós, e livrar-me dos crueis sentimentos, que opprimem, e atormentaõ fortemente o peccador na hora da morte.

---

## MEDITAÇÕES

Para o dia de Retiro do Mez  
de Setembro,

---

### PRIMEIRA MEDITAÇÃO

*Dos descaminhos de huma alma, depois que se ha apartado de Deos, mostrados na Parabola do Filho Prodigio.*

#### I. PONTO.

*Em que desgraça se precipita huma pessoa assim que se aparta de Deos.*

**C**onsidera as infelicidades de huma alma, que facudindo de si o doce, e suave jugo do melhor Pai, que pôde haver, e desgostando-se do serviço de Deos, se serve da sua propria liberdade para se perder, e pa-

ra se apartar da fonte da verdadeira felicidade. Jesu Christo teve cuidado de nos representar todos os descaminhos do peccador na parabolâ do Filho Prodigio.

Hum homem, diz elle, tinha dois filhos; o mais moço pede a seu Pai a sua legitima, e tendo-a alcançado, o deixa logo.

Que razã tinha este filho para deixar a seu Pai? Elle era sustentado deliciosamente; servido de hum grande numero de domesticos; amado, e respeitado; vivia no meio da abundancia, e sem cuidados na caza de seu Pai; este lhe prevenia tudo o necessario, tudo concorria a faze-lo feliz, e a dar-lhe huma vida descansada, e a esperança de huma rica herança punha o cume á sua felicidade. Quando por hum louco capricho, elle despreza todas estas vantajens, e enfadado da fugeiçã, em que consistia toda a sua felicidade, deixa erradamente a caza de seu Pai, e quer elle mesmo só procurar a sua fortuna.

Isto mesmo he o que obra o peccador; pois cansando-se de viver com tanta paz no serviço de seu Deos, aborrece passar huma vida reguiada; já o enfastia a mui dilatada tranquillidade, parecendo-lhe que entre os tumultos do seculo, achará prazeres mais sólidos, e mais agradaveis.

Queremos antes revolver-nos nas cisternas cheias de lodo, do que beber nesta fonte de agoas vivas. Que tranquillidade mais doce, que estado mais feliz, que o de hum homem virtuoso? Superior a todos os accidentes da vida, elle vive descansado, entregue á Providencia daquelle, a quem nada pôde escapar. Vive seguro das tempestades no serviço de hum Senhor, que manda aos mares, e aos ventos. Pôde haver hum Pai melhor? Pôde haver hum Senhor mais digno de nos mandar? Exaqui pois a quem nos enfastiamos de servir, e amar.

Que

Que razaõ tinhamos de nos queixar do nosso Deos, quando nos apartamos do seu serviço? Meu Pai, dai-me a minha legitima: isto he o mesmo que dizer, confesso, Senhor, que me amais com toda a ternura de Pai; porém eu não gosto de ser vosso filho. Não tenho razaõ alguma para me queixar de vós; tendes-me cheio de beneficios, e de bens, não ha cousa melhor, do que servir-vos: mas deixastes-me a liberdade, e eu quero servir-me della para viver independente, e dissoluto; sois bom, liberal, Omnipotente, eu o confesso; porém já que está na minha vontade escolher hum Senhor, não quero escolher a vós.

Pasmosa cousa! Huma pessoa cheia, e trabbordando de beneficios, e de provas manifestas da bondade de Deos, apartar-se delle sem dôr, não se lhe dar de perder a sua amizade, viver na sua desgraça muito satisfeita! Ah, Senhor! bem pouco caso fazem de vós os homens, pois que nunca se alegrã tanto, como quando vos perdem.

He o mais moço da caza, que faz huma tão louca fugida. A falta de experiencia, e muitas vezes de discurso; huma idade, aonde só reinaõ os prazeres; huma facilidade em se deixar arrastar pela torrente, disculparã affaz a hum Christãõ, que contra toda a razaõ, movido só da sua desordenada vontade, deixa a seu Deos, e se rebella contra elle?

*Peregrè profectus est in regionem longinquam:* o Filho Prodigio ainda bem não tem perdido de vista a seu Pai, quando logo se esquece dos seus beneficios: anda muito caminho em poucos dias, e brevemente se acha em huma terra estranha, aonde atropelando o respeito de algum resto de Religiaõ, de decencia, e de honra, se entrega ás suas paixoes, e he huma funesta victima gellas.

Nin-



Ninguém se aparta de Deos, que se não desvie logo bem longe do caminho da verdade. O primeiro passo he hum naufragio; a alma, que só foi creada para Deos, só nellé pôde achar o seu descanso, e a sua felicidade. Assim que huma pessoa se despega desta pedra immovel, he arrastada pela torrente: a descida he rapida, a inclinação violenta, apenas dá o primeiro passo, não caminha já; mas corre, precipita-se no abismo.

Aquella pessoa tão Christã, dotada de hum natural tão feliz, e de tão excellentes inclinações; aquella pessoa tão circumspecta, tão prudente, que só parecia nascida para a virtude, perde todas estas qualidades: em hum instante parece que perde a innocencia, e que só segue as suas paixões.

Aquelles, que tem sido mais pios, se se chegam a perverter, commettem os maiores excessos, esquecem-se de si mesmos, a Fé se enfraquece, a razão se offusca, e só domina as paixões: que desordens não causão estas em huma alma, que está dominada por ellas!

Os Religiosos se se enfastiã do seu estado, desmentem a sua profissão, deixã a Deos por huma vida pouco regular: que desordens, Senhor, em bem poucos dias! A cegueira, a obstinação, o desamparo, succedem às primeiras desordens, *in regionem longinquam*. Logo se achã muito apartados do Senhor, posto que estejão ainda na sua casa. A delicadeza de consciencia, os fervorosos affectos de piedade, tudo se vai embora. Ao esquecimento de Deos se segue a insensibilidade, e a esta, a obstinação: *Ecce qui elongant se à te, peribunt*. Que somos, ou que podemos ser, quando nos separamos da fonte de todos os bens!

He muito provavel, que naquelles Paizes remotos, o Prodigio em quanto teve com que entreter os seus immundos prazeres, não se lembrou de

de seu Pai, ou se o fez, foi só para censurar, e motejar a sua austera conducta. Exaqui os fructos de huma vida desordenada. O homem passa ás vezes annos inteiros sem ter hum bom sentimento, sem cuidar em Deos, em quanto vive no meio da abundancia, e entre delicias; ou se ás vezes se lembra d'elle, he só para murmurar das cousas mais santas, para pôr o sello á sua impiedade, e para fechar todos os caminhos á conversão.

*Et ibi dissipavit substantiam suam vivendo luxuriosè.* Tal he o effeito ordinario de huma desenfreada vida. Perde-se tudo, fazenda, faude, fama, descanso, e o que he mais para admirar, dessa mesma liberdade, que era o motivo, e fundamento destas desordens, fica privado o homem pelas desordenadas paixoens. Nunca elle teve tanta sujeição, tanta violencia; nenhum escravo ha mais opprimido, do que está hum coração feito alvo das suas paixoens; que escravidão mais dura, que a dos mundanos?

A necessidade, e a penuria pouco conhecida em caza de seu Pai, obrigou o Prodigio a fazer-se moço de servir, para não morrer de fome. A tanto chegaõ os que deixaõ a Deos; pois fóra d'elle, por mais que se deixem enganar com a idéa de huma felicidade fantastica, nenhum descanso, nenhuma prosperidade podem achar.

As entradas no mundo são bellas, e agradaveis; ellas prendem, e promettem muito: porém se se lhe busca o fundo, passados os primeiros dias, só se encontraõ caminhos errados. As crueis afflicçoens não são para os que vivem com regularidade, mas só para os que andaõ engolfados nos prazeres do mundo; por quanto assim que as paixoens estão desenfreadas, ninguem espere jámais ser socego.

Mas por ventura he isto huma cousa nova?  
Certa-

Certamente não: pois bem nos tem advertido isto os que por ahí tem passado. *Ambulavimus vias difficiles*. Todos os caminhos para o vicio são trabalhosos, pois não ha estrada mais cheia de espinhos, do que a que leva á perdição. Porém acaso far-nos-hão reflectir sobre nós mesmos estas difficuldades, deixaremos talvez hum caminho tão pernicioso, á vista dos espinhos, que são delle inseparaveis? De nenhum modo; antes cada vez nos confirmamos mais no nosso erro.

Olhai para o Prodigio: cahe em pobreza, e logo se faz escravo; carece de pão para viver em hum estado tão indigno de seu nascimento, e logo se abate até guardar os porcos. Bem quiz fartar-se do que comia estes viz animaes, mas ninguem lho dava.

O peccado não sómente faz a Fé morta, mas tambem offusca, e enfraquece extremamente a razão; com elle se corrompem quasi todas as boas qualidades da alma.

Deste modo, Senhor, he que se fazem semelhantes aos brutos todos, os que vos deixam: o amor da liberdade os engana, e ficam escravos, e pobres. Ninguem se entrega á sua propria vontade, que se não sujeite a huma escravidão. Mil dissabores, mil abatimentos, e os mais amargos pezares acompanham sempre huma alma desencaminhada. Só vós, ó meu Deus, e meu Divino Senhor, sois verdadeiramente nosso Pai, vós tendes cuidado de espalhares amarguras em os nossos vós prazeres, para nos obrigares a voltar para vós. Se achaffemos fóra de vós verdadeiro descanso, e doçura perfeita, ninguem cuidaria já na penitencia. Misturai, Senhor, nas nossas falsas alegrias todas as amarguras, para que desgostados de hum estado tão infeliz, abramos os olhos para ver a nossa perdição, e conheçamos que só no  
vosso

vosso serviço podemos ser felices, e que ficámos totalmente miseraveis, assim que nos apartamos de vós: *Ecce qui elongant se a te, peribunt.*

## II. P O N T O.

*As ineffaveis bondades de Deos para com a alma ;  
que torna para elle , mostradas na Parabola do  
Filho Prodigio.*

**C** Onsidéra com que bondade, e com que sabedoria dispoem Deos todas as cousas para a conversão de hum peccador. Aquella Providencia tão liberal, aquelles cuidados tão anciosos, aquella misericórdia tão vigilante, são certamente motivos bem urgentes para huma prompta conversão, a quem não está em hum horrivel desamparo.

*In se antem reversus*: O Filho Prodigio começa a reflectir sobre si; exaqui o primeiro passo do peccador, que cuida na sua conversão.

Ah meu Deos, que amavel he a vossa misericórdia! No tempo, em que o peccador se esquece, e se aparta mais de vós, então vos chegais mais para elle! As sandaveis reflexoens, que faz o Prodigio sobre o miseravel estado, a que se achia reduzido, as sensiveis comparaçoens, que faz do que he, apartado da sua casa, e do que era vivendo com seu Pai, e em fim esta reflexão em si mesmo, tudo são effeitos da vossa graça, e isto quando o peccador se tinha feito mais indigno della, pela sua obstinação, e pela sua impiedade.

Felice o momento, em que o peccador com o favor desta luz sobrenatural descobre seus erros, e seus descaminhos, e se poem a contemplar de vagar na indignidade, e na baixeza da sua eservidação.

Considerai em hum enfermo, que tem estado  
X  
alguar

algum tempo em delirio, o qual depois de ter o seu sangue repousado, e os espiritos já socegados, conhece todas as suas extravagancias. Huma parte da sua loucura era imaginar-se Rei, affectava modos, e ares de Soberano, fallava, mandava como Principe, ao mesmo tempo, que estava carregado de cadeias, como escravo, e todas as pessoas de juizo riaõ das suas imaginações: elle porém applaudia-se a si mesmo, fazendo sensível a sua alegria; e o seu estado causava compaixão. Tornando a si, sente o seu mal, vê o perigo, conhece a sua loucura; que confusão, que vergonha! Com tudo os seus delirios são desculpaveis, pois não são livres, nem elle os faz por sua vontade: porém o peccador pôde ser desculpado nas suas dissoluções?

Quando a razão não está cativa, por pouco juizo que haja, logo se condemnaõ as desordens de huma vida dissoluta. Que gosto pôde achar hum bom espirito nos frivolos passatempos? Pôde deixar de conhecer a vaidade, e a baixeza da felicidade, que tinha figurado na sua imaginação? Pôde deixar de se arrepender de ter deixado a casa de seu Pai, para seguir o seu capricho, e a sua paixão?

Ah Senhor! como apartaria das suas desordens as almas, huma pequena reflexão sobre as inevitaveis desgraças, que já mais deixaõ o estado do peccador, ainda até nesta vida! E porque razão se não haõ de fazer estas reflexões? Que pôde succeder? Se, fazendo-as, julgo, que nada perdi deixando o serviço de Deos, que nada tenho para temer no meu estado, que me não devo arrepender já mais da liberdade, em que vivo, e que qualquer sentimento contrario a este seria mal fundado, e que he melhor viver em huma terra estranha, e guardando, digamo-lo assim, os mais

viz animaes, do que se estivesse em casa de nosso Pai: entã estas reflexoens naõ nos persuadirã a deixar este partido, pelo contrario, ellas nos confirmarã nelle: pois para que tememos fazer estas reflexoens? He porque na verdade bem vemos, que se discorremos como hum homem prudente, teremos horror do estado, em que estamos, e nos indignaremos contra nós mesmos, por ter perdido o repouso, a alegria, a felicidade, e a abundancia, deixando o serviço do mais excellente Senhor, para nos entregarmos a todas as afflicçoens, e desasocegos, ás turbaçoens, á penuria, aos pezares, e ás maiores desgraças, entregando-nos á tyrannia das nossas paixoens.

*Quanti mercenarii?* Quantos criados, diz o Prodigio, há na casa de meu Pai, que tem paõ em abundancia, e eu aqui morto de fome! Que peccador, que homem dissoluto naõ tem bem causa para dizer o mesmo? Ah! o menor servo de Deos está accumulado de bens, e, gozando de huma doce tranquillidade, espera o fim dos seus dias com confiança, ao mesmo tempo, que o peccador passa a sua vida cercado de mortaes inquietaçoens, e acaba cheio de desesperaçã.

*Surgam, & ibo ad Patrem.* Eu me levantarei, e hirei ter com meu Pai: oh! que sabia resoluçã, que feliz designio! Hum raio de luz, e de esperança apparece no meio dos desasocegos da consciencia, e se resolve de todo a conversã: naõ podemos olhar para o nosso Deos, que naõ descubramos nelle hum fundo inexaurivel de bondade, e de misericordia: aquelles, que o considerã sempre fulminando raios, e cheio de colera, o temem sempre como Juiz, e nunca olhaõ para elle como Salvador.

Porém como me atreverei a apparecer na sua presença? Que desculpa terei para lhe dar de hu-

ma vida tão desordenada? Exaqui o que poderia impedir huma conversão tibia, e vacilante; mas hum coração verdadeiramente convertido, não desfalece por cousa alguma. Poder-se-hia temer, que esta resolução do Prodigio, não fosse mais, que hum projecto, e huma demora de conversão ordinariamente sem fructo: mas elle não se dilata hum momento, e apenas diz, eu hirei ter com meu Pai, já está posto a caminho.

Na verdade aquelles vaõs projectos de reformação, aquellas conversões para o futuro, não fazem mais, que adormecer o peccador: nas conversões quem se não rende á Graça em o mesmo momento, que ella o sollicita, põem-se a risco de nunca se converter. *Dicam, Pater, peccavi*: eu lhe direi, diz o Prodigio, meu Pai, pequei. A hum coração verdadeiramente contrito, não lhe he necessario dizer mais. Só com esta palavra, meu Pai, vem á memoria todos os beneficios, com que foi enriquecido na casa de seu terno Pai, e todos os signaes de ternura, que delle recebeo em todo o tempo, que esteve á sua vista. Que abundancia naquelle feliz estado, e que doçura, que vantagens nesta abundancia? *Peccavi*: e eu deixei tudo isto para seguir as minhas paixões. O desejo de viver em toda a minha liberdade, me fez insupportavel a presença de hum tão bom Pai. Eu lhe desobedeci, e o deixei, e commetti contra elle tantas offensas, ao mesmo tempo, que nunca me causou o menor desgosto, antes sempre me tratou com hum amor de verdadeiro Pai. Por tanto, o pezar, e a dor não me permitem dizer mais: pequei, *Peccavi*, e a vós, ó mais doce, e mais amavel Pai, he que eu offendi.

Ah Senhor! quando sentirei tanta dôr, e arrependimento de meus peccados, que baste dizer só esta palavra, pequei? *Peccavi*? Por ventura

tura ainda me não tendes dado bastantes mostras da vossa ternura? Ainda saõ poucas as offensas, que contra vós tenho feito? *Surgam, & ibo ad Patrem.*

Huma verdadeira contriçaõ sempre he acompanhada de confiança. Eu sou peccador, mas vós sois Pai: mereço ser castigado, e vós me podeis condemnar; mas não podereis esquecer-vos do quanto vos custei: vede que he hum filho, o que elama pela vossa misericordia; e se a pezar de todas as minhas defordens não deixastes de ser meu Pai, ainda que eu esteja tão culpado, sempre vos lembrareis agora que sou vosso filho.

*Et surgens venit ad Patrem:* elle parte no mesmo instante. Que infeliz he o que dilata a sua conversão para outro tempo! He possível, que no momento, em que Deos nos offerece com a sua graça, a sua amizade, ainda se ache algum homem, que não esteja de animo para se aproveitar deste feliz momento! Ah Senhor! não estou eu mesmo nesta disposição?

*Cum adhuc longe esset, vidit illum Pater ipseus, & misericordia motus:* assim que seu Pai o vio ainda de longe, sentio-se movido de compaixão. Meu Deos, que consolação achamos nestas figuras, e que animo daõ ellas á minha confiança, ainda á vista dos meus peccados! De bem longe começais sempre a olhar misericordiosamente para o peccador. Porém ao menos não seria bem a proposito, e ainda necessario, mostrar a este mancebo tão dissoluto, hum modo enfadado, dar-lhe huma boa reprehensão, huma correção saudavel, fallar-lhe com mostras de sentimento, por causa de hum procedimento tão irracional? Elle se occupa inteiramente com o prazer, que sente, vendo entrar outra vez este Filho Prodigio no seu estado antigo; este amavel Pai só attende entãõ á sua ternura, elle não o recebe, como Pai offendido, mas como



como Pai enternecido, e apaixonado. Meu Deos, com quanto cuidado procurais facilitar a conversão do peccador para vós, com exemplos tão fortes! Não poderíamos dizer, que a vossa felicidade depende da nossa, e que tendes maior interesse, do que nós mesmos na nossa salvação? E com tudo, a quantos são inúteis todas estas amorosas sollicitações? Admirai-se da vossa bondade, e ao mesmo tempo continuai em ser máos.

A liberalidade acompanha sempre o amor: *Cito proferte stolam primam.* Estabelecido o Prodigio nos seus direitos, em o mesmo momento, em que torna a entrar na sua obrigação, vestem-no tão sumptuosamente, como se não tivesse dissipado a sua legitima, e não se vê outra cousa mais, que festas, e instrumentos de alegria. Oh! meu Deos, que não fazeis para obrigar o peccador a apartar-se dos seus erros, e a voltar-se para vós! Bem longe de o intimidares com as vossas reprehensões, só fallais em festas, e em alegrias, com a sua vinda.

Humã bondade tão ineffavel não obrigará no mesmo instante a todos os peccadores, a tornar já para a amizade do seu Deos? He possível, que esta mesma bondade seja para alguns motivo, ou ao menos pretexto de perseverar no peccado?

Ah Senhor! como he capaz o coração humano de huma malicia tão excessiva! Ah! eu tenho bastante experiencia dos delictos, que sou capaz de fazer, assim que me aparto do verdadeiro caminho. Que razão tenho tido atéqui para me não converter? Ignorava acaso o miseravel estado da minha consciencia, e a extrema necessidade, que tenho de me converter? Temia que fosse muito cedo se o tivesse já feito? E que cousa me poderá daqui por diante impedir que o faça?

Nada, meu amavel Pai, nada me poderá deter; e se tenho imitado o Prodigio nas desordens,

dens, quero-o imitar na sua conversã. Nada me move mais, do que a vossa excessiva bondade, ó meu terno Pai, nenhuma outra cousa tambem me determina mais para me converter. Ah! Senhor, posso dar-vos gosto com a minha conversã, e ainda tardarei em dar-vos este prazer? Vós vos doeis da minha perdição, e a mim não me pezarã de vos ter perdido?

He certamente muito o disputar-vos huma satisfação, que vos há custado tanto, e que para mim he tão util: gozai pois da doçura de ver a vossos pés o vosso triumpho. Este he hum Filho Prodigio, que não sabe dizer outra cousa, senão que há peccado: he hum coração contrito, e humilhado, que vos adora, que clama pela vossa clemencia, que não quer já deixar hum tão bom Pai, e que quer daqui em diante ser todo vosso, e amar-vos eternamente.

## SEGUNDA MEDITAÇÃO

Para o mez de Setembro.

*Dos dois estandartes, ou da obrigação de nos declarar descubertamente por Jesu Christo.*

Esta Meditação he chamada assim, porque Santo Ignacio fórma nella a idéa de dois Capitaens, que querem alistar para si soldados. Hum he nosso Senhor Jesu Christo, que os convida a combatter debaixo das suas bandeiras: o outro he o Demonio, que tendo intentos todos diferentes, dá á sua companhia hum estandarte totalmente diverso.

## I. PONTO.

*Os falsos atractivos, de que o Demonio se serve para nos enganar.*

**C**onfidéra que o amor dos prazeres, o amor das honras, e o amor das riquezas são ordinariamente os motivos, que fazem obrar os homens, e que movem todas as paixões. O inimigo da nossa alma, que conhece quanta inclinação tem os homens para estes tres objectos, nunca lhes apresenta outros.

Confidéra, diz Santo Ignacio, a Lucifer, que tem usurpado o nome de Principe do mundo, assentado em hum throno de fogo, rodeado de huma multidão innumeravel de Demonios, que são outros tantos soldados, que elle anima a seguir as suas ordens, e a metter, quanto poderem, todos os homens no seu partido. O seu designio não he outro, senão levantar hum exercito de rebeldes contra Deos, declarar guerra a Jesu Christo, inspirar horror das suas maximas, persuadir, que o seu jugo he insupportavel, e em fim attrahir a si os homens, para que, tendo-os feito companheiros da sua rebeliaõ, os faça tambem participantes da sua eterna desgraça.

Os meios, de que elle se serve para levar ao fim o seu intento, são lizonjear a nossa cubiça, prometendo muitos prazeres, honras, e riquezas, aos que quizerem alistar-se no seu serviço, e abraçar o seu partido. Eu vos darei, diz elle, tudo isto, se vos prostrares por terra para me adorar.

Assim falla o tentador, assim falla o mundo; e he para pasmar que só isto ouçam, e creiam os homens. E por mais que se diga, que o mundo he enganador, e que a unica paga, que se tira do seu

seu serviço, sab os tyrannos pezares, e arrependimentos, nunca nos aproveitamos da experiencia alheia: ainda que vejamos os velhos mundanos, cheios de desprezo para com o mundo, dizer com o Sabio, tudo he vaidade; todos esperamos, que o mundo nos não tratará da mesma sorte, e que seremos privilegiados: pôde haver esperança mais mal fundada?

Salomaõ não negou aos seus sentidos cousa alguma, das q̃ o podiaõ lisongear. Cheio com tudo de honras, de prazeres, e de riquezas, foi obrigado a confessar no meio mesmo desta vida deliciosa, que só achava vaidade, e afflicãõ de espirito nas cousas da terra, e que tudo, o que mais brilha, e mais lisongea no mundo he illusaõ.

Com effeito, que outra cousa se pôde achar neste desterro? O mundo promette grandes riquezas, e grandes honras: e quem o fez distribuidor de todos estes bens, pelos quaes obriga a taõ grandes trabalhos áquelles, que tomaõ o seu partido? Que fructos, ou que recompensas se alcançaõ d'elle? E quando acharãõ os peccadores paz, e docura na sua vida? *Vanitas, & afflictio spiritus, & omnia vanitas.*

O mundo promette prazeres: mas quando deõxou elle de dar afflicõens? Houve jámais no mundo algum prazer, que não fosse misturado com amarguras? E gozaõ por ventura nelle os mundanos muitos gostos, que não sejaõ logo seguidos de pezares, e arrependimentos?

O mundo promette honras: mas quem o fez senhor dellas? Devemos nós esperar ser honrados no mundo todo cheio de invejозos, e de emulos? O merecimento quasi desconhecido, e ainda menos recompensado, será attendido em huma parte aonde só reina a paixãõ, o interesse, a má inclinacãõ, e o capricho? E espera-se ainda aqui

fer honrado? Que cousa mais vã, que cousa mais fantastica, do que estas honras?

O mundo promette riquezas: mas isto será a quem for tão feliz, que ache huma grande fortuna, isto he, muitas riquezas, depois de muitos suores e trabalhos: tanto custa o adquirir cabedades: e por ventura he o mundo, o que vos dá isto, que tanto vos há custado? Porém quantas desgraças acompanhaõ a hum rico no mundo, ainda que a cubiça seja universal, e os trabalhos communs? E ainda podemos confiar nestes falsos bens, que nos fogem por sua propria fragilidade? Honras, prazeres, riquezas, tudo, tudo desapparece, tudo se extingue, tudo se desvanece com o ultimo suspiro da vida. He possivel, ó meu Deos, que depois que o Demonio nos engana com frivolos attractivos, não tenhamos ainda aprendido a não nos deixar enganar mais?

Se o amor dos prazeres, das honras, e dos bens tem tanto poder, e dominio sobre o coração, para que os vamos buscar fóra das suas fontes? Aonde gozamos, ou em que lugar podemos gozar de prazeres puros, e doces, senão no serviço de Deos? A paz, a alegria, a tranquillidade são proprias só das pessoas virtuosas. Só a virtude he que faz hum homem respeitavel: que bens mais preciosos, e mais sólidos, do que aquelles, cuja fonte he Deos? E que gloria mais digna da nossa ambição, do que servir ao Soberano Senhor de todas as cousas, Arbitro da nossa salvação eterna?

Oh cegueira! Oh loucura dos mundanos! Deixam-se cegar, e enganar com as lizongueiras idéas de huma felicidade fantastica, que os homens promettem a si mesmos, a qual ninguem jámais pode achar!

Aonde está o nosso juizo, se julgamos ser felices entregando-nos todos ás nossas paixoes, re-  
pro-

provando as maximas de Jesu Christo, fazendo para nós huma especie de Religião conforme aos sentidos, e ás proprias idéas, vivendo sem Fé, sem Piedade, e finalmente condemnando-nos?

O mundo para estabelecer os seus adoradores, se serve destes especiosos nomes de alegria, prazeres, abundancia, e felicidade. Mas em fim, que he tudo isto, senão huns nomes, que não poderão enganar a hum homem prudente, a hum homem, que não quer seguir a tumultuosa turba sem saber aonde vai parar?

Que felicidade mais quimerica, do que a dos mundanos? Agitados perpetuamente com picantes remorsos, escravos do capricho de tantos senhores, quantas são as pessoas, a quem pertendem fazer a vontade, cada vez mais famintos, porque só correm atraz de sombras, e não se sustentão, senão de ventos: que escravidão mais forçada, mais violenta, do que a sua? E quanto não tem elles para temer para a outra vida? Aonde está pois esta felicidade, de que tanto se gloriaão? Aonde estão aquellas tão agradaveis vantagens, que fazem os mundanos tão ferozes, que os movem a preferir o seu estado ao dos Servos de Deos?

Ah Senhor! Nós dizemos que o mundo nos engana, porém nós mesmos somos os que nos enganamos: pois que causa he o mundo, senão as nossas fracas idéas, e os desejos de hum coração corrompido?

O mundo nos promette riquezas, e honras: ah! no mundo nada há, que tenha alguma subsistencia; não he mais que hum mero fantasma isto, com que nos comprazemos; nós somos, para o dizer melhor, os que nos promettemos ser ricos, ser felices, entregando-nos á nossa cubiça; nós somos os enganados das nossas paixões: e exaqui o que succede aos que seguem este fantasma.

Quant

Quanto me pesa, Senhor, de me ter deixado arrastar pela multidão dos mundados, de me ter deixado cegar com tão falsas apparencias! Dissipai, ó meu Divino Senhor, dissipai com a vossa luz estas illusões, e estas espessas trevas. Não vos contenteis com ter-me aberto os olhos, para descobrir este vão fantasma. Fazei, meu Deus, que se augmente em mim a vergonha de me ter fugitado, e ter servido a hum tão tyranno Senhor. Dignai-vos, ó meu Divino Jesu, de receber no numero dos vossos servos este, que não quer daqui por diante ter outro Senhor, nem amar a outro mais, que a vós.

## II. PONTO.

*Dos meios seguros, que Deus nos offerece para sermos felices.*

**C**onfidera a Jesu Christo nosso Divino Senhor, com huma conducta tão differente da do Demonio, com o designio de trazer os homens todos ao seu serviço, e de os fazer summamente felices. Ponde diante de vossos olhos este Divino Senhor, diz Santo Ignacio, assentado em hum Throno, com o rosto cheio de Magestade, e doçura, que levantando hum estandarte opposto ao do Demonio, convida todos os homens para que o figão, com estas amáveis palavras: vinde a mim todos os que tendes trabalhos, e andais opprimidos, e eu vo's aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, que sou doce, e humilde de coração, e achareis descanso para vossas almas, porque o meu jugo he suave, e o meu pezo he leve.

Como este Senhor vem para destruir a tyrannia do Demonio, tambem traz intentos todos oppostos aos deste inimigo universal da salvação dos homens, e os meios, de que elle se serve, são totalmente differentes.

O que elle pertende he obrigar a todos , os que se alistaõ debaixo das suas bandeiras , a combater todos os inimigos da Gloria de seu Pai , e da sua propria salvaçaõ ; para que pela victoria , que alcançarem , adquirãõ para si huma vida feliz na terra , e huma felicidade completa , e eterna no Ceo.

Os meios , que lhes propoem para este fim , sãõ os mesmos , de que elle se servio , em quanto esteve nesta vida mortal : nada manda , que elle nãõ fizesse primeiro. A principal das suas leis he , que o sigaõ ; elle se encarrega de nos prover a todos , do que for necessario ; elle se offerece a levar com nosco as cruces , quando as houver : se devemos ter algum combatte , elle sempre estã na frente , e todos os nossos inimigos tem sido já vencidos por elle.

Este Senhor na verdade nãõ promette prazeres mundanos , nem alegrias , que facilmente se perturbaõ , nem honras vãs , ou riquezas frageis e transitorias. Mas dá a paz do coraçãõ , que excede a todos os prazeres dos sentidos , faz gostar as delicias puras , que sãõ hum anticipado gosto dos Bemaventurados : faz a todos os seus Servos mais respeitaveis , e ainda muitas vezes mais venerados , que os Reys da terra , e além disto os bens immensos , com que os premea , sãõ eternos.

Isto nãõ sãõ só titulos vãs , e pomposos , nãõ sãõ grandes nomes , que enganaõ , ou bellas promessas sem effeito : nenhuma cousa há mais simplez , e mais modesta , que a libré dos Servos de Jesu Christo : Deos he o fiador de tudo , o que este Divino Senhor promette , elle mesmo se dá por premio aos que o servem. Que bem maior , do que huma felicidade eterna ? Tal he a sorte dos que servem a este amavel Capitaõ : e em quanto os mundanos choraõ eternamente o seu estado , os Servos de Jesu Christo gozaõ no seu as mais doces delicias , e nãõ podem assaz agradecer a Deos a sua felicidade.

Certa-



Certamente as maximas de Jesu Christo são muito oppostas ás do mundo. O Salvador quer hum desapego universal de todas as cousas: em lugar dos prazeres, quer que amemos a Cruz, e que bem longe de ter horror aos desprezos, nos julgemos felices, quando somos maltratados pela justiça: quer que a doçura, a modestia, a paciencia, e a humildade façam o caracter dos que o amam; e como o seu Reino não he deste mundo, quer que os seus Servos só estimem o que lhes póde dar o Ceo.

Não há hum só dos seus Servos, que não dê a si eternamente os parabens de ter vivido no seu serviço. Que consolação, em cumprir as proprias obrigações! Que prazer, que alegria na hora da morte, quando nos lembrarmos, que as havemos cumprido! Que honra, ter servido a hum tão grande Senhor! É quem he que se arrepende de o ter feito? Ainda que houvesse de custar-nos a vida como a tantos Martyres, que são hoje o objecto da nossa veneração, e dos nossos obsequios, deveriamos pôr tempo em nos deliberar sobre isto?

Ah, meu doce Jesu! Vós não nos obrigais a tanto, vós pedis mais o meu coração, do que o meu sangue: este coração, que eu dou, e entrego tão liberalmente a qualquer outro, e só a vós nego. Certamente olhando para o trabalho, que tem os homens em se declarar por Jesu Christo, dir-se-hia, que nada se ganha seguindo o seu partido, mas antes se perde muito. Tudo nos mette medo, tudo nos demora, tão pequena idéa temos da felicidade da vida Christã! Tememos ser tidos por devotos, e temos vergonha de o ser; e ao mesmo tempo que os mundanos se declaram descobertamente por impios, e fazem gloria de seguir as maximas do mundo, os Christãos se envergonham do Evangelho, e servem a seu Senhor,

como

como Nicodemos, ás escondidas, e de noite.

Creemos por ventura que Jesu Christo he o nosso Deos, e o nosso Senhor? Creemos que não há outro caminho para ir ao Ceo, senão o que elle nos mostrou, que todo, o que não for do seu partido, não he recebido nelle, e que para nos salvar-mos he preciso segui-lo? E se cremos estas verdades, como podemos duvidar ainda do partido, que devemos tomar? Como podemos dividir ainda entre Deos, e o mundo os nossos obsequios? Como se pôde fazer algum partido contrario ao de Deos, e este mesmo insultar ao pequeno numero dos Fieis?

A quem devemos nós o ser? Quem nos ha resgatado? Quem há de ser o Arbitro da nossa sorte eterna? Por ventura he este mundo, a quem seguimos com tão violenta escravidão, e a quem tanto tememos desagradar? Por ventura he o inimigo da nossa salvação, que enreda a tantos, fazendo-os entrar na sua rebelião? E se Jesu Christo he só o nosso Redemptor, o nosso Creador, e o nosso Juiz, para que servimos a outro Senhor?

*Ufquequò claudicatis in duas partes?* Dizia antigamente o Profeta Elias a todo o Povo, para que saõ tantos desvios, e tantas restricções? Para que tantas resoluções sobre a escolha de hum Senhor?

*Si Dominus est Deus, sequimini eum; si autem Baal, sequimini eum.* Se o Senhor he o nosso Deos, declarai-vos descubertamente por elle: ainda he necessario deliberar, se o devemos seguir? Poderem se Baal vos creou, se Baal he o vosso Deos, a quem adorais, não sirvais a outro, segui-o.

He vergonha, que necessitem os Christãos de hum tal discurso para abraçar o seu partido; e com tudo, Jesu Christo não he seguido de mui-

ta gente. A qual destes dois Capitaens tenho eu mesmo seguido atéqui? Cheio de huma vã ambição, cego com tantas apparencias exteriores, occupado todo com hum projecto de huma grande fortuna, tenho por ventura seguido muito estas sublimes regras de desapego, e de humildade, que o Salvador nos dá.

Atrever-me-hei a dizer com sinceridade, que sou Discipulo de Jesu Christo? Este Divino Senhor reconhecer-me-há como tal? Tenho andado vestido com a sua libré? Não tem o mundo bastante direito para me confessar, e ter por seu? Que sinto eu do desprezo das honras, da vaidade dos prazeres, da fragilidade dos bens creados, da victoria das paixoes, e finalmente de todas as maximas do Evangelho?

No nosso Baptismo renunciou-se em nosso nome a todas as vaidades, e maximas do mundo: temos acaço ratificado este sagrado, e solemne contrato? He semelhante a nossa vida á nossa Fé? Fazem honra os nossos costumes á nossa Religião? Nós somos Christãos: por tanto, Jesu Christo he o nosso Legislador, o nosso Principe, e o nosso Capitaõ. Porque razão pois necessitamos de fazer tantas reflexoes para nos resolver a segui-lo? Porque razão o seguimos sempre violentados, ou ao menos com negligencia?

Ninguem, diz o Salvador, que poem a mão ao arado, e olha para traz, he apto para o Reino de Deos. Este Soberano não quer vassallos, que o sirvaõ com repugnancia, e pezar. Poderei eu gloriar-me, que o sirvo com ardor, e com zelo? Meu Deos, que teria eu para vos responder, e que julgaria eu de mim, se houvesse agora de dar conta da minha vida, e dizer quantos dias vos tenho servido?

Não nos custaria tanto, se nos fosse necessa-

tão contar os dias, que temos sacrificado ao mundo, e aos falsos prazeres, e quem julgasse só pelos nossos sentimentos, a qual dos dois, diria elle, que escolhemos por Senhor?

A fervorosa diligencia, que temos para os nossos prazeres, a afflicção, que sentimos, quando nos perturbam, este apeço aos bens da terra, este desejo de ser estimados, distinguidos, e attendidos, mostram por ventura, que temos a Jesu Christo por nosso Capitão, por nosso Rei, e que seguimos o seu estandarte?

Ah! se o Salvador olha como seus inimigos todos os que se não declaram por elle, e se elle recusa reconhecer por servos os que se envergonham das suas maximas, não tenho eu bem razão de temer estar na sua desgraça? E posso racionalmente gloriar-me de ser reconhecido por seu servo?

Que desgraça, morrer sem Sacramentos? Ninguém há, que não deseje morrer com hum Crucifixo nas mãos, que he o mesmo, que querer morrer debaixo do estandarte de Jesu Christo, trazendo a sua libré. Então se julga, que só he bom este partido. E por ventura este partido era menos bom, em quanto se vivia? Terao dado os seus mais excellentes dias ao mundo, e ainda mesmo não deixarão de servir a este mundo, senão quando já estiverem para morrer; e estes ultimos momentos, este desgraçado resto da vida, he só todo o tempo, que se dá áquelle, que devia ser servido toda a vida. Ora na verdade cremos nós que Deos se contente com tal sacrificio, e que huma côrda, que custa tão caro aos mais fervorosos Fieis, seja dada de graça a tantas pessoas?

Consideremos a este Divino Salvador, que vendo essa multidão de mundanos, e de Christãos cobardes, que fogem do seu serviço, para seguir

o caminho largo, nos diz, como antigamente dizia aos seus Apóstolos: Quereis também vos apartar-vos, e retirar-vos de mim? Porém respondamos-lhe com S. Pedro: para quem hiremos nós, ó nosso amavel Mestre, se vós tendes palavras de vida eterna? Nós cremos, e reconhecemos que sois Christo, e Filho de Deos vivo, nosso Redemptor, nosso Rei, nosso Pai: e não queremos seguir a outro Capitão mais, que a vós só.

Quanto me peza, meu doce Jesu, de me haver deixado cegar, e enganar pelas apparencias exteriores, que nenhuma solidez tem! Ah! que erro tem sido o meu! Vós me convidais a seguir-vos, toda a minha felicidade depende de vós, e só no vosso serviço a posso achar: porém eu estimei em mais fazer-me escravo de todas as paixões, e gemer debaixo da tyrannia do mais indigno, e mais cruel de todos os Senhores, do que servir-vos.

O temor de tantas cruces, que eu cuidava me opprimiaõ no vosso serviço, e o pensamento daquelle desapego de todas as cousas, a que obrigais todos os Fieis, me haõ enfastiado; entreguei-me ao mundo para achar prazer: ah! eu soffri muito mais em hum dia só no serviço deste Tyranno, doque quanto teria soffrido em toda a minha vida no vosso serviço. Mas que paga hei tirado? Quanto não tenho perdido servindo ao mundo? E que recompensa, não teria eu hoje bem razão de esperar da vossa bondade, se vos tivesse servido?

Por hum singular effeito da vossa graça me aparto dos meus erros: acabai Senhor a vossa obra, eu me alisto já debaixo das vossas bandeiras, já não reconheço outro Senhor, senão a vós: não rejeiteis este rebelde, eu reconheço o meu peccado, abómino-o, e espero o perdão da vossa misericordia.

He

He possível, que tenha havido quem quizesse competir com vosco, meu Divino Salvador, para vos disputar a Soberania? E este indigno competidor he o Mundo, he o Demonio, e eu não somente gastei tempo em me deliberar, a qual dos dois devia obedecer, mas ainda me fiz escravo do Demonio, e do Mundo a maior parte da minha vida, recusando servir-vos, ó meu Deos! Não tenho mais dôres, e lagrimas para chorar a minha loucura, eu a detesto, e declaro, que quero gastar no vosso serviço o resto de meus dias.

## TERCEIRA MEDITAÇÃO

Para o mez de Setembro.

*Do Juizo particular.*

### I. PONTO.

*O que se passa no Juizo particular.*

**C** Onfidéra, que no mesmo momento, em que expiramos, logo somos julgados, e que neste juizo se decide irrevogavelmente a nossa sorte eterna. Ponde diante dos vossos olhos hum moribundo, a quem acabaõ de administrar os ultimos Sacramentos, ao qual não resta mais, que huma hora de vida. Elle he hum réo, que vai apparecer diante do Soberano Juiz, para dar conta do bom, e do máo uso, que fez de todos os momentos da sua vida. Os pensamentos leves, as palavras inconsideradas, os sentimentos apaixonados, os desejos desordenados, as acçoens pouco Christãs, os respeitos humanos, e até as intenções menos puras, tudo, tudo he examinado, tudo he julgado: e o

Juiz he hum Deos , que examina , e julga tudo com o ultimo rigor da sua justiça.

Concebei agora , se he possivel , quaes são entã os espantosos horrores de huma alma , conhecendo que está unida só ao seu corpo por huma respiraçã , e que dentro de dois , ou tres instantes , vai apparecer diante do tremendo Tribunal de Deos. Ella não tem entã peor inimigo , do que a sua mesma consciencia : esta lhe representa ainda antes que expire todas as suas acções , e lhe diz antecipadamente , digamo-lo assim , o juizo , e a sentença.

Que horror , que espanto será ver como renascer lá do fundo da consciencia huma multidã innumeravel de peccados , que tinhaõ estado até entã sepultados no esquecimento ! Quantos peccados veremos da nossa mocidade , que tinhaõ escapado aos nossos exames ! Quantos peccados mortaes , que nos tinhaõ parecido açõs indifferentes , e quantos daquelles mesmos , de que nos temos accusado , que por falta de contriçã não nos forã perdoados ! Tudo isto se apresenta á alma nestes ultimos momentos : e que turbaçã , que horror á vista de tantos monstros de iniquidade !

Bom Deos ! que omissoens nas obrigaçoens do proprio estado , quantas acçoens mesmo de Piedade , que necessitaõ de penitencia , que Sacramentos profanados , que talentos enterrados , quantas graças desprefadas ! O preço do Sangue de Jesu Christo , ou desprefado , ou perdido : ah ! remorsos terriveis , consciencia tyranna , que pezares , e que horrores não causais !

Sentimos que o tempo está acabando , vemo-nos á porta da espantosa Eternidade : e entã a incerteza do nosso destino , o temor de huma eterna infelicidade , as razoes , que há para temer , reduzem a alma a hum estado , que se pôde chamar hum Inferno antecipado. Ella

Ella tem presente toda a Lei de Deos, vê a sua importancia, e a sua justiça, conhece a sua doçura, e facilidade: livre de todas as preoccupações, e dos impetuosos assaltos de tantas paixões, reconhece, è sente a culpa, que tem, de não ter vivido segundo as maximas do Evangelho. Ah! costumes perniciosos, condescendencias excessivas, idéas frivolas, fantasticas leis do mundo, prazeres, passatempos vaõs, e enganosos, alegrias falsas, já não fois nada, já não resta de vós mais, que hum amargo arrependimento: oh dor! oh desesperaçãõ! oh tormento!

Esta pobre alma, quando está já para apparecer diante do Soberano Juiz, a quem ella sabe que tem tantas vezes ultrajado, vê-se carregada de dividas, e não tem nem tempo, nem todos os meios de as pagar. Na verdade ella ainda poderia achar nos merecimentos, e Sangue do Redemptor, com que satisfazer á justiça Divina; mas por ventura permite-lhe o seu estado servir-se disto? Turbada, horrorizada do modo que está, tem ella aquella presença de espirito, e tranquillidade necessaria para huma contriçãõ perfeita?

Huma apoplexia, huma afflicçãõ do coraçãõ causa turbaçoens, e horrores mortaes, que poem a alma inhabil, e incapaz de tudo: e nestes ultimos momentos, em que a alma não sabe já, se está ainda no caminho, ou se tem chegado ao termo da jornada: nestes momentos, em que se apresenta á alma tantos objectos, todos horrorosissimos, nestes momentos, em que a alma está entregue ás angustias, pezares, e horrores da morte, estará muito descansada? Terá toda a confiança necessaria para a salvaçãõ? Oh! e que terri-  
veis são estes ultimos momentos!

Expira esse moribundo, e no mesmo instante se faz o seu processo, a sentença he pronuncia-  
da,



da, e logo executada : no mesmo instante esta pessoa, que ainda se duvida se já tem expirado, entra na espantosa Eternidade ; logo, se he condemnada, sente todo o rigor dos tormentos, que há de padecer para sempre.

Acabaõ-se as Oraçoens, que se faziaõ por ella, lançaõ-se algumas gottas de agoa benta sobre o seu cadaver, e já a sua alma está ardendo nas chammas : rogaõ aos Santos Anjos, que venhaõ em seu soccorro, e a todos os Bemaventurados, que a recebaõ na Gloria, e ella está já nos Infernos.

Naõ se attende nem a idade, nem aos empregos, nem á qualidade ; de todos os títulos o unico, que resta, e que se confidéra depois da morte, he só o de Christaõ, e só por este somos julgados.

As promessas solemnes, que temos feito no Baptismo, as obrigaçoens estreitas, que alli contrahimos, todos os preceitos da Lei Christã, e as maximas do Evangelho servem de regra a este terrivel Juizo.

*In lege quid scriptum est*, nos dizem entaõ, *quomodo legis* ? Que preceitos estaõ escriptos na Lei de Deos ? Amareis ao Senhor vosso Deos de todo o vosso coraçãõ, em todo o tempo, e sobre todas as cousas, amareis ao vosso proximo, como a vós mesmo, humildade sem dissimulaçaõ, inteira abnegaçaõ de tudo, mortificaçaõ continua : estes saõ os Mandamentos da Lei sem alguma excepçaõ, interpretaçaõ, ou dispensa para alguem. No momento, em que esta alma apparece neste tremendo Tribunal, leva consigo tudo o que há feito, conforme, ou contrario a esta Lei ; e por isto he que a julgaõ.

E se aquella alma está em peccado mortal, ainda que fosse só por hum desejo peccaminoso,

ou

ou por hum pensamento máo , he logo condemnada aos fogos eternos.

Por mui aspero que seja o Juizo , por mui rigorosa que seja a sentença , a alma mesma conhece a justiça della. Alli já não tem lugar as desculpas , nem ainda se cuida em allegar a fraqueza , nem as occasioens repentinas , nem o máo exemplo , nem a violencia da tentação ; vê , e sente entã cada hum ser sua toda a culpa , e aquelles vaõs pretextos , todas aquellas frivolas razões , que em vida allegamos para nos desculpar , ou para nos aturdir , augmentã naquelle momento a nossa dôr , e accendem contra nós mesmos a nossa colera , e a nossa indignação.

*Ergo erravimus* , logo tudo está perdido. O tempo , os meios para a salvação , o preço infinito do Sangue do Redemptor , tudo , tudo está perdido para mim , e tudo está perdido para sempre , pois perco ao mesmo Deos.

Há hum momento , que estava ainda em estado de me converter , eu tinha tido atéqui tantos dias excellentes , todos accommodados , e destinados para a minha conversão ; acabo de morrer sem me ter convertido , e já não estou em estado de o fazer , o meu destino he huma Eternidade infeliz.

Oh Virgem Santissima , Refugio dos peccadores , Mãe de Graça , e de misericordia : eu sou peccador , e vós já não podeis servir-me de azilo , já vos não moveis com a minha desgraça , vedes-me condemnar sem compaixão , não dizeis huma palavra em meu favor , nunca mais vos chamarei minha Mãe.

Bemaventurados moradores da Jerusalem Celestial , eu tinha direito a ter hum lugar entre vós , e eu o perdi pelo meu peccado : vós vos interessastes por mim até o ultimo momento da minha

na vida ; mas exaqui estou agora para sempre na vossa desgraça , já não me reconheceis por membro da mesma Igreja , já não seremos mais unidos com os vínculos da caridade , já applaudis a minha sentença , e exaqui estou feito o objecto das vinganças de hum Deos eternamente irritado.

E eternamente sem a menor esperança , com huma certeza sensível , que já não tenho mais nada para esperar ! Pude salvar me , toda a vida me havia sido dada para trabalhar só na minha salvação , não o quiz fazer , morri em peccado , acabo de ouvir a irrevogavel sentença da minha perdição eterna , estou condemnado para sempre.

O mundo ainda subsiste , meus parentes , meus amigos me sobrevivem ainda , até alguns dos meus parentes gozã no Ceo de huma gloria immortal ; e eu estou condemnado ! E eu estou condemnado !

Oh ! e que terrivel he a justiça do meu Deos ! Oh ! e que incomprehensivel he o rigor dos seus juizos ! E que nenhuma falta tenha podido escapar aos seus olhos !

Os primeiros peccados , q̄ eu tinha confundido com as levezas da infancia , aquella liberdade de costumes , que eu tinha por huma viveza da mocidade ; aquellas injustiças diffimuladas , tantos peccados occultos , sãõ agora revelados , e patenteados neste tremendo Tribunal , aonde Deos julga com a maior severidade , não sómente todo o mal , que temos feito , mas tambem aquelle , que os outros por nosso meio fizeraõ , e ainda o bem , que havemos feito com negligencia , ou deixãmos de fazer , contrã o que deviamos.

Ah Senhor , que serã de mim ! E que forte será a minha , se me julgais com tanto rigor , e sem misericordia ? E se os mais santos se achã  
ainda

ainda devedores á vossa Justiça, que deve esperar hum peccador como eu?

## II. P O N T O.

*Reflexoens sobre a que se passa no Juizo particular.*

**C** Onfidéra o pafmo, e o horror de huma alma no momento, em que se separa do corpo, e que vai apparecer diante de Deos. O passado, o presente, e o futuro, tudo a horroriza! Oh! e que horrivel cousa he achar-nos no momento decisivo da nossa sorte eterna, com tantas razoens de temer huma infelicidade eterna, e sem remedio!

Que lamentavel he a nossa conducta! Sabemos, que havemos de ser julgados com huma severidade extrema, e que nada póde escapar á rectidão do nosso Juiz; e nós ainda damos todos os dias nova materia de accusação, em lugar de prevenir este espantoso Juizo com huma saudavel penitencia.

Obstinamo-nos para ter menos pezares, tendo menos remorsos, como se Deos não julgasse todas as cousas como em si são. Que loucura he fazer huma consciencia erronea, que lizonjea o vicio, e fomenta as paixoens? Seremos menos criminosos por ter querido ser mais cegos? Por ventura a desordem do espirito, e do coração, será a Regra dos costumes?

Que sobrefalto, ver tantos peccados graves, que se tinhaõ no mundo por escrúpulos vaõs, e miudezas! Eu não as olhava como raes, direis vós: porém o vosso erro era invencivel? Vós seguistes as vossas maximas, mas não as de Jesu Christo; e aonde está entã aquella falsa segurança, em que passamos toda a nossa vida?

Deos

Deos julga a alma com huma grande severidade: mas o juizo, que ella faz entã de todas as cousas, lhe serve de hum mais horrivel tormento.

Que alta idéa não tem ella entã das infinitas bondades de Deos, quando descobre tão claramente as suas excessivas misericordias? Ella vê com a mesma claridade tudo, o que o Redemptor fez, e soffreu por seu amor; vê a admiravel providencia, e os meios facillimos, de q̄ elle a proveo para que alcançasse a salvação.

Entã vê o nada de todas as grandezas mundanas, sente a vaidade, e a vileza de todos os bens creados; e que juizo faz entã de tudo isto? Este juizo, que ella faz, comparado com a vida, que ella tem vivido, deve-a consolar muito? Certamente a consolará, se tiver sido verdadeiramente Christã. Oh, e que doce he para os Santos este decisivo momento! Que contente está huma alma quando tem sido assaz generosa, para desprezar por amor de Deos tudo, o que entã lhe parece tão desprezível! Que consolaçoens não gosta neste doce momento! Que prazer, por não ter apegado o seu coração a tudo, o que acaba de desapparecer! Que alegria de ter por premio huma felicidade, que nunca ha de acabar!

Concebei, se he possível, a abundancia das alegrias, de que huma alma he inundada, quando ouve estas palavras: Bom, e fiel servo, já que foste fiel nas cousas pequenas, entra no gozo do teu Senhor, eu mesmo sou a tua recompensa.

Que abundancia de alegrias! Que multidão de pensamentos todos tão agradaveis! Já aqui não há cruces, sacrificios, violencias, combates, ou victorias, já passou tudo o que há mais duro, e mais penoso. Graças ao Senhor! Já não temos para temer essas sollicitaçoes, os máos exemplos, e occasiões perigosas. Que sabio, que prudente-

Ve fui em me não ter desanimado ! e que feliz sou em ter agora o Ceo por herança ! Oh feliz momento , que dá principio a huma ditosa Eternidade ! Nenhum bem há já mais para dezejar daqui por diante : e nesta posse da fonte mesma de todos os bens , nenhum fim para temer. Que torrente de alegrias , e de consolação ! E pôde hum Christão , hum homem racional cuidar , ou trabalhar em outra cousa mais , do que em procurar para si hum momento tão feliz ?

Mas concebei tambem , se podeis , a dôr , a desesperação , e a raiva , em que se acha huma alma no instante , em que se pronuncia a sua sentença , e ouve dizer : Máo , e infiel servo , bem sabes quam severo devo ser neste dia : que desprezo não tens feito da minha Lei ? Que fructo tens tirado das minhas graças ? Aparta-te , maldito , de mim para o fogo eterno , que foi preparado para o Demonio , e para os seus Anjos.

Que raio ! Que horrivel sentença ! Aparta-te de mim , maldito ! E he hum Deos , que falla , e que falla como Deos. A que pezares se não entregará huma alma no momento , em que Deos a amaldiçoa ! Que dores , que desesperação , que raiva não a despedação toda ! Ella he submergida em hum mar de amargura , e em hum diluvio de males ; e logo neste momento fica sendo hum objecto de horror a todas as creaturas.

Que pensamentos ferão os de huma alma , quando ouve a hum Deos , que lhe diz : aparta-te de mim , maldita , isto he o mesmo que dizer ; desde agora te deixo de olhar como objecto das minhas misericordias , tu te fazes neste instante o objecto eterno da minha colera , já não quero ser teu Pai , e faço-me teu inimigo mortal ! Huma alma ouve tudo isto , ella treme , e fica toda turbada : porém , oh inutil turbação ! oh inutil horror !

Não

Naõ esteve o Senhor atéqui perto de nós? Que urgentes sollicitaçõens, que poderosos socorros, que graças! Mas agora Deos só se acha perto da alma para a fazer padecer, para pronunciar a sentença da sua condemnação.

Vai maldito para o fogo eterno. Que sorte! Que morada! Consideremos ainda outra vez o que sente, e que pensamentos são entãõ os de huma alma. Ah! o Inferno he a minha morada eterna, o fogo será o meu sustento, e hum fogo eterno! Naõ tenho jámais parte nos beneficios do Redemptor, já perdi todo o direito á gloria dos Bemaventurados, já lá vai toda a esperança. Oh meu Deos, que terrivéis são os vossos juizos, e que desgraça he morrer em peccado!

Vai para o fogo eterno, que foi preparado para o Demonio, e para os seus Anjos. Novo augmento de raiva, e da desesperação. Logo naõ se accenderãõ estes fogos para mim, eu estou condemnado totalmente por minha culpa. Ah! eu era creado para hum fim diferente, era creado para o Ceo, tinha sido resgatado com muito custo, todo o Sangue do Redemptor foi dado por preço da minha alma, Deos me tinha dado tanto tempo para adquirir a minha salvação, e eu me condemnei!

Ah! está tudo perdido para mim, e perdido sem remedio, o tempo está acabado, a Eternidade principia: e este momento, que podia ser para mim o principio de huma feliz Eternidade, o he de huma infelicidade eterna. Que desesperação! Que raiva! E raiva, que há de ser taõ viva, e taõ sensível por toda a Eternidade.

Estou condemnado, diz hum reprobado, eu tinha tantas razoens, e tantos meios para ser do numero dos Escolhidos. Estou condemnado, eu, que me distingui tanto na terra pelos empregos, pelo

pelo nascimento ; exaqui estou agora confundi-  
do com todos os malvados do Universo ! Eu , que  
fui creado em delicias , que só amava os prazeres ;  
exaqui estou condemnado ao fogo eterno ! Todos  
os tormentos são a minha herança , e o Inferno  
a minha morada.

E ainda nos deixamos aturdir para não con-  
fiderar no futuro ! Ainda nos deixamos encantar  
com o presente ! E ainda não cuidamos no que  
nos espera na outra vida ! Ah ! sei que hei de  
fer severamente julgado , e não trabalho em fazer  
este juizo favoravel , e não uso de todos os meios  
para ganhar o Juiz ! Faço tudo pelo contrario , ir-  
rito-o ainda todos os diás mais ; e com tudo ainda  
estou descançado , e vivo contente !

Comque inquietações não vive hum ho-  
mem , quando tem huma demanda de importancia ? O desejo de a ganhar , o temor de a perder ,  
o occupa inteiramente. Toma-se todos os con-  
selhos , metem-se memoriaes , fazem-se todas as  
sollicitações , toma-se precauções infinitas , es-  
tuda-se , e investiga-se todos os intentos da par-  
te contraria , medita-se tudo o que há para dizer ,  
esta-se com huma grande attenção ao que se diz : e  
por ventura da-me grande cuidado o Juizo , que há  
de decidir a minha felicidade eterna ? Temo eu  
muito ser condemnado ? Certamente. Mas já que  
eu sou só o q̄ devo dar toda a materia , sobre q̄ me  
há de julgar , como a posso dar contra mim , co-  
mo não tenho feito cousas , que me sejam favora-  
veis neste Juizo , se he verdade que o temo ?

Achamos as maximas de Jesu Christo muito  
austeras , achamos a vida Christã muito violenta ,  
até motejamos algumas vezes a moderação , e a  
regularidade das pessoas de virtude. Haja huma  
pouca de paciencia , e logo se fará justiça a todo o  
mundo. Ah meu Divino Jesu ! depois de terdes fei-



to tanto para me salvar, não permittais que tantos suores, e tanto sangue derramado por amor de mim, seja inutil, e sem fructo.

*Quid sum miser tunc dicturus?* Aonde estaria eu, Senhor, se devesse nesta mesma hora apparecer diante do vosso tremendo Tribunal; eu, que sou hum desgraçado peccador, que teria para allegar? Mas em fim este terrivel dia, este fatal momento há de chegar; estarei eu aparelhado? E a quem recorrerei neste momento, em que ainda os mais justos tremem?

Meu doce Jesu, tende piedade deste miseravel peccador, que implora a vossa misericordia: não lha negueis em hum tempo, em que estais todo movido a compadecer-vos.

*Recordare Jesu pie, quod sum causa tue vie, ne me perdas illa die.* Lembrai-vos, Divino Salvador, que por amor de mim encarnastes, qui fui causa dos vossos trabalhos, e que vossa morte he o preço da minha alma; não deixeis perder o que vos custou tanto: julgai-me agora, eu aceito com espirito de penitencia todo o rigor da vossa sentença, em quanto estou nesta vida: porém na hora da minha morte usai comigo de misericordia, assisti-me com a vossa graça.

# MEDITAÇÕES

Para o dia de Retiro do mez  
de Outubro.

## PRIMEIRA MEDITAÇÃO.

*Do Inferno.*

### I. PONTO.

*Do rigor incomprehenſivel das penas do Inferno.*

**C**onſidéra, que há hum Inferno, iſto he, hum lugar deſtinado pela Omnipotencia de Deos, para atormentar os Anjos rebeldes, é todos os que morrem em peccado. O Inferno he o lugar aonde ſe unem entre ſi todos os tormentos, aonde a colera de hum Deos infinitamente irritado, ſe manifeſta em todo ſeu rigor, hum lugar aonde Deos ſe applica unicamente, e emprega o ſeu poder para fazer pa-  
decer a hum condemnado.

Imaginai no centro da terra hum tanque de fogo, e de chammas. Os condemnados eſtaõ ſubmergidos, eſtaõ enterrados neſtas fornalhas ardentes, os ſeus corpos eſtaõ todos penetrados de fogo.

O fogo lhes entra pelos olhos, e ouvidos: attrahem fogo com a reſpiração, lançaõ fogo pela boca, e pelos narizes, a ſua pelle eſtará toda abrazada, as carnes, o ſangue, os humores fer-  
verãõ continuamente debaixo deſta meſma pelle, o cerebro ferverá da meſma fórte dentro da cabe-

ça, todos os tutanos dentro dos ossos, os ossos; e o craneo estarão abrazados, como hum ferro, que se tira do forno todo feito braza. O fogo estará em todo o corpo, e todo o corpo no fogo. Oh Deos, que tormento!

Ainda quando este fogo fosse como o nosso, sempre seria hum horrivel, e espantoso tormento: estar submergido, estar como perdido todo vivo em hum golfo de fógos, e chammas; só este pensamento faz tremer. O nosso fogo com tudo não tem proporção alguma com o fogo do Inferno: o nosso fogo he resplandecente, o do Inferno he horrivel, e tenebroso; o nosso fogo he hum effeito do amor, e bondade de Deos; e o do Inferno he o effeito do poder irritado, e do odio infinito do Creador: assim não he só a dor do fogo, que se padece no Inferno, este fogo faz padecer ao mesmo tempo todas as dores.

Imaginai hum enfermo atormentado de gota; ou de alguma enfermidade violenta: que dores, que gritos! Quizera antes morrer para pôr fim ao seu mal; e com tudo elle só padece em huma parte do corpo, e todo o mundo se apressa a aliviar-lo; tem a liberdade de queixar-se, e a consolação de ver, que se compadeçem delle; que seria, se soffresse em todas as partes do corpo huma tão grande dor, como a que padece, ou nos pés, ou nas entranhas? Que seria se em lugar de o socorrerem, de o aliviarem, o maltratassem, sem que ainda lhe fosse permittido queixar-se?

No Inferno não se soffrem só os males, que se podem padecer nesta vida: soffre-se tudo isto, mil, e mil vezes mais que tudo isto; tudo, o que se pode padecer na alma, e no corpo; soffrem-se dores universaes, penetrantes, excessivas, e complicadas humas com outras. No meio de tantos supplicios não será permittido hem tomar,

nem

nem esperar algum alivio. Que cousa he huma gotta de agoa para hum mar inteiro de chamas? Este pouco, esta gotta, este nada lhe será absolutamente negado.

Hum enfermo ao menos se alivia mudando algumas vezes de situaçãõ, ou de lugar; mas hum condemnado estará eternamente no meio do fogo, immovel como hum rochedo.

Sempre se tem compaixãõ de hum desgraçado: no Inferno jámais entrou compaixãõ: os tormentos dos condemnados excitãõ o odio, a indignaçãõ, o horror, que há contra elles; ninguem se compadece delles, todos insultãõ a sua desgraça. Todos estes tormentos sãõ espantosos, e muito acima de tudo o que he perceptivel aos nossos sentidos.

Mas por mais horrorosos, e incomprehenfivéis que sejiãõ estes tormentos, podemos dizer, que ainda he pouca cousa em comparaçãõ dos crueis pezares, das eternas desesperaçõens, que lhes causarãõ a vista do tempo passado, e o máo uso, que delle fizeram.

A imaginaçãõ de hum condemnado estará continuamente occupada por toda a Eternidade, em se representar vivamente a vaidade dos objectos, que o apartarãõ de Deos, o nada dos bens creados, a vileza de tudo, o q se chama respeito humanos, o nada das grandezas mundanas. Ah! dirá elle a si continuamente; por gozar de alguns prazeres inspidos, por hum momento, por satisfazer á minha vaidade, e á minha soberba, me precipitei nestas chamas, nestas fornallas eternas!

Que he feito daquelles fantasmas de gloria, de grandeza, de reputaçãõ, que me occupavaõ inteiramente, que me faziaõ esquecer da Eternidade, que eraõ o meu idolo? Que he feito daquella fortuna, a que sacrificava tudo, das assembleas de prazeres, daquelle tempo taõ precioso desperdiçado no

jogo, e nos espectáculos profanos? Que he feito das pessoas, que tanto amei, e outras, cujo poder, censuras, juizos vãos, e discursos temi tão fortemente? Ah! tudo se desvaneece, tudo desapparece com o ultimo suspiro da vida; e exaqui com tudo o que preferi á Bemaventurança eterna, o que adquirir com a perda da minha alma.

Hum condemnado lembrar-se-há, por toda a Eternidade da facilidade, que tinha, para alcançar a sua salvação, e da recompensa, que perdeu. Formoso Ceo, alegre Morada dos Bemaventurados, deliciosa Cidade dos Santos, vós ereis a minha Patria, esteve na minha mão ser hum dos vossos Cidadãos; e exaqui estou no numero dos reprobos, o Inferno he a minha morada eterna. Concebei, se he possivel, que tormento caufará este pensamento: hum condemnado não poderá jámais distrahir-se delle hum só instante.

Era tão facil, diz hum condemnado, confessar aquelle peccado, tive remorsos tão urgentes, tão saudaveis sollicitações, tantas occasiões de o fazer; tive tantos annos de faude depois da minha queda, e Deos me offereceo tanto tempo a sua amizade; elle me há advertido, convidado, instado por tantos modos; em que cuidava eu? Eu, q̄ passava por homem de tanta prudencia? Que juizo foi o meu em deixar a minha conversão para a hora da morte? Que desordem! Que loucura!

Não sabia eu que isto era hum negocio, em que se perdia, ou ganhava tudo? Não sabia o que era o Inferno? Por ventura não cria eu tudo, o que vejo, e tudo, o que experimento? Sim, sabia tudo isto, lisonjeava-me de crer tudo, e condemnei-me!

Poderei eu dizer, que não cuidei nisto? Não: considere, conheci o perigo, a q̄ me expunha, tremi de horror, representando-me a desgraça infinita dos que se condemnão, e eu mesmo me condemnei!

Naõ

Não me era necessario fazer mais , do q̄ fizeraõ aquelle amigo meu, aquelle parente , aquelle companheiro : ah ! tinha começado taõ bem ; e me teria custado taõ pouco o continuar ; e ainda quando me houvesse de custar mais , há alguma cousa no mundo , que se não devesse fazer para evitar o Inferno ?

A estas penas incomprehenfíveis , a estes mortaes arrependimentos , ajuntai a vista de hum Deos terrivelmente irado , de hum Salvador feito inimigo irreconciliavel , de hum Deos perdido para nós sem remedio , e perdido por hum peccado. Esta he a maior , e a que poem o cume a todas as penas , q̄ padecem estas desgraçadas victimas da colera , e das vinganças do Omnipotente.

Seria necessario poder comprehender o que he Deos , para conceber , que tormento he perde-lo sem esperança de o recuperar. Esta perda nós move pouco ao presente ; mas bem differentemente julgaremos della , quando effectivamente a experimentarmos.

Cuidar eu eternamente que houve hum Redemptor para mim , e que não quiz aproveitar-me do preço da Redempção ? Cuidar eu em o excesso , com que Jesu Christo me ha amado , e considerar que já não posso amar a Jesu Christo , que já não farei mais amado d'elle , que nunca se compadecerá dos meus males , q̄ não olhará mais para mim , senão encolerizado , e cheio de iras , q̄ suas maõs para mim só estarã cheias de raios , e coriscos : oh imagem horrorosa ! oh cruel lembrança !

Vós meu doce Jesu , meu amavel Salvador , que tendes soffrido tantas fadigas para me levares a vós ; vós , que tendes feito tanto para impedires a minha perdição , estareis bem satisfeito de verme afogado neste mar de fogo ; vós , a quem eu custei tanto , me condemnareis sem remedio , e com tudo não tereis pezar disso ? Não vos chamarei já mais

meu Pai, e não serei já mais vosso filho? Jesu; nome dulcíssimo de meu Salvador, não sahireis mais de minha boca, que só se empregará por toda a Eternidade em vomitar blasfemias contra vós? Oh forte! oh desgraça incompreensível!

Ah! não me admiro, que no Inferno só hajaõ prantos, ranger de dentes, gritos de desesperaçãõ, e de raiva: hum Deos, a quem todo o Universo custou não mais que hum acto de sua vontade, está ao presente, digamo-lo assim, todo applicado, todo occupado em fazer padecer huma vil, e desgraçada creatura. Oh Deos, que castigo! Que vingança!

Isto he, o Inferno he o lugar de todos os tormentos do corpo, e da alma, dores agudissimas, chamas ardentes, cruces, rodas de navalhas, grilhoens, espadas despedaçadoras, e tudo, o que huma pobre creatura pôde padecer: o Inferno he tudo isto, mil e mil vezes mais que tudo isto, e hum condemnado só padece sempre, e em cada momento tudo isto, e mil e mil vezes mais que tudo isto.

Ha hum Inferno: e há peccadores! Ha hum Inferno: e o caminho largo, que conduz a elle, está cheio de toda a fórte de pessoas! Ha hum Inferno, os Christaõs o crem; e com tudo o Inferno está cheio de Christaõs!

Há hum Inferno, e neste instante hum infinito numero de desgraçados estão nelle todos envoltos, penetrados de chamas. Tambem he certo, que hum grande numero dos que agora vivem entre nós, serãõ algum dia precipitados nelle; he probabilissimo, que muitos dos que lem isto, e meditaõ nos tormentos do Inferno, virãõ a ser victimas infelices de suas chamas.

E por ventura serei eu hum destes? Ah! meu amavel Redemptor, vós não me remistes para perder-me: mas por ventura não destes o vosso  
Sangue

Sangue tambem por esses mesmos, que estão perdidos? Temo, Senhor, e tremo: e que maior tormento, se com este temor ainda for tão desgraçado, que me condemne?

Aonde estaria eu agora, bom Deos, se tivesses sido mais prompto em castigar-me? Aonde corria eu a precipitar-me todos os momentos, que tenho vivido em peccado. Podia morrer: porém vós me haveis sustentado com vida, e sustentando-me, Senhor, prolongando os dias, que eu emprego contra vós, vós me tendes tantas vezes salvado do Inferno, quantos sab os momentos, que tenho vivido. Que acçoens de graças vos não devo dar? E que uso não devo fazer de hum tempo, que vós me concedeis para fazer penitencia?

Ah! meu doce Jesu, quero salvar-me a todo o custo, ainda que fosse necessario sacrificar tudo, o que possuo, tudo, o que sou, para evitar hum Inferno, para não ser precipitado nas prisoens do fogo; e pode-se fazer muito para isto? Por mais que se faça, far-se-há nunca muito?

Não permittais meu amavel Salvador, que me condemne, eu vo-lo peço pelo vosso precioso Sangue, e por tudo, o que tendes feito, e padecido por mim. Terieis vós grande gloria se me tivesses encerrado por huma Eternidade nesses golfos de fogo? Sou eu objecto digno de tão cruel vingança?

*Non mortui laudabunt te, Domine; neque omnes, qui descendunt in Infernum.* Não sois amado no Inferno, não se canta lá vossos louvores; deixar-me precipitar nelle, não he outra cousa mais, que augmentar o numero dos que vos aborrecem, e dos que blasfemaõ contra vós.

Quando todos os mais houvessem de perecer, eu quero salvar-me com o soccorro da vossa graça. Vós quereis, meu Deos, que me salve, con-  
fia



fio na vossa infinita misericordia, e espero ter a felicidade de ser do numero dos Escolhidos.

## II. P O N T O.

### *Da duração infinita das penas do Inferno.*

**C** Onsidéra, que as penas do Inferno não sómente são universaes, e tão excessivas, que não se pôdem imaginar; mas também são eternas, isto he, por mui intoleraveis, e espantosas que sejam, nenhuma esperança tem os condemnados de serem alliviados já mais dellas, ou de vê-las acabar.

Que dôr, que raiva, que desesperaçã para huma alma condemnada, quando desse abyfmo da Eternidade, depois de ter ardidado cem mil, e mil milhoens de annos, lançar os olhos para essa porçã, para esse pouco tempo, que viveo, e ao mesmo tempo lhe custe a achar o fim do pafmoso numero de seculos, que tiverem passado depois da sua morte, e considerar ao mesmo tempo, que por não ter querido fazer alguma violencia em huma vida tão breve, arde, padece todos os supplicios, depois de tantos milhoens de seculos, sem que possa dizer, que lhe resta hum momento menos para soffrer?

Arder nos Infernos tantos annos, tantos seculos, quantos são os minutos, que tendes vivido; esta duraçã causa horror: que será arder tantos milhoens de seculos, quantas são as gottas de agoa, que há nos rios, e no mar?

Hum condemnado terá padecido nestas abraçadas masmorras toda esta extensã incomprehenfivel de tempo; e não será ainda passado hum quarto de hora da Eternidade. Os filhos de teus filhos estaraõ enterrados, o tempo terá arruinado as casas, que tu edificaste, destruido as Cidades, em que

que nasceste, desfeito os estados, em que tiveres vivido, o fim dos seculos terá enterrado todo o Universo em suas proprias cinzas, já teraõ passado depois do fim do mundo tantos milhoens de seculos, quantos saõ os momentos, que durou o mundo; e ainda se naõ tera diminuido nada desta espantosa Eternidade; e se es condemnado, teras tanto para padecer, quanto tinhas no primeiro momento, em que foste lançado nestas chamas.

O' Eternidade! Incomprehensivel Eternidade! Quem pôde crer em ti, e viver hum só momento em peccado, e differir hum só momento a Penitencia!

Supponhamos, que hum peccador he condemnado a arder no Inferno, até que huma formiga tenha transportado para o mar toda a area que há na praia, levando hum graõ de mil em mil annos. Ah! depois que Caim está no Inferno, este pequeno animal ainda naõ teria levado mais que seis, ou sete graõs; que seria se devesse este desgraçado padecer, até que esta formiga tivesse levado toda a terra, que o mundo enerra em si? Se devesse arder este condemnado, até que esta formiga tivesse gasto todos os rochedos, e todos os montes, passando por elles huma só vez de mil em mil annos? O entendimento se perde, e confunde nesta incomprehensivel extensaõ de tempo.

Desgraçados condemnados, infelices victimas da colera do Omnipotente, virá tempo, em que podereis dizer com verdade: Depois que ardo nestas chamas, se huma formiga tivesse levado ao mar de mil em mil annos hum só graõ de area, já teria transportado toda a area, e toda a terra do Universo, teria cavado até o centro do mundo, e naõ restaria mais nada. Toda esta espantosa duraçaõ de tempo se há passado em tormentos horrorosos; e ainda me resta huma Eternidade to-  
da

da inteira para padecer: este numero infinito de mil milhoens de seculos, cem, e cem vezes principiados de novo, não he nada, comparado com esta horrorosa Eternidade.

Se tenho a infelicidade de ser condemnado, padecerei todo este tempo: poderei ainda assegurar, que todo este tempo passou mil, e cem milhoens de vezes, depois que padeço, e a duração dos meus tormentos não estará diminuta hum só momento, e ainda terei para arder, para padecer, para me consumir cheio de raiva, huma Eternidade inteira.

Oh Eternidade espantosa! incomprehenfivel, inconsideravel Eternidade! Por hum pensamento peccaminoso, que não durou mais que hum momento, tantos milhoens de seculos passados nas chamas, quantos dias se viverão, quantas horas nestes dias, e quantos minutos nestas horas! Oh Deos, que igualdade! Ah! se ao menos houvesse algum tempo, que puzesse fim a estas penas! Porém estará hum condemnado certo, que nunca, nunca estes tormentos terão fim: padecerá sempre, e estará seguro de sempre padecer.

Considerar eternamente no bem infinito, que perdemos, nos males innumeraveis em que nos precipitamos, nos meios faceis, e frequentes, que tinhamos para os evitar; ter continuamente diante dos olhos a vaidade, e a pouca duração de tudo, o que nos apartou de Deos; as ineffaveis doçuras, que gostaríamos no seu serviço, os dissabores, e os verdadeiros trabalhos, com que grangeamos a propria condemnação; a differença, que há entre as difficuldades, que nos tiverem apartado da virtude, e as penas, que padecemos no meio das chamas; entre a duração imperceptivel de alguns insipidos prazeres peccaminosos, e a eternidade das penas, que os seguem; eternamente na imaginação

O pensamento desta espantosa Eternidade, sem poder já mais apartar hum só instante da nossa memoria este pensamento! Que tormento, ó meu Deus, que desesperação! Eu bem o conheço; e se o comprehendendo bem, como acho gosto nos prazeres? Como vivo em peccado, e dilato ainda o fazer penitencia?

Se estes pensamentos nos não convertem, se a vista destes horribeis tormentos, desta horrosa Eternidade, daquelle eterno arrependimento, nos não aparta do peccado, e de todos os vaõs passatempõs da vida, ou não somos racionais, ou não somos Christãos.

Estas terriveis verdades fizeram tantos Martyres, povoaram os desertos, enchem ainda todos os dias os Mosteiros. Que julgamos nós disto? Obraõ bem estas pessoas todas fazendo assim? Fizerão ellas bem em não perdoar a nada, em pôr tudo em obra, para evitarem o Inferno? Mas não fizeram ellas grandes cousas para se livrarem dos fõgos eternos? Essas almas puras, essas pessoas pi-as, que se privaõ dos prazeres os mais innocentes, e que vivem huma vida taõ edificativa, e taõ Christã, por ventura fazem muito para evitarem o Inferno? Para fugir a huma taõ grande desgraça, podemos fazer muito? E por mais que façamos, faremos jámais o que basta?

Dá hum homem todos os seus bens para sahir de hum carcere; a quantos trabalhos se não condemna livremente para alongar a vida? E que fazemos, ou para melhor dizer, que não recuzamos fazer para evitar o Inferno?

Só o pensamento deste lugar de horror, e de miseria faz tremer: e não tememos fazer o q̃ nos leva arrastados a elle! Até parece q̃ não queremos cuidar no Inferno, para nos precipitarmos nelle mais tranquillamente. Apartamos os olhos, quanto

quanto nos he possível , daquella duraçãõ infinita de tormentos ; tanto he certo que só o seu pensamento causa horror : e recusamos pôr-nos a caminho , e ainda dar hum só passo para nos apartar delle , nem queremos desviar-nos do caminho, que a elle nos conduz.

Ha hum Inferno : e ainda se acha gosto no peccado , e ainda se acha a virtude difficil , ainda ha pessoas Religiosas tibias , e imperfeitas , ainda ha Christãos impios , e dissolutos ! Exaqui o que parece taõ incomprehensivel como a mesma Eternidade.

Porém naõ he necessario , dizem , ser perfeito para evitar o Inferno. Naõ he necessario : mas por mais que fujamos , podemos-nos apartar muito de hum abismo de fogo , aonde tantos se precipitaõ ? Podemos tomar muitas precauçoens , muitas medidas para evitar huma Eternidade infeliz, hum Inferno perpetuo ? Por ventura perdoa-se a algum trabalho para ganhar huma demanda , para evitar o ultimo supplicio ? Que se naõ deve fazer pois para escapar do Inferno ?

Que amargosos sãõ os pezares, que ha no Inferno , que sensiveis sãõ ! Esteve na minha maõ ser taõ feliz eternamente , como sou infeliz.

Era-me taõ facil o ser santo , e naõ o sou porque naõ quiz se-lo. Meus irmaõs , meus amigos estaõ no Ceo , e eu aqui estou nos Infernos.

Murmurava daquelles , que temendo vir a ser o que eu sou , viviaõ de outra sorte do que eu : e agora , que naõ quizera eu ter feito , para ser o que elles sãõ !

Tinha por melancolicas , por estupidas , e escrupulosas as pessoas de virtude , chamava fraqueza de espirito , humor triste , e incommodo , ao recolhimento interior , á modestia , e ao apartamento de todas as cousas , e aquella regularidade edific-

edificativa. Fui tão louco que me deixei cegar até hum tal excesso! A sua pontualidade, a sua modestia os fez santos, estão agora no Ceo repassados de delicias, e eu padeço horriavelmente nestes fogos.

Que he feito ( exclama então hum condemnado no meio daquellas fornalhas, e daquellas cavernas abrazadas ) que he feito daquella alegria falsa, e mundana, daquelle bello humor, que me fazia murmurar de tudo? Se eu tivesse obrado como tal, e tal pessoa, com quem vivi, se tivesse obrado o que Deos me inspirava tal dia, se tivesse correspondido a tal graça, se tivesse evitado aquella occasião de peccado, se houvesse praticado aquella virtude, se me houvesse mortificado, se tivesse vivido huma vida regular, e Christã! Ah como sou infeliz! Eu poderia obrar assim, se quizesse, o meu premio seria ao presente o Ceo; e com effeito estou condemnado, está tudo perdido para mim sem remedio, estou condemnado, e condemnado para sempre: ó cruel, e espantoso pezar!

O que poem o cume a todas estas penas, he lembrar-se então huma alma, que havia considerado nestas mesmas penas, que tinha previsto os arrependimentos, que algum dia teria, se se condemnasse, e que se não aproveitou de hum pensamento tão laudavel.

*Mortuus est dives, & sepultus est in Inferno.* Que fim! Que sorte! Esse rico, esse feliz do seculo, esse homem de prazeres, todo inebriado nas doçuras da vida, esse rico morreo; nada o pôde izentar deste fatal golpe. Mas que he feito desse homem, depois de tirado deste mundo? Ah! O seu corpo, que elle tinha regalado tanto, he em poucas horas convertido em podridão, e esta podridão em bichos, e a sua alma está

está sepultada nas chamas. Que mudança ! Que diferença ! Sahir de huma casa sumptuosamente ornada de moveis , do meio da abundancia , das delicias , dos prazeres , e cahir no Inferno , e ser lá sepultado com todos os demais condemnados , naquellas devorantes chamas.

*Quis poterit habitare de vobis cum igne ?* Quem de vós poderá habitar eternamente no meio deste fogo ? Esta mulher mundana , que vive nas delicias , a quem a menor intemperança do ar inquietta , que se trata com delicadeza até o maior excesso ; esta mulher poderá habitar nestas chamas , e morar nellas eternamente ?

Esses homens de consciencia livre , que achão o jugo do Senhor muito pesado , e as Leis do Evangelho muito austeras ; poderão accommodar-se no Inferno com aquellas fogueiras ardentes , com aquelles tormentos excessivos , com aquella multidão innumeravel de supplicios , e accommodar-se com isto eternamente ?

Oh Deos , que horrivel espectaculo ! Hum grande , hum feliz do seculo no Inferno , confundido com os demonios , rodeado , envolto , penetrado todo daquellas terriveis chamas !

Hum pobre official , hum moço de servir , hum escravo depois de ter passado os seus dias na miseria , e em continuos trabalhos , condemnado ainda depois da sua morte ás chamas eternas !

Hum homem sabio , hum homem de grande talento , que brilhou , que se distinguio tão fortemente no mundo , pelo seu merecimento ; sepultado no Inferno eternamente !

Que lamentavel cousa será ver hum Sacerdote , respeitavel aos mesmos Demonios pelo seu caracter , que se nutrio tanto tempo com o Sangue adoravel de Jesu Christo , que foi o Dispenseiro deste precioso Sangue , q̄ tira os peccados do mundo ,

do , ser condemnado , vomitar eternamente mil blasfemias contra o mesmo Jesu Christo nos Infernos.

Hum Ministro da palavra do Senhor , que converteo tantos peccadores , que clamou com tanto zelo , e ardor contra os que se condemnaõ , ver-se elle mesmo condemnado ! Que horror ! Que cruel tormento !

Finalmente , que triste cousa será , ver , que hum Director tão illustrado nos caminhos de Deos , tão rigido nas decisõens , tão zeloso da salvaçãõ das almas , seja reprovado !

Ah Senhor ! e que será , se eu mesmo , que medito isto , venho a ser algum dia este desgraçado , se tenho de lembrar-me algum dia de tudo isto no meio das chamas ! Eu tremo , e me encho de horror. Ah meu Deos ! que devo esperar racionalmente , se me não converto neste momento ?

He possivel que não cuidemos no Inferno , ou que nos não convertamos , se cremos nelle ? Podem se estamos já convertidos , para que he necessario , dizem , considerar nelle ? He necessario , para impedir o perverter-nos. Os maiores Santos , essas almas puras , e abrazadas de puro amor de Deos , esses Heroes do Christianismo , julgaraõ que lhes era necessario considerar nelle ; só o seu pensamento os fazia tremer , e com tudo consideravaõ muitas vêzes nelle , para lhe ter ainda mais horror : e achar se-haõ pessoas , das que fazem profissãõ de virtude , e ainda Religiosas , a quem o pensamento do Inferno não pareça necessario ! Quando succedeu , que por termos maiores contas para dar , tenhamos menos que temer ; e que por termos mais obrigaçoens para cumprir , tenhamos menos razãõ de temer os castigos ?

Vós tinheis bastante razãõ , Senhor , de nos dizer , que o Inferno he o unico mal , que há para temer ; porque que me importa ser honrado ,



e estimado, viver na abundancia, e nas delicias; se me condemno? E que importa que eu viva huma vida obscura, e mortificada, que seja esquecido, desprezado, e perseguido, com tanto que não seja condemnado?

Ah, meu Deos! se quereis castigar os meus peccados, estais ainda em tempo disso, em quanto dura a minha vida; tenho hum corpo, e huma alma capazes de padecer: vingai-vos, castigai este peccador, he bem justo: mas não me condemnéis ao fogo eterno. Peço-vos, Senhor, e peço-vos nos dias das vossas misericordias, castigai este rebelde tão severamente, quanto vos agradar; mas seja neste tempo, que passa, e não na Eternidade: por mui grandes, por mui severos que sejam os vossos castigos, ainda louvarei a mão, que me ferir nesta vida; mas não permittais, ó Pai de misericordia, que eu me condemne.

Aqui nesta vida ao menos posso, com os merecimentos de Jesu Christo, satisfazer á vossa Justiça, esperar na vossa Misericordia, louvar-vos, e amar-vos: porém que consolação tereis vós de me ver no Inferno, sepultado nas chamas, consumido de raiva, e de desesperação, aborrecer-vos, amaldiçoar-vos, e vomitar eternamente contra vós blasfemias horriveis?

Ah Senhor! não me tereis dado tempo de considerar nas penas do Inferno, senão para augmentar a dôr, e o pezar, que terei algum dia de me ter condemnado, depois de haver meditado nestas mesmas penas?

Lançai os vossos misericordiosos olhos, Pai Eterno, para este pobre peccador: eu ainda estou tinto no Sangue de Jesu Christo vosso Filho, e em virtude deste Sangue, ó meu Deos, eu vos peço misericordia.

Vós me haveis resgatado por hum preço mui  
alto,

alto, e por isso não podereis deixar de ser sensível á minha perda.

*Domine, quid me vis facere? Que quereis, Senhor, que eu faça para me salvar? Prompto estou a obedecer-vos em tudo sem restricção, e sem reserva. Ajudai-me com a vossa graça, meu doce Jesu: e se me haveis de castigar, seja neste tempo, que passa, e não por huma infeliz Eternidade. Hic ure, hic secca, dummodo in aeternum parcas.*

## SEGUNDA MEDITAÇÃO

Para o mez de Outubro.

*Dos fructos da Penitencia.*

### I. PONTO.

*A Penitencia he necessaria a toda a sorte de pessoas.*

**C** Onsidéra, que só pelo caminho da mortificação, e penitencia, se vai ao Ceo. Jesu Christo não nos mostrou outro: Os Santos, aquelles mesmos, que tinhaõ sido santificados, e confirmados em graça no ventre de sua Mãi, não tiveraõ outra estrada.

He erro grande crer, que a penitencia he só necessaria aos grandes peccadores; e não he outro menor, imaginar que a mortificação só he para as pessoas perfectas. Se somos peccadores, estamos obrigados a fazer penitencia, para apylacar a Justiça de Deos com ella, e obter da sua misericordia perdão dos nossos peccados. Se somos taõ felices, que nunca perdemos a innocencia, tambem nos he necessaria.

cessaria a penitencia, para conservarmos este precioso thesouro. Nós temos peccados, nós podemos peccar: exaqui dous poderosos motivos, que obrigaõ a viver huma vida penitente, e mortificada.

Pode-se racionavelmente crer, que a Penitencia he só para os Religiosos, e que a mortificação só deve reinar nos Claustros? Todos convém que se perca muito mais no mundo, e que há nelle mais perigos de peccar.

Bein se reflecte que as pessoas Religiosas, a quem se deixa o exercicio da Penitencia, entraraõ a maior parte na Religiãõ com a sua innocencia: e com tudo os mundanos, que confessãõ ter cõmettido hum grande numero de peccados, e de peccados taõ graves, que estaõ em hum continuado perigo de cõmetter novos peccados, quẽrem persuadir-se que a Penitencia, e a mortificação lhes naõ pertence?

Quando naõ tiveramos mais que domar as nossas paixoens, poderiamos racionavelmente esperar vir ao fim disto, sem a pratica da mortificação? E quem pôde esperar salvar-se, se naõ trabalha em vencer suas paixoens?

He artigo de Fé, que só os que se fazem violencia entraõ no Ceo: e pretendemos entrar lá sem mortificação? A vida do homem sobre a terra he huma guerra perpetua; porque a carne, como diz S. Paulo, tem desejos contrarios ao espirito; e sem o exercicio da Penitencia, que esperanza há de vencer?

Nada negamos á sensualidade, temos hum cuidado excessivo do proprio corpo, seguimos a olhos fechados todas as inclinaçoens da natureza, as paixoens nos dominaõ, os objectos nos tentaõ, e vivemos sem temor no meio do mundo, expostos como estamos aos maiores perigos.

Ou devemos dizer, que os que vivem deste modo,

modo, não são da mesma natureza, que os outros homens, que são confirmados em graça, e que o inimigo do Genero humano os respeita, e teme tenta-los: ou devemos assentar, que elles correm grande risco de viverem, e morrerem em peccado. Ah! o Ceo custa tão caro ás almas mais generosas, e abraçadas no amor Divino, e nada, ou quasi nada há de custar aos mundanos?

S. Paulo castiga asperamente o seu corpo: acrescenta ao que lhe fazem padecer os que o perseguem, austeridades voluntarias, com temor que ao mesmo tempo que converte os outros, se perverta a si mesmo: e aquelles, que se não atreverião a crer-se tão santos como hum S. Paulo, julgarão poder passar sem o frequente exercicio da Mortificação?

Por ventura erão os Santos mais frageis que nós? Pertendião acaso outra recompensa? Tinhaõ outro Capitaõ, a quem seguir? Terião elles outro guia, servião a outro Senhor? E por ventura he a nossa vida semelhante á sua? He ella conforme á de Jesu Christo, de quem nos chamamos discipulos? Se alguém quer vir em meu seguimento, diz este Divino Salvador, renuncie a si mesmo, e tome sua Cruz todos os dias. Seguimos a caso esta lição, obedecemos a este Oraculo?

A verdadeira mortificação he inseparavel da verdadeira piedade: não sómente porque não há virtude, que possa subsistir muito tempo sem huma mortificação generosa, e constante; mas tambem, porque sem mortificação, não há virtude verdadeira.

Temos muita razão de desconfiar do frequente uso dos Sacramentos, em quanto as paixoes estão sempre vivas: a Oração, a pratica das boas obras, tudo he suspeito em pessoas, que não trabalhão em mortificar-se.

Parece que não he o trabalho, o que nos desgosta deste exercicio, mas sim o motivo: porque, que não soffremos nós no serviço do mundo? Ah! se Deos pedisse aos que o servem, tudo, o que o mundo pede aos seus escravos, não sei se se achariaõ muitos Servos de Deos.

Que violencias não fazem, e quantas não estão obrigados a fazer todos os dias a si mesmos, os que tem interesse de se fazerem agradaveis áquelles, de quem esperaõ algum favor? Que mortificação mais aspera, e mais continuada, que a de hum Cortezaõ, de hum mercador applicado ao seu negocio, de hum soldado no exercito, de hum sabio ambicioso? Com tudo, todos estes não se desgostaõ do trabalho: mas se he necessario fazer a menor violencia por amor de Deos, tudo custa, tudo parece insupportavel. Perde-se o animo a ouvir só o nome de mortificação, desde que se mortificaõ para agradar a Deos.

Que sentimentos bem diferentes teremos á hora da morte, quando nos puzerem diante dos olhos a imagem de Jesu Christo Crucificado? A vista da Cruz nos dará em rosto com a delicadeza da nossa vida, e reprehenderá a pouca conformidade, que tiver havido entre nós, e aquelle, que he o modelo de todos os predestinados: ella nos fará detestar, mas já mui tarde, a vida molle, e sensual, que tivermos vivido: quaes serãõ os arrependimentos infructuosos, que entãõ teremos de não haver feito fructos dignos de Penitencia, e de nos não ter mortificado?

Na hora da morte a todos os moribundos se appresenta hum Crucifixo: mas, oh meu Deos! Por ventura recebem todos os moribundos muita consolação com a sua vista? He possivel, meu Salvador, que a mortificação, que tanto suavizastes, só pareça insupportavel, quando se abraça á

vos,

vossa imitação, e por vosso amor? Que seria se vós pedissemos de vossos Servos tudo, o que o mundo pede dos seus? Que seria, se para a propria salvação fosse precisamente necessario fazer, e padecer, o que se faz, e padece para caminhar á perdição? Ah, Senhor, vós me pedis ainda menos, do que o mundo me pede, menos, do que eu faço por amor delle, e por amor de mim todos os dias: e recuzarei darvos este pouco, que me pedis, sendo necessario para a minha salvação, tendo eu merecido mil vezes mais por meus peccados, pedindo-o vós só, para me livrar das penas, que mereço? Que! Recuzarei levar a Cruz com vósco, seguir-vos, e fazer o que todos os maiores Santos fizeram para vos imitar, e para se fazerem Santos? *Mibi ab sit gloriari, nisi in Cruce Domini nostri Jesu Christi, per quem mihi mundus crucifixus est, & ego mundo.* Não permita o Senhor, que eu me glorie em outra cousa mais, do que na Cruz de nosso Senhor Jesu Christo, por quem o mundo está crucificado para mim, e eu para o mundo.

## II. PONTO.

*Quaes devem ser os fructos desta Penitencia.*

**C**onsidera, que por fructos de Penitencia não se entendem sómente as macerações do corpo; mas principalmente a mortificação das paixões, e a reformação dos costumes. Estes são propriamente os fructos; que Deos espera da nossa contrição, e da nossa penitencia. Por estes signaes podemos conhecer, se fazemos bom uzo dos Sacramentos, se temos huma verdadeira dor de nossos peccados, e se somos fieis á Graça.

Os Sacramentos; a Oração, as boas obras, são grandes meios para chegar á Perfeição: po-

rém se com tão poderosos meios sempre ficamos imperfeitos, sempre soberbos, tão colericos, invejosos, impacientes, e insupportaveis aos outros, como sempre havemos sido, devemos fazer bem pouco caso do uso, que fazemos de todos estes meios.

As austeridades corporaes são hum acto de Penitencia: mas o fructo desta penitencia exterior deve ser sujeitar as paixões, reprimir a inclinação viciosa, e as desordens do amor proprio.

De que serve confessar tantas vezes as faltas, se em hum anno inteiro nos não corrigimos de huma só? Não basta detestar os peccados, he necessario ter resolução de os não cometer mais: esta resolução pode ser sincera, se não encerra em si a vontade de evitar até as menores occasiões de peccar? E o effeito desta vontade he propriamente o que se chama fructo de Penitencia.

Na verdade, se não conhecessemos a efficacia do Sacramento da Penitencia, senão só pelos effeitos, que faz em nós, teriamos huma alta idéa deste Sacramento? E quanto he para temer, que acostumando-nos, por não sei que negligencia, e principalmente por falta de contrição, a não aproveitar-nos desta fonte de graças, se fação os nossos males incuraveis?

A vida de hum Religioso he hum exercicio continuado de penitencia: que desgraça para este Religioso viver huma vida austera, e penitente, sem tirar della fructo algum? E q̄ fructo pôde tirar da sua penitencia hum Religioso cheio do espirito do mundo, e que vive tibio, e relaxado? Que grande culpa he a nossa, quando não queremos gostar os fructos da Cruz, que levamos? Nós não padeceriamos mais, e ainda até soffreriamos muito menos, se a levassemos com fervor; pois que estes fructos são cheios de huma verdadeira doçura: não

gost.

gostamos esta doçura, porque buscamos fóra da Cruz a propria satisfação.

Não he certo que todos tem muito que padecer nesta vida? Achão-se cruces em toda a parte, aquelles mesmos, que vivem mais á sua satisfação, e á sua vontade, não estão isentos dellas: sofframos ao menos com paciencia, unamos nossos trabalhos com os de Jesu Christo, nós não soffreremos mais, do que soffremos, e nossos trabalhos não serão sem fructo.

O exercicio constante da mortificação, he tambem hum fructo de Penitencia. Meu Deos! que vantajem, que utilidade se não pôde tirar deste exercicio! Não ha nada, que nos não possa ser huma occasião de contrariar as nossas inclinaçoens naturaes. Não ha tempo, nem lugar, que não seja proprio para nos mortificar, que nos não dê alguma materia de paciencia, sem jámais nos apartar-mos das regras da verdadeira prudencia. Ah! huma alma, que ama verdadeiramente a Jesu Christo, he engenhosa em aproveitar-se destas pequenas occasioens.

Temos grande desejo de ver, ou de fallar em certas circumstancias: que utilidade em tão em abaixar os olhos, ou calar-nos! Huma palavra dita a proposito, huma zombaria feita com agudeza, pôde dar honra na conversação: porém não pôde ella tambem ser materia de hum excellente sacrificio? Não há quasi hora no dia, em que não tenhamos occasião de nos mortificar; ou estejamos affentados, ou em pé, nunca deixaremos de achar hum lugar, ou huma postura pouco cômoda, sem que se deixe ver cousa alguma no exterior.

Finalmente ás incommodidades, que nos vem do lugar, da estação do tempo, das pessoas, sendo soffridas de huma maneira, que faça crer, que não as sentimos, e com hum espirito Christão,



verdade he que são occasioens pequenas de nos mortificar; mas a mortificaçã nestas pequenas occasioens não he pequena: ella he de hum grande merecimento, e póde-se dizer, que as maiores graças, e a mais sublime santidade, dependem ordinariamente da generosidade, com que nos mortificamos constantemente nestas pequenas occasioens.

Não nos dispensar em nada das obrigaçoens de huma Communidade, guardarmos suas regras com grande exactidã, conformar-nos em tudo com a vida commua, sem attender ás proprias inclinaçoens, e aos proprios empregos; ás dignidades, ou aos annos; tudo isto são preciosos fructos de mortificaçã, tanto mais consideravel, quanto he menos sujeita á vaidade, e mais conforme ao espirito de Jesu Christo.

Todos estes são verdadeiros fructos de Penitencia; e porque não produzimos muitos destes fructos? Huma dor, huma enfermidade, a perda de huma demanda, huma adversidade, hum accidente molesto, não deixarão de nos affligir, por mui rebeldes que sejamos ás ordens da Providencia: mas se fazendo-nos mais Christãos, e mais sujeitos a tão saudaveis castigos, os acceptamos com resignaçã; elles se nos fazem meritorios, e nos servem para satisfazer á Justiça de Deos.

Tambem há outra especie de fructos de Penitencia, mais necessaria, e sem a qual todas as outras servirão pouco para a Eternidade: que he a reformaçã dos costumes, e a victoria da paixão dominante. Observemos que paixão he a que nos domina, qual he em nós o habito mais arreigado, que nos faz obrar, o peccado, que nos he mais ordinario e familiar, e que de algum modo he a fonte de todos os outros; qual he a origem de todas as falsas maximas, que praticamos em

materia de consciencia. Todos os outros vicios nos pódem ser como estranhos; mas a paixão dominante faz o nosso proprio caracter. O fructo de huma verdadeira conversão, he cortar o vicio, que reina em nós, he conceber hum santo horror a essa paixão, que nos senhorea, para a combater depois incessantemente: só esta victoria nos poem em seguro, contra as mais fortes tentações do inimigo. Bem facilmente fazemos guerra a outros vicios, mas perdoamos ordinariamente a este: e exaqui o que impede tirarmos fructo da nossa Penitencia.

Ah meu Deos! que esperamos nós para produzir algum fructo? Que penitencia me não he necessario fazer, para expiar meus peccados? Espero faze-la nos Infernos? Ou ao menos, julgo melhor padecer no Purgatorio penas horrorosas, e sem merecimento, do que satisfazer á vossa Justiça nesta vida com penitencias tão leves, as quaes vós com tanta bondade, Senhor, quereis levar-me em conta para a Eternidade?

Que espero eu para poder produzir os fructos de Penitencia? Vós nos cultivais com tanto cuidado, temos sido como transplantados a huma terra regada com as vossas lagrimas, meu Divino Jesu, regada com o vosso proprio Sangue: até quando vivirei huma vida infructuosa? Nós trabalhamos, e padecemos muito, mas porque nos apartamos da vossa Cruz, não tiramos fructo algum dos nossos trabalhos.

Estou resoluto, Senhor, a não deixar cousa alguma, para largar huma vida tão esteril. Nada posso sem a vossa graça, mas com ella tudo posso, e já que me dais ainda tempo para fazer penitencia, não permittais que eu abuse d'elle, estando resoluto, como estou, a principiar neste momento a produzir fructos dignos de Penitencia

cia, e a ser verdadeiramente vosso discipulo; levando com vosco, e por amor de vós, a minha Cruz. *Mibi vivere Christus est, & mori lucrum.*

## TERCEIRA MEDITAÇÃO

Para o mez de Outubro.

### *Do Sacramento da Extrema-Unção.*

**P**Or muito efficaç que seja o Sacramento da Extrema-Unção para nos alcançar huma boa morte, he para temer que hajaõ poucos, que se aproveitem da sua virtude. Como se considera pouco nelle, e se recebe só na extremidade da vida, he perigoso que faltem as disposições necessarias para tirar delle todo o fructo. As pessoas de virtude estão neste perigo assim como os outros: julgamos pois que era conveniente, fazer ao menos huma vez no anno algumas reflexoens sobre hum meio taõ util, e isto he o que nos obrigou a pôr aqui huma Meditação sobre este Sacramento.

### I. PONTO.

#### *Do fim do Sacramento da Extrema-Unção.*

**C**onsidéra quanto Jesu Christo deseja a nossa salvação; não sómente elle instituiu o Sacramento da Penitencia, como hum soberano remedio para farar todas as enfermidades da alma: mas conhecendo quantas faltas escapaõ ás nossas luzes no espaço de toda a nossa vida, e sabendo quanto necessita hum moribundo de socorros, no tempo mais perigoso para a sua salvação, instituiu o

Sal-

Salvador este ultimo Sacramento, cujo fim he principalmente perdoar os restos dos peccados, que ainda naõ foraõ expiados, foster, e fortalecer a alma contra os furiosos ataques do inimigo, animar a sua Fé, e a sua confiança; e se a vida ainda he necessaria ao moribundo para a salvaçaõ da alma, este Sacramento tem virtude particular para lhe tornar a dar saude.

E conhecem-se acaço os effeitos deste Sacramento? Conhece-se e seu fim? De que utilidade, de que importancia naõ he para nós, conhecermos estes effeitos para os receber? E quem he, que cuida nelles?

Olha-se este ultimo Sacramento como hum Mysterio de máo agouro; o temor, que há de o receber, faz, que se receba ordinariamente sem fructo. Só a palavra de Extrema-Úneçaõ, he hum sentença de morte para hum enfermo, ninguém se atreve a propor-lhe a necessidade de recebe-la, todos se enchem de pavor affim que se falla nella, espera-se a ultima extremidade, isto he, quando o enfermo naõ tem já nem sentidos, nem conhecimento: e entaõ com que disposiçoens Senhor, se recebe este Sacramento?

O inimigo da nossa salvaçaõ faz todos os esforços; para nos fazer inutil este poderoso soccorro: e podia elle acertar com meio melhor, do que inspirando-nos este vaõ horror? E deixar-nos-hemos prender dos seus laços? Bem sabe elle que este Sacramto nos provê de armas para o vencer, em hum tempo, em que tanto nos importa naõ ser vencidos delle; nada deixa para nos impedir que o recebamos, ou ao menos para nos obrigar a que o naõ recebamos, senaõ quando naõ estamos já em estado de tirar delle quasi fructo algum: está bem clara a sua astucia, e a sua malicia; e com tudo há poucos que se naõ deixem enganar, e surprender delle.

Estan-

Estando algum de vós enfermo, diz San-Tiago, mande vir á sua presença os Sacerdotes da Igreja, para que orem sobre o enfermo, ungiendo-o com o Oleo sagrado em nome do Senhor, e a Oração da Fé salvará o enfermo, o Senhor o aliviará, e se tiver alguns peccados lhe serão perdoados.

He preciso haver huma grande indiferença a respeito da salvação, para não haver recurso a hum remedio tão efficaz, assim que huma pessoa se vê em perigo, e para o não pedir com ancia. A pouca fé, que temos nos Sacramentos, e nas Orações da Igreja, impede de ordinario o seu effeito.

Donde procede que há tão poucas curas entre os enfermos? Dizia o Profeta: he porque tendes mais fé nos remedios humanos, que na virtude do Altissimo. Ah Senhor! não temos nós mais razão para nos reprehender deste modo? temos tanta confiança nos remedios de hum Medico, que julgamos sabio, e instruido; e que caso fazemos dos que vós nos dais? Atrever-nos-hemos a duvidar da sua effiçacia? e não devemos temer tudo das nossas más disposições, e principalmente da nossa pouca Fé?

Que doce consolação, e que abundancia de graças não receberia hum moribundo, que instruido perfeitamente das santas ceremonias, com que se administra este Sacramento, comprehendesse o sentido das orações, que o Sacerdote faz sobre elle, e que fazem por elle os assistentes!

A paz seja nesta casa, diz o Sacerdote entrando na camara do enfermo; e com todos os que habitão nella, se lhe responde. Que socego, que tranquillidade não experimenta então hum coração cheio de confiança naquelle, a quem obedecem os ventos, e os mares? E o inimigo da paz, que trabalha então mais que nunca, para

excitar a turbação em huma alma, pôde levantar-se á vista daquella Cruz, que se dá a beijar ao enfermo? E não fica elle bem longe, lançado fóra da caza com a agoa benta, que na cama, na caza, e em todos os assistentes se espalha? Nenhuma cerimonia há na Igreja, que não seja saudavel a quem se sabe aproveitar della.

Mas q̄ cousa mais cheia de consolação, que as oraçoens, que se fazem sobre o enfermo!

Todo o nosso remedio, todo o nosso soccoro nas nossas necessidades, he em nome do Senhor, diz o Sacerdote: do Senhor, se lhe responde, que creou o Ceo, e a Terra. Julgai se a nossa confiança he bem fundada, e se aquelle, a quem todo o Universo não custou mais que huma palavra, não nos poderá assistir poderosamente nas nossas enfermidades. O Senhor seja com vosco, continua elle, e se lhe responde: seja tambem com o vosso espirito, pois que não fazeis cousa alguma, que não seja em seu nome, e como seu Ministro.

Fazei, meu Senhor Jesu Christo, prosegue o Sacerdote, que a felicidade eterna, que a prosperidade Divina, que huma alegria socegada, que huma fructuosa charidade, que huma faude inalteravel, e eterna entrem com nosco nesta caza. Nenhum espirito máo se atreva já a apparecer neste lugar, os Anjos de paz se achem nelle em turmas, e toda a maligna discordia seja para sempre delle desterrada. Fazei resplandecer sobre nós, Senhor, a virtude do vosso Santo Nome, e abençoai tudo, o que vamos a fazer, e sem olhares para a nossa baixaza, santificai as funções do nosso Ministerio, vós, que sois a mesma Santidade, e Bondade, e que viveis, e reinais por todos os seculos dos seculos.

De quantas reflexoens todas cheias de con-

solução, nos não enriquecem estas Orações! E que grandes auxilios tira dellas na hora da morte huma alma Christã, a quem ellas não são novas, e que tem tido o cuidado de as meditar em vida!

Peçamos, continúa o Sacerdote, e supliquemos a nosso Senhor Jesu Christo, que abençoando esta casa, e todos os que nella habitão, espalhe, e derrame aqui os seus favores em abundancia, e lhe dê hum Anjo para ter cuidado delles, e que os una sempre cada vez mais no seu serviço, para descobrirem sempre mais as maravilhas da sua Ley, que aparte longe delles tudo, o que lhes pôde fazer mal, que os livre de tudo, o que lhes pôde causar temor, e tûrbar o seu repouso, e que se digne de os conservar saõs, e tranquillos nesta habitação, elle, que sendo Deos, vive com o Pai, e Espirito Santo, por todos os seculos dos seculos.

Ouvi-nos, Senhor, Pai Santo, Deos Eterno, e dignai-vos mandar dos Ceos o vosso Santo Anjo, que guarde, e favoreça, proteja, visite, e defenda de todos os perigos aos que aqui habitão: por nosso Senhor Jesu Christo. Amen.

Que admiravel he Deos! Sabendo que pouco pôdem cuidar os enfermos em receber este Sacramento, excita com o interesse, para o dizer assim, todos, os que estã na mesma caza, e os obriga a procurarem para o moribundo hum bem, que adquire para elles mesmos tão grandes graças. Que falta, e que perda não fazem aquelles, que por huma falsa ternura, e por consideraçõens todas humanas, faltaõ a esta obrigação de charidade?

O *Confiteor*, que se reza, diz-se em nome do enfermo: e não deve esta Oração excitar nelle hum vivo arrependimento dos seus peccados, e aquella verdadeira compunção, que pede este Sa-

cra-

ramento? Esta he a utilidade, que ha quando elle se recebe com conhecimento, e com hum espirito, e hum coraçãõ pio. E ao mesmo tempo, quanto se não arrisca, e perde quando o recebemos quasi sem preparaçaõ, e ainda muitas vezes sem sentidos, e sem conhecimento?

Em nome do Padre, e do Filho, e do Espirito Santo, profegue o Sacerdote, fazendo tres cruces sobre o enfermo; todo o poder do maligno espirito se aparte de vós pela imposiçaõ de nossas maõs, e pela invocaçaõ de todos os Santos Anjos, Archanjos, Patriarcas, Profetas, Apostolos, Martyres, Confessores, Virgens, e de todos os Santos juntos. Amen.

Quando se considera que o que falla desta forte he o Ministro dos Altares, Sacerdote de Deos vivo, que pelo seu caracter tem poder de mandar aos Poderes do Inferno, e fazer que lhe obedeçaõ; cuja voz se faz ouvir até no Throno de Deos, todas as vezes que elle exercitar as funcões do seu Ministerio; poderemos deixar de chorar a forte daquelles, que desprezaõ receber este Sacramento, ou que se horrorizaõ com estas sagradas ceremonias?

Ah Senhor! nestes perigosos momentos, de que depende a felicidade eterna, nesta extremidade da vida, em que os inimigos da salvaçaõ nos acommettem com tanta violencia, desprezar receber auxilios taõ poderosos, sentir quam fracos somos, temer os combates, e recuzar tomar as armas, não he o mesmo que querer ser vencido?

Mas consideremos a Unçaõ sagrada, e as poderosas palavras, que fórmaõ este Sacramento. Como pelos sentidos vem as chagas á nossa alma, tambem sobre as partes do corpo aonde estaõ os cinco sentidos, e por onde se há podido peccar, he que se faz esta Unçaõ.

Quant

Quan-



Quantas vistas contagiosas em quanto dura a vida! Quantos discursos máos, ou ouvidos, ou proferidos! Quantos passos desordenados! Quantas satisfaçoens illicitas dadas a todos os sentidos! Por mui exemplar que tenha sido a vida, meu Deos, ainda fica que expiar: e este he o effeito singular deste Sacramento.

O Senhor por esta santa Unção, e pela sua piedosissima misericordia, vos perdoe os peccados, que tendes commettido pelos olhos. Amen.

O Senhor por esta santa Unção, e pela sua piedosissima misericordia, vos perdoe todos os peccados, que tendes commettido pelo sentido do ouvir. Amen.

O Senhor por esta santa Unção, e pela sua piedosissima misericordia, vos perdoe todos os peccados, que tendes commettido pelo sentido do olfato. Amen.

As Unçoens, que se fazem sobre as mãos, sobre os pés, sobre a boca, significão o mesmo: e como os Sacramentos conferem sempre a graça, que significão, quando a pessoa, que os recebe, está em Graça, e disposta; que utilidade para hum moribundo, poder acompanhar todas estas sagradas Unçoens com hum vivo arrependimento dos seus peccados, e com huma compunção verdadeira! He pois este Sacramento para temer, ou para desprezar?

Considerai o grande numero de reflexoens, e doçuras espirituaes, que nos alcançaõ as Oraçoens, que acompanhaõ esta sagrada cerimonia.

Senhor, diz o Sacerdote, tende compaixão de nos; Jesus Christo, tende compaixão de nós.

Senhor tende compaixão de nós.

Com a continuação de ouvir pronunciar estas palavras, estamos acostumados a ellas; mas o uzo frequente das boas cousas sempre he util a quem

quem se quer aproveitar dellas. Huma alma verdadeiramente Christã, por pouco q̄ esteja attenta a ellas, sempre acha nestas santas palavras huma nova Unçãõ.

Acabada a oraçaõ Dominical, considerai quanto consolarãõ a hum enfermo as Oraçoens, que se fazem por elle.

Dignai-vos, meu Deos, de dar a saude ao vosso servo, que tem toda a sua confiança em vós. Naõ lhe negueis o auxilio, que elle espera da vossa misericordia, o qual só vós lhe podeis dar.

Servi-lhe de escudo, Senhor, contra os insultos do inimigo da sua salvaçaõ, para que o tentador naõ lhe possa já mais fazer mal.

Senhor, ouvi a minha Oraçaõ, e a minha voz chegue á vossa presença.

Meu Deos, e meu Senhor, que distestes pelo vosso Apostolo San-Tiago: Estando algum de vós enfermo mande vir os Sacerdotes da Igreja, para que orem sobre elle, fazendo-lhe a Unçaõ do oleo em nome do Senhor, e a Oraçaõ da Fé salvará o enfermo, e se tiver alguns peccados lhe serãõ perdoados: Aliviai, nós vo-lo supplicamos, oh nosso Redemptor, aliviai as enfermidades deste enfermo, curai as chagas da sua alma, e perdoai-lhe os seus peccados. Livrai-o de todas as suas dôres do corpo, e da alma, dai-lhe por vossa bondade huma boa, e perfeita saude, tanto da alma, como do corpo, para que restabelecido por hum effeito da vossa misericordia, se applique melhor, do que o tem feito, a todas as suas obrigaçoens? Esta he a graça; que vos pedimos a vós, que, sendo Deos, viveis, e reinais com o Pai, e Espirito Santo por todos os seculos dos seculos. Amen.

Nós vos pedimos tambem, Senhor, que lancéis os vossos misericordiosos olhos sobre o vosso servo opprimido de enfermidades, que deis hum

novo vigor á sua alma , que creastes , para que aproveitando se daqui por diante destes castigos , reconheça que só a vós deve a sua salvação , e a sua faude : nós vos pedimos esta graça , em nome de nosso Senhor Jesu Christo.

Em fim , Pai Omnipotente , Deos Eterno , meu Senhor , que sois a mesma santidade , já que espalhando nos corpos enfermos a graça da vossa benção , conservais a vossa creatura com novos signaes de bondade ; dignai-vos fazer-vos propicio á invocação do vosso Santo Nome , para que tendo livrado o vosso fervo de todas as suas enfermidades , e tendo-o restituído á faude , o torneis a levantar com a vossa misericordiosa mão , o sustenteis com a vossa virtude , o defendais com o vosso poder , e o deis á vossa Igreja com tanta prosperidade , como elle póde desejar: nós vos pedimos esta graça em nome de nosso Senhor Jesu Christo.

Exaqui quaes são as Orações, que se fazem , e de que temos tanto medo ; exaqui qual he o Sacramento da Extrema-Unção , o qual procuramos com tão pouco cuidado , porque não conhecemos a sua efficacia. Ah Senhor ! he justo que morramos de fome , como diz o Profeta , se estando no meio da abundancia , e no meio do mesmo Christianismo , havemos de ter pensamentos tão pouco Christãos !

## II. P O N T O.

*Reflexões sobre o fim , e ceremonias do Sacramento da Extrema-Unção.*

**C**onfidéra que mal correspondemos ás bondades do nosso Deos : se há algum tempo na vida , em q̄ necessitemos mais de hum auxilio extraordinario , he na ultima enfermidade. O Salvador mui-

Muito bem sabe isto, e assim inspira á Igreja Oraçoens particulares para este tempo, institue mesmo hum Sacramento destinado principalmente para estas urgentes occasiões. Se o Salvador nos houvesse desamparado nesta extremidade, que queixas não formaríamos d'elle? Elle com effeito se lembrou desta terrivel extremidade, elle a tem provido da maneira a mais efficaz. Os peccados, que não foram inteiramente expiados, os esforços do tentador, a oppressão, em que nos poem as enfermidades, nos devem causar hum grande medo; o Salvador nos dá hum Sacramento, que apaga os restos dos peccados, que desfarma o nosso inimigo, que alivia as dôres do corpo, que dá huma nova força á alma; e ainda há quem o não queira? Fallar nisto a hum enfermo, he horrorisa-lo, e só se recorre aqui quando o enfermo não está já em estado de se aproveitar deste saudavel soccorro, e ainda muitas vezes no momento, em que expira.

Houve já mais algum medo mais irracional, ou algum terror mais vão? Que cousa há que nos cause medo neste Sacramento?

São por ventura as Oraçoens? Ah! há nelle cousa de maior consolação, que as oraçoens, ou cousa, em que tenhamos mais interesse? Pede-se para o enfermo, que o Senhor se digne de lhe dar saude; que lhe perdoe os peccados, que não estão expiados, que alivie seus males, que o livre delles; o Ministro destas Oraçoens he proposto pela Igreja, e escolhido pelo mesmo Jesu Christo, para pedir com mais efficacia; he o mesmo Ministro de Jesu Christo, que pede, e que pede em nome, e em pessoa de Jesu Christo. E são por ventura estas algumas petições, que nos devão inquietar? He este algum objecto, que nos prognostique algumas infelicidades? He este o Sacramento, que nos espanta? E como pôde inquietar,

Cc

e hor-

e horririzar a hum Christaõ hum Sacramento , que foi instituido por Jesu Christo , para remitir os nossos peccados , e para dar-nos a faude do corpo , se for necessaria para a salvaçaõ ?

Sabemos que este Sacramento só se dá na ultima extremidade : e como hum enfermo nunca se julga taõ mal como está na verdade , por esta causa tememos atemoriza-lo procurando-lhe este remedio. Com isto o privamos do mais faudavel de todos os auxilios , com medo de lhe fazer conhecer o perigo ; negamos-lhe talvez o unico remedio , que lhe póde dar faude , com medo de lhe dar a conhecer a necessidade , que tem deste remedio : que vaõ , e louco temor !

Naõ seria pois justo pela mesma causa , dar a este enfermo certos remedios , que elle bem sabe , que só se daõ na extremidade : com tudo se se mandaõ dar , já se naõ consulta , nem se attende á delicadeza , nem ao temor do enfermo. Parentes , amigos , todos concluem que he necessario toma-los , e querem ser os fiadores do seu bom successo.

Só os vossos remedios , Senhor , inquietaõ , nunca ha tempo para os tomar , sempre se daõ muito tarde ; e saõ Christaõs , os que obraõ desta sorte ? Este horror só ao ouvir o nome de Viatico , e de Extrema-Unçaõ , naõ mostra bem a fé do enfermo ? E aquelle descuido , e inacçaõ dos que assistem , he final de huma grande Caridade ?

Por pouco que hum seja instruido da virtude toda Divina destes ultimos Sacramentos , deve esperar que hum estranho , ou que hum amigo o exhorte a recebê-los ? Naõ deveria haver tanta ancia para os receber , como ha para sarar , e escapar da morte ? Em lugar de esperar a ultima extremidade , naõ os deveriamos pedir , assim que julgamos estar em perigo ? Tem-se por grande des-

graça

graça o morrer sem Sacramentos; porém que utilidade ha em receber estes Sacramentos sem disposição, sem devoção, e muitas vezes sem conhecimento?

No momento, em que se fazem estas Unções sagradas, que consolação para huma alma verdadeiramente Christã, que tem tido cuidado em sua vida de mortificar os seus sentidos? Mas tambem que pezar, e que turbação para huma pessoa sensual, que não tendo recusado nada aos seus sentidos, se acha entã carregada de tantos peccados?

O Sacramento da Extrema-Unção horroriza, e inquieta, porque nos representa mais sensivelmente todos os erros, e a desordem dos nossos sentidos. Está na nossa mão livrar-nos deste horror, vivendo huma vida mortificada. Que doçura se pôde achar no que precisamente he seguido de tantos, e taõ crueis arrependimentos?

Que sentiremos entã em nós com a lembrança da desenfreada liberdade dos sentidos, em que tivermos vivido? Agora a molestia nos he violenta, o menor recolhimento nos enfastia, a curiosidade diverte, somos delicadissimos, o menor máo cheiro nos faz affligir, buscamos com cuidado tudo, o que satisfaz os sentidos, tudo, o que lisongea. E que titulos achareis na hora da morte, que vos fação reconhecer por verdadeiros discipulos de Jesu Christo?

Theatros, Espectaculos, modos affectados, muzicas deleitaveis, cheiros agradaveis, manjares exquisitos, e deliciosos, vós agradais ao presente; mas quantos inimigos domesticos nutris em nós mesmos? Vos podeis ser, ou materia de muitas victorias, ou a funesta causa de muitas lagrimas.

Queremos que a Extrema-Unção nos não me-  
ta medo? Cuidemos, em quanto estamos com sau-

de , algumas vezes neste Sacramento. O tempo, em que estimos perigosamente enfermos , não he proprio para nos preparar para elle ; e por isso hum Sacramento de tanta consequencia , se recebe ordinariamente sem disposiçãõ.

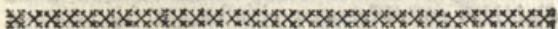
Se assistimos á administraçãõ deste Sacramento , vejamos nesse moribundo a nossa imagem ; algum dia estaremos como elle em estranhos horrores. Ah ! se elle ainda estivesse em estado de reformar os seus costumes como nós estamos , seria ainda negligente , e deixaria para outro tempo esta reformaçãõ ? Nós teremos algum dia inveja da faude dos que se acharem presentes , quando nos administrarem os ultimos Sacramentos : eu tenho ao presente esta faude : que espero ? Porque não uzo della fantamente ?

Que graça , meu Deos , darés-me vós estes pensamentos , e estes affectos , em hum tempo , em que me acho em estado de os fazer uteis ! Mas tambem que desgraça para mim , se sentimentos tão faudaveis se me fizerem inuteis , e só servirem de augmentar o numero , e a origem de meus pezares ? Não permittais que me succeda esta desgraça.

Eu vos dou graças , meu Divino Salvador , por teres instituido este Sacramento , que me póde servir de tão grande auxilio , no tempo mais perigoso da minha vida. Reconheço aqui singularmente o ardente desejo , que tendes da minha salvaçãõ , do qual nos dais huma tão excellente prova : quero aproveitar-me delle , meu doce Jesu , neste Sacramento porei a minha principal confiança para recobrar a minha faude , e nelle acharei o remedio mais efficaz para todas as enfermidades da minha alma. Estas Unçoens sagradas não sómente apagarãõ as mais leves manchas dos meus peccados , mas tambem me darãõ novas forças para combater , e para vencer,

Con.

Confesso, meu Deos, que he necessario para isto estar com tantas inspiraçoens; eu vo-las peço, estou bem resoluto a não esperar esta extremidade da vida, para me dispor para este Sacramento: eu me prepararei já nesta hora para receber utilmente hum tão grande auxilio: as reflexoens, que hei de fazer de tempo em tempo sobre este ultimo Sacramento, dissipará todos os vãos horrores, servirão de preparaçã ainda antes da enfermidade, e me alcançarão a graça, que vos peço de o receber com fructo.



## MEDITAÇOENS

Para o dia de Retiro do mez de  
Novembro.

---

### PRIMEIRA MEDITAÇÃO,

*Do Amor de Deos,*

#### I. PONTO.

*Quanto merece Deos ser amado.*

**C**onsidera quanto he para admirar, que necessitemos que nos persuadã com razões, que devemos amar a Deos. Desde o instante, em que somos capazes de o amar, poderemos nós conhecer este Soberano bem, a fonte de todos os bens, o unico, e verdadeiro bem, e não o amar? Certamente, oh meu Deos, fôis bem pouco conhecido, pois fôis tão pouco amado. Se



Se Deos não nos tivesse posto hum preceito de Caridade, poderíamos dizer que nos abstemos de o amar por hum certo respeito: mas já que elle nos permite, e que até nos manda ama-lo, quem poderá izentar-se de o fazer.

Que ha em todo o Universo, que possa mover o nosso coração, que não o possua Deos em toda a eminencia? Grandeza, Formozura, Poder, e Bondade, vós não sois em todos os objectos creados, mais que sombras imperfeitissimas: só Deos he grande, sabio, poderoso, bom.

As qualidades amaveis nas creaturas, estão divididas por diferentes objectos, e são acompanhadas de tantos defeitos, que muitas vezes só agradaõ vistas de longe. Só Deos tem todas as Perfeições sem mistura alguma, que desagrada, quanto mais perto o vemos, mais o admiramos: coufa nenhuma vemos nelle, que nos não arrebate o coração para o amar.

A Magestade entre os homens inspira respeito, mas nem sempre ganha os coraçãoes. Em Deos a sua infinita grandeza o faz ainda mais amavel; a alma se perde neste Oceano de Perfeições infinitas, o coração do homem acha aqui a sua verdadeira felicidade.

O amor das creaturas he huma paixão inquietta, e tumultuosa, que faz hum coração escravo de outras mil paixões. O amor de Deos he doce, e tranquillo, apaga as paixões desordenadas, farta a alma, e a põem naquella feliz liberdade, de que gozaõ os filhos de Deos.

Por mais completo, por mais amavel que seja o objecto, a que o nosso coração se apega na terra, não poderá por hum só momento fazer-nos de tal sorte felices, que ao mesmo tempo se não turbe o nosso coração. Mil accidentes molestos, mudanças imprevisitas, e outros mil incommodos per-

perturbaõ o nosso repouso. O temor de nos enfatiarmos, a certeza de perder o descanço, affligem, e inquietão. O amor das creaturas he inseparavel da inquietaçã, e da dôr.

Só vós, oh meu Deos, fazeis toda a minha felicidade, só vós podeis ser meu, quanto tempo eu quizer; nenhuma desgraça, nenhum accidente, nenhum poder, poderá arrebatavos da minha alma; e não tenho para temer em hum objecto, tão amavel, nem fastio, nem mudança. Supponhamos ainda, que se achava huma creatura digna do nosso amor: quem poderia affegurar-nos que ella nos julgasse dignos do seu? Este Deos tão perfeito, tão poderoso, tão amavel, não sómente não regeita o nosso coração, mas tem nelle a sua complacencia, e faz delle, digamo-lo assim, as suas delicias.

Hum nascimento obscuro, huma mediocridade de engenho, huma desgraça nos faz desagradaveis, e aborreciveis a todo o mundo; mas sabeis que Deos vos olha com olhos cheios de ternura. Os grandes vos desprezaõ, porém Deos vos ama; os vossos envejosos, os vossos competidores vos aborrecem, mas Deos vos ama com ternura: e não haveis ainda de amar ao vosso Deos?

Que affectos de agradecimento, e de amor não se accenderião no nosso coração, se soubessemos que o maior Rei do Universo nos honrava com a sua benevolencia? Vós me amais, oh meu Deos, tudo mo está dizendo, tudo me dá provas disso, e não vos amarei eu?

Sim, Deos não sómente he infinitamente amavel, mas tambem nos ama infinitamente. Os beneficios são a prova mais sensivel do amor: e não nos está elle accumulando em todos os momentos, ainda mesmo quando os empregamos contra elle?

A quem deveis o ser? E a quem deveis toda a vossa conservação? O Ceo, e os Astros, esta terra, e os seus fructos não são bem manifestos effeitos da bondade do Creador? Tudo isto he para vós, e Deos he quem o fez por amor de vós. Nada achareis nem em vós mesmo, nem fóra de vós, util, ou agradável, que não sejaõ seus dons. Tudo nos diz, que Deos nos ama: e quando poderemos nós dizer, que amamos a Deos?

E que beneficio mais singular que o da Redempção? Se hum Rei se fizesse escravo para livrar hum dos seus Vassallos, não lhe daria grande mostra do seu amor? Não deveria elle esperar alguns affectos de agradecimento por esta acção? Este Deos, que de ninguem necessita para ser infinitamente feliz, faz-se homem para fazer os homens felices. Este amor de meu Deos he incomprehensivel, eu o confesso; porém a nossa ingratitude para com este bom Deos, he por ventura menos incomprehensivel?

Considerai a vida, e a morte do Redemptor, discorrei por todos os Mysterios da nossa Religião, a Eucharistia, os outros Sacramentos, e o fim de todos estes meios, que he a Bemaventurança eterna: exaqui o que Deos tem feito para nos dar provas do excessõ de seu amor. E que vos parece tudo isto? Tem elle feito, tem elle obrado bastante? Podia elle fazer mais? Creio eu, Senhor, todas estas maravilhas? Não me reprehende em nada a minha Fé sobre isto?

Se hum estranho, hum desconhecido, hum barbaro, me tivesse feito o meior de todos estes serviços, ainda que nunca eu o visse, ainda que não devêsse esperar nada d'elle, teria a seu respeito hum ternissimo amor. Só vós, oh meu Deos, nem ainda com tantos titulos, e beneficios podeis ganhar hum coração, que nós damos tão liberal-

Beralmente a qualquer outro : e só a vós havemos de negar o nosso amor !

Estes benefícios são communs a todos ; e devemos por isto mover-nos menos com elles ? E por ventura faltao-nos razoens particulares , que nos obriguem a amar a Deos ? Podieis nascer de Pais idololatrás , e ser creado entre os erros : e reputais acazo por hum pequeno beneficio , a graça de ter nascido no seio da Igreja ? A que amor , a que agradecimento não devia obrigar-nos este tão singular beneficio ?

Tendes esquecido os amáveis cuidados da sua Providencia , em todas as idades de vossa vida ? que auxilios não tendes recebido tão necessarios , e tão pouco esperados ? Que agradecimento não teriamos para hum homem , que nos houvesse tirado de algum perigo , que nos tivesse prolongado a vida por alguns annos ? Ha dez , vinte , trinta , quarenta annos , que Deos nos faz todos os dias estes beneficios : de quantos perigos nos não tem elle livrado ? E tendes por pequeno dom a saúde , e o tempo , que ainda vos dá ? A quem deveis , senão a elle , aquelle bom successo , aquella prosperidade , e até os fructos das vossas desgraças ? Ninguem ha , que não tenha experimentado infinitas maravilhas da Providencia em seu favor , nenhum ha , que não espere da mesma bondade ainda maiores graças : e que correspondencia he a nossa para com Deos ? Que ternura he a nossa para hum Deos tão bom , e tão liberal ? Qual he o nosso agradecimento ?

He possível , oh amantissimo Pai , que não tenhais mais que filhos ingratos ! He possível , que eu mesmo tenha sido atéqui o mais ingrato de todos os vossos filhos , depois de ter recebido mais graça ?

Buscai sobre a Terra , ou no Ceo alguma cou-

fa tão amavel, alguém, que mereça tanto ser amado; perdoai-me, oh meu Deos, huma comparação tão irracional. Porém, se he verdade, se eu convenho, se finto, que só Deos merece todos os meus affectos, que o amor para qualquer outro objecto he seguido de arrependimento, que só o amor de Deos faz a felicidade do homem, aonde está o meu juizo? Aonde está a minha razão em não amar a Deos, e ainda em amar outra coisa juntamente com Deos.

Certamente, oh Deos meu, não sómente he justo que eu vos ame, porém não acho o meu proprio interesse, senão no vosso amor. Nenhuma alegria pura, nenhuma paz, nenhuma felicidade ha na terra, senão no coração daquelles, que vos amão, confesso que lhes tenho inveja; e quem tem a culpa de eu não ter a mesma felicidade? E porque razão vos não amo eu?

Ah! eu me veria desprezado se morresse sem vos ter amado. Que horrivel desgraça não vos amar na hora da morte! E qual he a razão porque eu vos não amo em quanto dura a minha vida? A primeira lição, que me deraõ na minha Religião, foi que eu só estava na terra para vos conhecer, e para vos amar, que toda a vida me era concedida sómente para isto. Attreverme-hei a dizer, Senhor, que não vos conhecia? E posso dizer que vos amo?

Toda a felicidade dos Santos no Ceo he possuir-vos sem temor de vos perder, he amar-vos; eu aspiro á mesma felicidade, espero a mesma forte; e não quero fazer neste tempo, que tão depressa passa, aquillo, que faz toda a felicidade eterna? *Deligam te Domine*; eu pois, ó meu Deos, e meu tudo, eu vos amarei a vós só sem reserva, e sem restricção; e recompensarei de alguma forte a minha infidelidade com hum maior amor,

amor. *Serò te amavi , pulchritudo tam antiqua , & tam nova , serò te amavi* : Confesso que vos amei muito tarde , formosura sempre antiga , e sempre mais nova , nem ainda me atrevo a dizer que vos tenha amado ; o meu coração , meus procedimentos , e os meus sentidos desmentirão na verdade as minhas palavras : mas parece-me que cheio de huma viva confiança na vossa misericórdia, posso dizer, que já começo a amar-vos , que vos amo , e espero , que com o soccorro da vossa graça não farei agora desmentido

## II. P O N T O.

*Quam pouco amado he Deos.*

**C**onsidera , que não he pequeno motivo para amar a Deos , ver que pouco amado he este mesmo Senhor.

Parece isto huma cousa incrível : hum Deos infinitamente amavel nos permite que o amemos ; que honra para huma vil creatura ! E não deve o nosso coração estar continuamente abrazado com este Divino amor ? Que outro objecto ha que o possa mover , ou occupar hum só momento ? Deste modo discorre todo o entendimento racional. Ah ! Deos nos permite que o amemos ; e quem he , que se apressa , quem poem toda a diligencia em dar-lhe o seu coração ? Deos mesmo nos manda que o amemos ; e he elle muito obedecido ?

O amor se produz por mil modos ; a alma se occupa com o objecto amado , nunca se cansa de fallar nelle , só acha gosto naquillo , que lhe agrada , tudo , o que he contrario aos seus sentimentos nos enche de indignação : com que cuidando , com que zelo nos applicamos a tudo , o que lhe dá prazer ! Com que calor tomamos a peitos os seus interesses ! Que inquietação com a menor suspei-

suspeita de lhe ter desagrado! Que vivo temor de incorrer na sua desgraça! E reconhecemos agora por estes signaes, que amamos a Deos?

Sem fallar d'esse grande numero de Infeis, que não amaõ a Deos, que poucos ha entre os Fieis que o amaõ!

Esses homens dissolutos, que quasi não tem Religião, e que vivem com huma desenfreada liberdade; amaõ estes a Deos?

Essas pessoas mundanas, ou escravas de suas paixões, ou idololatrãs de si mesmas; amaõ a Deos?

He este Deos amado de tantas pessoas, que preferem a elle todos os dias hum prazer, hum vil interesse, que vivem em hum perpetuo desprezo das suas leis, e das suas maximas, e que fazem tão pouco caso da sua amizade, e da sua inimizade?

E entre o numero dos verdadeiros Israelitas, que não dobraõ os seus joelhos diante do Idolo; quantos amaõ verdadeiramente a Deos?

Vós amareis ao Senhor vosso Deos com todo o vosso coração, com toda a vossa alma, com todo o vosso espirito, com todas as vossas forças: este he o primeiro preceito, e a baze de todos os outros, não o cumprir, he o mesmo que violar toda a Lei. Quem não guarda este preceito, não pôde esperar a salvação. Sem me pôr agora aqui a examinar se ha muitos, entre aquelles mesmos, que professãõ huma vida mais regular, que o guardem; posso eu mesmo dizer como aquelle moço do Evangelho: eu tenho guardado tudo isto desde a minha mocidade? Posso ao menos responder como saõ Pedro: vós sabeis, Senhor, que eu vos amo, e nada será capaz de me impedir o amar-vos?

Ah! hum Deos tão bom, tão Bemfeitor, e  
tão

taõ amavel naõ he amado ! Elle se digna de pedir nos o nosso coraçãõ : podendo arrebatã-lo por força, quer que o amemos sem sermos constangidos, muito por nossa yontade : ao mesmo tempo que damos este coraçãõ taõ liberalmente ao primeiro objecto , que encontramos , nós o negamos a Deos !

Ah ! como somos ingratos ! Deos naõ fez ainda bastante para merecer o nosso coraçãõ ? Dizia Moyzès a todo o povo : ainda saõ necessarios novos beneficios , novos milagres ? Esquecestes-vos das agoas suspenas , para vos livrar das maõs dos vossos inimigos ; daquelle Maná vindo do Ceo para vos nutrir , e de outras infinitas maravilhas , que Deos tem obrado ? *Popule stulte* ; como sois loucos ! Accumulados de tantos beneficios , testemunhas de todas essas maravilhas , ainda amais a outro , que naõ seja Deos ?

Que hum Deos ame aos homens , he na verdade huma dignaçãõ bem admiravel ; mas em fim saõ suas creaturas : porẽm que estes homens naõ amem a Deos ; que causa , que apparencia de razãõ podem elles ter , para se desculparem de huma taõ feia , e taõ impia ingratiãõ ? Quando se considera hum pouco seriamente em huma conducta taõ brutal , o espirito se enfurece , e se enche de ira contra o proprio coraçãõ.

Que fosse necessario hum preceito expresso de amar a Deos ! Ah Senhor ! que bem capaz he isto de humilhar o homem ! Era necessario para huma creatura racional mais que huma permissãõ , huma licença para vos amar ? E com este preceito ainda naõ sois amado dos homens !

Desde quando me posso eu lisongear que amo a Deos de todo o meu coraçãõ , e com todas as minhas forças ; por ventura desde a minha mocidade ? Ah Senhor ! *Delicta juventutis meae ne meminere* , exaqui tudo , o que posso responder a esta pergunta.



gunta. Esquecei-vos, Deos de misericordia, dos erros dos meus primeiros annos mais vizinhos da minha innocencia; aquelles primeiros annos da minha vida deviaõ ser todos para vós: mas ah! não sómente vos não amei com todas as minhas forças naquella primeira idade, mas servi-me da minha faude, e das minhas forças para vos offender.

Porém ao menos podemos dizer que amamos a Deos de todo o nosso coração, e com toda a nossa alma, depois que nos convertemos? Se isto he assim, certamente não tem havido neste amor divisaõ. Quem diz tudo, não exceptua nada; este coração pois devia ser todo de Deos, todo occupado em Deos, nenhuma creatura devia ser objecto dos seus desejos, nenhum amor profano o devia manchar: se isto he assim tenho gozado do privilegio de hum coração puro, o meu entendimento não se tem occupado, senão de Deos, só Deos pois tem sido o objecto de todos os meus anciosos cuidados, não tenho gostado de outra cousa, senão de Deos, só vejo a Deos em todas as creaturas: tal he a vossa sorte, almas felices, coraçãoens abrazados do puro amor de Deos: porém que apartado estou eu deste feliz estado! Posso eu dizer, oh meu Deos, que vos tenho amado verdadeiramente muitos dias da minha vida? Dá-me a minha consciencia o doce testemunho, de vos ter amado com todo o meu coração, e com toda a minha alma ao menos hum dia só?

Quanto amor proprio ainda nos maiores fervores? Que disfarces, e dissimulaçoens deste mesmo amor proprio, nos nossos mais ardentes desejos? Quantos respeitos humanos, ainda naquelle zelo, que parecia mais puro? Que impuros motivos nas devoçoens mais ternas?

Se he verdade que amamos a Deos com todo o nosso coração, como o conservamos ainda tão cheio

cheio de fel nas occasioens ? Quem póde nutrir em nós esta soberba occulta ? Donde nasce aquella delicadeza , e aquelle apego ás nossas proprias comodidades ? Qual he o principio dessas faltas grosseiras , e dessa insensibilidade ? Donde procede aquelle apego inquieto a todos os nossos interesses , que entretém todas as paixoens , e perturba o nosso repouzo ?

Amamos por ventura a Deos com todo o nosso coração ? Tenho-o eu amado ? Posso dizer que o amo ? Nós conhecemos quanto Deos merece ser amado : oh ! quanto he para temer , tomarmos este puro conhecimento por hum verdadeiro amor !

O amor de Deos he vivo , sincero , doce , paciente , fiel , sabio , constante , magnanimo , e desinteressado : inspira á alma designios grandes , desejos ardentes da Perfeição , não ha cousa penosa para elle , converte em doçura as maiores amarguras : nem jámais poderá apegar-se a cousa vil , e baixa.

Quer estar inteiramente desapegado de todo o affecto da terra , jámais o cega a paixão , nunca o desejo demasiado de alguma vantajem temporal o inquieta , nem o temor immoderado de algum trabalho o abate. Aquelle , que ama , não sabe o que he tristeza , e temor : corre , vóa , nada o demora.

Por mui grande que seja o pezo , que leva , elle não o sente , nada lhe dá trabalho : quer sempre fazer mais , do que póde , e jámais se desculpa com a sua fraqueza , porque lhe parece que nada he superior ás suas forças. Elle he com effeito capaz de tudo , e executa sem trabalho muitas cousas , que admiraõ , e fazem pasmar aos que não tem amor.

Por pouco que discorrámos , todos convimos que estes são os effeitos do Divino amor , e que  
nada

nada custa a quem ama: e assim não nos admiremos que os Santos achassem tantas doçuras com huma vida tão austera, e fizessem tão grandes cousas, tendo hum tão grande amor. Porém ao mesmo tempo por pouca reflexão, que eu faça sobre os meus sentimentos, e sobre a minha vida, posso dizer, oh meu Deos, que vos amo? Ao menos comprehendo bem a desgraça que he, não vos amar?

E quem me impede o amar-vos? Não me está tudo convidando para o vosso amor? O pequeno numero dos que vos amaõ, deve ser para mim hum novo motivo de vos amar: sois pouco amado, eu mesmo ainda não principiei a amar-vos; eya pois, eu vos amo: e porque espero eu mais? Por ventura ainda não tenho sido affaz infiel, ainda me não tendes amado bastante?

Para que me destes hum coração capaz de amar outra cousa fóra de vós? Porém se tenho eu hum coração capaz de vos amar, como posso amar outrá cousa? Oh impiedade, oh loucura! Neguei-vos este coração, quando vós mesmo me pedeis; não o desprezeis agora, Senhor, quando eu vo-lo dou todo. Confesso, que só estou no mundo para vos amar: não quero tambem amar no mundo outra cousa, senão a vós. Pude amar-vos, devia amar-vos todo o tempo da minha vida, e não o tenho feito: e por ventura ainda me hei de pôr a deliberar, oh meu Deos, no que devo agora fazer?

*Non diligamus verbo.* Meus amados filhos, nos diz o Apóstolo S. João, não esteja o nosso amor só nas palavras, nem na lingua; porém seja practico, e verdadeiro.

Eu vos amarei, oh Deos do meu coração, e cheio de huma santa confiança na vossa misericórdia me atrevo a dizer, que com o auxilio da vossa graça

Ca estou certo, que nem a morte, nem a vida, nem os Anjos, nem os Principales, nem as virtudes, nem o presente, nem o futuro, nem outra creatura alguma me poderá separar do amor de Deos, que he fundado em Jesu Christo nosso Senhor.

---

## SEGUNDA MEDITAÇÃO

Para o mez de Novembro.

*Do peccado venial.*

## I. PONTO.

*Que grande erro he julgar, que o peccado venial he hum mal pequeno.*

**C** Onsidéra, que o peccado venial só parece pouca cousa aos que tem pouca fé, e ainda menos amor de Deos: mas para os que o amaõ, o menor peccado venial lhes parece mais digno de se temer, que os maiores males do mundo, e o seu juizõ he bem fundado.

O peccado venial he hum peccado leve, mas naõ he hum leve mal. Basta que seja hum peccado, para q̃ seja hum mal maior, do q̃ a assolacãõ de todos os povos, a ruina de todo o mundo; e todas as creaturas, no sentimento de todos os Santos, deveriaõ julgar-se felices, por sacrificarem o seu ser para impedirem hum só peccado venial.

A desconfiança, que Moyzès mostrou, dando duas vezes no rochedo, lhe custou a vida.

Vinte e cinco mil Betzamitas por terem olhado para a Arca com pouco respeito, e talvez com alguma demaziada curiosidade, cahem logo mortos:

huma leve vaidade, que teve David em fazer a dînumeraçã do seu povo, grangeou para elle, e sobre o mesmo povo o mais terrivel de todos os castigos: quarenta e dois meninos foraõ devorados pelos Ursos, por terem perdido o respeito a Elizeu; e huma vã complacencia, que teve Ezechias, em mostrar os seus thesouros aos Embaixadores do Rei de Babilonia, só pôde ser expiada com a perda dos mesmos thesouros.

Deste modo aquelle Deos taõ bom, que naõ estende mãs, que meio braço, para o dizer assim, quando castiga nesta vida, deste modo, digo, castiga elle neste mundo o peccado venial; porque na outra vida, aonde a sua justiça naõ he moderada pela sua misericordia, por hum só peccado venial atormenta com penas, que em nada cedem na violencia ás do Inferno, as almas, que elle ama com ternura, e por quem elle he unicamente amado: e q̃ vos parece isto? Deos julga verdadeiramente das cousas: e se elle julga digno de huma taõ grande pena o que nós chamamos faltas leves, podemos dizer, que he pouca cousa o peccado venial?

Nós saberemos algum dia, que a morte daquelle filho unico, a perda daquelles bens, e da faude, a ruina daquella familia, os castigos, que assolaõ huma parte da terra, sã talvez ainda agora, como antigamente, a pena de alguns peccados veniaes. Se Deos naõ castiga sempre o peccado de huma maneira taõ sensivel, he para o castigar com mais severidade.

Naõ há peccado venial feito de proposito de-liberado, que naõ seja castigado com a subtracçã de alguma graça; e por ventura esta subtracçã da Graça he pequeno castigo? O peccado venial naõ attrahe o odio de Deos, mas esfria o seu amor, faz cessar as suas liberalidades: de quantas graças naõ impeãe o effeito? Suspende aquella providencia  
parti-

particular, que elle exercita sobre os seus favorecidos, e o cuidado especial, que toma de os apartar dos perigos, e de impedir, ou enfraquecer as suas tentações.

Não há estado mais perigoso para a alma, que o estado da tibieza: este infeliz estado he sempre effeito do peccado venial, que faz huma alma frouxa, e lhe faz perder insensivelmente o gosto da piedade, e devoção. Deos se cança de soffrer huma alma ingrata, que julga cumprir com as obrigações infinitas, que lhe deve, evitando fazer-lhe os maiores, e ultimos ultrajes, ainda que ao mesmo tempo lhe dê todos os dias, sem se alterar, pequenos desgostos. Quem de nós se poderia resolver a conservar por muito tempo hum domestico, fiel na verdade, mas que tivesse toda a sorte de defeitos, que tudo fizesse imperfeitamente, e com mão mo-  
do, que nos fallasse sempre sem respeito, q̄ nada se lhe desse de nos desagradar, com o pretexto, que tudo isto era em materia leve? E nós queremos persuadir-nos, que Deos conservará por muito tempo hum servo, de quem nada quizeramos. He verdade que o peccado venial não nos faz inimigos de Deos; mas tambem he certo, que hum homem, que cõmette de propósito deliberado muitos peccados veniaes, não ama a Deos.

Certamente he necessario, que huma pessoa, que se limita só a não incorrer na inimidade de Deos, nenhum caso faça da sua amizade; tudo o que se pôde dizer desta pessoa he, que ella teme verdadeiramente ter a Deos por inimigo, mas que nada se lhe dá de o ter por amigo. Como se pôde conservar a amizade de huma pessoa, a quem de proposito, e em toda a occasião estantos desagradando? Como se podem concordar estas duas cousas, fazer prosição de amar a Deos, e desagradar a Deos voluntariamente?

Porém isto he em cousas pequenas, dizem elles tibios: tanto mais facil era não lhe desagradar, quanto mais inexcusaveis, e quanto mais culpados fomos em lhe haver desagradado.

Isto he pouca cousa: logo não he a difficuldade, a q̄ nos faz cahir; não he a violencia da paixã, a q̄ nos tem como arrastrados; não he talvez mais, que huma insensibilidade, que temos para com Deos; he q̄ o servimos, q̄ o amamos só por temor; ou para melhor dizer, q̄ nos lisongeamos de o amar, porque tememos os seus castigos: mas isto he mais hum temor servil, q̄ hum verdadeiro amor.

Assim tambem não nos devemos admirar, se Deos tem indiferença, e ainda horror para com aquelles, que o trataõ de hum modo tão indigno. Elle se communica escassamente ás almas tibias, por acaso as faz participantes dos seus favores singulares, q̄ são a recompensa do maior fervor.

Não parece, que Deos he obrigado de algum modo, a privar estes daquellas luzes vivas, dessas graças fortes, que com tudo são tão necessarias, para resistir ás tentaçõens mais violentas? Daqui vem essas funestas quedas daquellas pessoas, que erã ao principio tão retiradas; por terem primeiro tomado algumas liberdades pouco criminosas, ellas se entregaraõ em fim ás desordens, das quaes só o pensamento, muito tempo antes lhes fazia horror. O que despreza as pequenas faltas, insensivelmente cahirá nas maiores.

O peccado venial nunca se faz hum peccado mortal, mas dispoem para elle, e não está muito tempo sem perder a Graça aquelle, que se limita sómente a abster-se de peccados mortaes. Ficamos todos surprehendidos quando vemos huma queda extraordinaria; mas ficariamos menos admirados, se conhecessemos a disposiçã, em que o peccado venial tinha posto aquella alma, que vemos cahir.

O peccado venial he a respeito do mortal, como as enfermidades a respeito da morte. Aquella leve indisposiçãõ era hum nada, nenhuma cousa era mais facil, do q̃ remediar ao principio essas pequenas enfermidades: com tudo ellas enfraquecem insensivelmente tanto a saude, que basta hum defluxo, qualquer excessõ, hum ar corrompido, para accender huma febre maligna, que conduz brevemente á sepultura.

Põde succeder, mas he raro, que hum homem, que vive com boa saude, morra subitamente; as mortes mais repentinas tem sido procedidas de muitas leves indisposiçoens, mas naõ se fazia caso dellas: os peccados veniaes em muito grande numero, e commettidos de proposito deliberado, naõ daõ a morte á alma, porẽm a enfraquecem, e a poem em hum estado taõ languido, e taõ fraco, que ella se applica as suas obrigaçoens sem gosto, e com meia vontade.

He como hum enfermo, a quem nada aproveita, a quem tudo faz mal: Meditaçãõ, Sacramentos, boas obras, tudo se faz sem fructo. Huma alma neste estado põde conservar muito tempo a Graça, estando exposta como está a tantos perigos de a perder, e nem ainda temendo expor-se a estes perigos?

Isto he o que fez dizer a hum grande Santo, que algumas vezes se devia pôr, ao que parece, menos cuidado em fugir dos peccados graves, do que em evitar as faltas leves: a mesma enormidade daquelles nos penetra vivamente, e faz que nos apartemos delles; as faltas leves porẽm conduzem insensivelmente aos peccados graves.

Isto mesmo he o que faz os Santos inconsolaveis, depois das mais pequenas faltas; daqui nasce o extremo temor, que elles tem, de serem privados por estas infidelidades daquellas importantes



graças, tão necessárias para chegarem á Perfeição. E depois de tudo isto, ainda se terá o peccado venial por cousa leve, por cousa de nenhuma consequencia? E a que chamaremos cousa grande, e de consequencia, se reputamos por nada o offender a Deos?

Que erro, oh meu Deos, mais pernicioso! Não se faz caso de desagradar-vos, sois desobedecido, sois offendido: e não he isto nada?

Quanto me peza, meu Divino Senhor, de ter estado eu mesmo tanto tempo neste erro, não ter posto difficuldade em vos desagradar, e ter considerado por cousa leve tantas infidelidades, tantas ingraticoes! Estas mesmas farão daqui por diante o motivo das minhas lagrimas, e do meu arrependimento.

## II. P O N T O.

*Reflexões sobre a malicia, e consequencias do peccado venial.*

**C**onfidéra, se há cousa alguma mais irracional, e mais brutal, que este pernicioso erro. He cousa leve, não he nada hum peccado venial? Ah! Parece-nos huma cousa muito feia desagradar em alguma cousa a hum amigo, a hum parente, a hum Principe; no sentimento de todos os homens deve-se temer o desagradar a hum homem, ainda mesmo quando isto fosse por inadvertencia: e ao mesmo tempo teremos por nada desagradar a Deos sem alteração, e deliberadamente, fazer parar a fonte das maiores graças, fazer inutil o uso dos Sacramentos, extinguir o fervor da Caridade; e ao mesmo tempo que huma palavra inconsiderada, algumas vezes se reputa entre os homens como hum grande mal, por  
cau-

causa das suas consequencias , teremos por pequeno mal huma acção , que offende a Deos , que nos attrahe , não o seu odio na verdade , mas ao menos o seu desagrado ; huma acção , que nos faz perder bens mais preciosos , que todos os thesouros do Universo , que tanto nos dispoem para o peccado mortal , e que muitas vezes he a funesta origem da reprovação daquellas mesmas pessoas , que pareciaõ ao principio exactas nas suas obrigaçoens !

Isto he , o peccado venial só he pequeno mal a respeito do peccado mortal , que he o maior de todos os males ; porem considerado em si mesmo , e sem esta comparação , não há nem dôr , nem infamia , nem perda de bens , nem tormento , por mui cruel , por mui ignominioso que seja , que se não deva preferir ás menores faltas , a que nós chamamos leves : são leves , porque se commettem levemente.

E olha-se deste modo para o peccado venial ? Huma mentira officiosa desinquieta muitas consciencias ? O impeto de hum humor melancolico , e de hum natural immortificado , essas palavras desagradaveis , essas pequenas negligencias nas proprias obrigaçoens affligem muito as pessoas , cuja vida não he mais que hum encadeamento de semelhantes faltas ? Ah Senhor ! faz-se tanto cazo de huma incivilidade entre as pessoas de bem , ficamos inconsolaveis por haver desagradado a hum amigo ; quantos validos desgraçados por huma palavra inconsiderada , por huma viveza pouco respeitosa ! E que lugar damos entre os males da vida ao que chamamos peccado venial ?

O peccado venial offende a Deos : e será leve huma offensa feita por huma vil creatura com deliberação , a huma Magestade , a huma Bondade infinita ?

Hum

Hum filho , que affronta seu proprio Pai com palavras offensivas , he visto com horror : hum Vassalo , que se atreve a levantar a maõ contra o seu proprio Principe , he castigado com o mais cruel supplicio.

Meu Deos , sempre havemos de ser irracionaveis ? As nossas desordens nos fazem horror em exemplos alheios , e naõ somos movidos dellas , quando as consideramos em nós mesmos.

Porém ao menos nem nos enchemos de horror vendo a severidade , com que Deos castiga o peccado venial : estamos muito certos de tudo o que se diz delle nos Livros Santos : mas como se tivessemos hum privilegio para naõ sermos castigados , commettemos os peccados veniaes sem temor , e os accusamos sem dor.

As recahidas frequentes , que fazemos tranquillamente nestas sórtres de peccados , dos quaes se faz quasi sempre hum habito , naõ nos fazem ver bem , que pouco sincero he o arrependimento , que temos delles ? E que devemos julgar , Deos meu , das confissoens sem arrependimento ? Quanto he para temer , que as que se fazem das faltas leves sejaõ taes , isto he , que se obtenha raras vezes o perdaõ dos peccados veniaes ! E he muito facil ter hum verdadeiro arrependimento , quando se reputa por nada tudo , o que naõ he mortal ?

E he sempre certo , que o que imaginamos naõ ser peccado mortal , seja só venial ? E por ventura he facil fazer huma justa differença entre estes dois peccados ? Quantas murmuraçoens , que se julgaõ leves , saõ com effeito graves ? Quantas acçoens , que se julgaõ pouco criminosas , na verdade o saõ muito ? Quando só se procura evitar o peccado mortal , raras vezes succede , que naõ se vá mais adiante.

Nada contribue tanto a destruir a saude , como

mo as frequentes feridas; nada enfraquece tanto a innocencia, e a virtude, como os frequentes peccados veniaes. As cahidas, e recahidas continuadas, fazem muitas vezes, que ás virtudes mais austeras, se ligão os vicios mais escandalosos; huma Praça sem muro por fóra, he brevemente tomada, e quando se deixa chegar livremente o inimigo até ás portas, elle brevemente se faz senhor da Praça.

Queixamo-nos do pouco fervor, que temos nas proprias devoçoens: deveriamos antes queixar-nos das faltas leves, que sem pena commetemos. Desobedecemos ao Senhor todos os dias, em cousas pouco consideraveis na verdade, mas ordinarias: este desprezo frequente, que fazemos de hum Deos infinitamente respeitavel, poderá fazer-lo mui liberal para com nosco? E terá elle por servo fiel aquelle, que se tem posto em hum habito de lhe desagradar, e de lhe desobedecer? He bem para admirar, que o Senhor não quizesse attribuir os seus maiores favores, senão á fidelidade nas cousas pequenas: *Quia super pauca fuisti fidelis*; mas he muito mais para admirar, que depois de tudo isto, se faça tão pouco caso dos peccados veniaes.

Seria logo necessario que todos fossem Santos? E que inconveniente podiamos achar, se fossemos todos o que somos obrigados a ser? Seria pois necessario que todos fossem Santos? E he por ventura de muita consolação para nós, saber que o não somos?

Seria logo necessario que todos fossem perfeitos, isto he, seria necessario aspirar continuamente á Perfeição do proprio estado, estar sempre attento para não fazer cousa alguma, que nos aparte della, sacrificar prazeres, saude, interesses a tudo, o que Deos manda: e quem ve que  
está

está izento desta indispensavel necessidade ?

Se queremos saber que mal he o peccado venial, perguntemo-lo a esses grandes Santos, que ficavaõ inconsolaveis depois de huma falta a mais leve, e que expiavaõ com penas excessivas huma simples distracção apenas voluntaria, huma curiosidade pouco criminosa, huma palavra incomfiderada: careciaõ elles de luz, ou de prudencia? A sua delicadeza naõ era nascida de hum generoso animo? Antecipemos o juizo, que nós mesmos havemos de fazer na hora da morte destas faltas leves: a nossa confiança, que he entaõ muito necessaria, será naquella hora muito animada com a lembrança de tantos peccados veniaes? Porém de que me servirãõ estas reflexoens, Senhor, sem huma graça mais forte, que as precedentes? E como devo eu esperar esta graça, se vós olhares para o excessivo numero de minhas infidelidades? Que temor tenho tido atéqui de vos desagradar em tantas occasioens? E que arrependimento tenho tido depois de vos ter tantas vezes desagradado? Parece-me, Senhor, que sinto os effeitos de huma nova misericordia, principio a ter huma idéa mais proporcionada da malicia do peccado venial, temo verdadeiramente commette-lo, e tenho hum verdadeiro pezar de haver commettido tantos.

Naõ, Deos meu, estes peccados veniaes naõ serãõ já a meus olhos hum pequeno mal, e muito menos hum divertimento, hum costume; basta que isto seja huma offensa contra huma Magestade infinita, para me inspirar hum verdadeiro horror a elles, e para me obrigar a soffrer tudo, e pôr tudo em obra para os evitar.

TER.

## TERCEIRA MEDITAÇÃO

Para o mez de Novembro.

*Da recommendação da alma, e das Orações,  
que a Igreja faz a Deos pelas almas  
dos Agonizantes.*

Nada há, que possa consolar mais, nada há mais proprio para nos animar, e inspirar huma santa confiança em quanto dura a agonia, do que as Oraçoens, que a Igreja faz pela alma dos Agonizantes. Porém como poucas pessoas tem então bastante presença de espirito, ou força para se aproveitarem de hum soccorro tão necessario, he muito conveniente conhecer a sua importancia, e fazer algumas reflexoens sobre ellas no tempo, em que se vive com faude.

## I. P O N T O.

*Dos auxilios, que a Igreja nos procura com as Oraçoens, que faz pelos Agonizantes.*

**C** Onsidéra, que não há tempo na vida, em que arrisquemos mais, e de que nos importe mais aproveitar-nos, como o da Agonia: este he o tempo do maior combate, não sómente da morte contra a vida; mas tambem de todos os inimigos de nossa salvação contra a nossa alma. Este he o tempo, que há de decidir a nossa sorte eterna: julgai se o Demonio, que nos tenta com tanta violencia por toda a vida, nos perdoará então: e com tudo isto, este he de todos os tempos aquelle, em q̄ estamos menos capazes de obrar. Não teremos necessidade de

de soccorro? Que precauções, que medidas não devemos tomar para fazer util este soccorro?

A Igreja sempre attenta a todas as nossas necessidades, faz Orações nesta perigosa extremidade pelas almas dos Agonizantes: que fructo, que utilidade não tirariamos dellas, se tivessemos cuidado ao menos quando estamos com saude de entrar no espirito desta pia cerimonia? Esta he a ultima da vida; que imprudencia não a ter previsto, nem saber o que isto he? Que graça, Senhor, estar eu ainda em estado de reparar esta negligencia!

Considerai em que consistê este ultimo auxilio, e soccorro.

Hum Sacerdote entra na camera do moribundo, desejando, que a paz esteja naquella casa, e com todos, os que nella habitão; e depois de ter lançado a agoa benta sobre o enfermo, e sobre os que estão presentes, se prostra ao pé da cama para lhe alcançar do Ceo com suas Orações, todos os auxilios necessarios neste perigoso momento.

Oh! E que importante he, que este Ministro do Pai das misericordias seja ouvido! O combate he violento, e este he o que decide a nossa sorte eterna, há grande necessidade de novos auxilios, de grandes graças.

Para as obter, recorre logo ao principio o Sacerdote a Jesu Christo, á Santissima Virgem, e a todos os Santos, empenha todo o Ceo pela salvação daquella pobre alma. Feliz, se em quanto esteve em vida, soube adquirir amigos diante do Senhor, e fazer-se digna da sua poderosa protecção nesta ultima hora.

Começa-se, convidando aquella alma a que saia deste mundo sem saudades; e para a animar, se lhe manda em nome de Deos Padre, que a creou, em nome de Jesu Christo Filho de Deos vivo, que a remio, e em nome do Espirito Santo, que

que se communicou a ella pelos seus Dons.

Ide alma Christã em nome dos Anjos, e Archangjos, em nome dos Thronos, e das Dominagoens, em nome dos Principados, e das Potestades, em nome dos Querubins, e dos Serafins, em nome dos Patriarcas, e dos Profetas, em nome dos Santos Apostolos, e dos Evangelistas, dos Santos Martyres, e dos Confessores, dos Santos Anacoretas, e dos Eremitas, em nome das Santas Virgens, e de todos os Santos, que estã no Ceo, seja hoje a vossa morada em paz, e a vossa habitaçã seja na Santa Siao: e pedimos esta graça para vós, em nome de Jesu Christo nosso Senhor.

Exaqui bem poderosos Protectores diante do Pai das misericordias. Porém temos tido cuidado de grangear o seu favor, e de os metter nos nossos interesses? Em nome de todos os habitadores da Celeste Jerusalém sahimos deste mundo, e vamos appresentar-nos diante do Soberano Juiz, isto he estamos debaixo do seu amparo: mas se não temos feito cousa alguma para o merecer, se nem ainda sómente somos conhecidos, digamo lo assim, daquelles Principes do Ceo, não nos servimos dos seus nomes em vão? E não há perigo, que elles nos não queiraõ conhecer? Oh! Quanto importa, Deus meu, ganhar o agrado, e a amizade daquelles, de quem necessitamos tanto quando morremos!

Deos de misericordia, Deos de clemencia, continúa o Sacerdote, Deos, que pela multidaõ das vossas bondades, apagais os peccados dos verdadeiros penitentes, perdoando-lhes os seus peccados passados, dignai-vos de lançar os vossos olhos favoraveis sobre este vosso servo agonizante: concedei-lhe o perdãõ de todos os seus peccados, o qual elle vos pede com toda a sua alma, com hum sincero arrependimento: recuperai nelle, ó amabilissimo Pai, recuperai tudo, o que elle



elle perdeu pela fragilidade humana, ou tem profanado pela malicia do Demonio; uni bem ao corpo da Igreja este membro, que vós remistes com o vosso Sangue. Deixai mover-vos, tende compaixão, Senhor, dos seus gemidos, e das suas lagrimas; e já que elle poem toda a sua confiança na vossa misericordia, dignai-vos de lhe fazer sentir os effeitos de huma perfeita amizade com vosco, e de hum inteiro perdaõ. Nós vos pedimos esta graça, pelos merecimentos de nosso Senhor Jesu Christo.

Esta Oração consola muito, mas ella suppoem hum espirito contrito, e humilhado: e quando huma pessoa espera aquella ultima hora, para se pôr nesta santa disposição, não se poem em grande perigo?

Eu vos recomendo, meu abalissimo Irmaõ, ao Deos todo prderoso, e vos entrego, e vos deixo entre as mãos daquelle, que vos deu o ser; para que depois de teres pago o tributo á morte, torneis para o vosso Creador.

Tudo se há de reduzir a isto depois de tanto estrondo, e de tanta gloria no mundo: grandezas humanas, Monarcas, que reinais no Universo, a vossa Soberania tem limites, e os vossos dias estão contados: o vosso poder acaba com a vida, e a morte não vos respeitará mais, que ao infimo dos homens: todos os titulos, que lisongeão tanto a ambição em quanto dura a vida, se reduzem finalmente a estes dois: Deos he o nosso principio, e Deos he o nosso fim ultimo. Estes são como os titulos de recommendação para a outra vida; titulos bem honorificos, e bem vantajosos para as almas fieis, que nunca perderão de vista nem o seu nada, nem o seu fim ultimo; mas para quem talvez nunca cuidou no fim para que estava no mundo, para quem tem vivido como se nunca o houvera de deixar, será de grande consolação estar entregue entre as mãos do Creador?

Hum

Hum glorioso esquadraõ de Espiritos Bem-aventurados se appresente á vossa alma no momento, em que sahir do corpo: os Apostolos, e essa multidão triunfante de Martyres, de Confessores, e de Virgens vos recebaõ com alegria, e aquelle feliz repouso, de que gozaõ os Santos Patriarcas, seja a vossa herança: finalmente, o mesmo Jesu Christo vos appareça com o rosto agradavel, e alegre, e vos ponha no numero dos que haõ de estar eternamente na sua presença.

Exaqui o que se deseja a hum moribundo, e o que desejarã para nós mesmos algum dia. E será este desejo bem fundado? Se esta fosse para nós a ultima hora, seria bem fundado este desejo da Igreja nossa Mãe? A nossa vida, a nossa consciencia nos devem dar resposta disto. Que desgraça se algum dia ouvirmos estas pias Oraçoens com espanto!

*Ignoret omne, quod horret in tenebris: Deos* queira que ignore eternamente tudo, o que faz horror nas trevas, tudo, o que enche de raiva nas chamas, tudo, o que se padece nos tormentos. Satanás com os ministros do feu furor se confesse vencido; e bramindo de raiva, por vos ver chegar á companhia dos Santos Anjos, fuja para os horriveis abyssos, aonde nunca apparece luz. Levante-se Deos, e todos os seus inimigos sejaõ no mesmo instante dissipados, e naõ se atrevaõ a apparecer diante de sua Face, desappareçaõ todos como o fumo; e assim como a cera se derrete ao fogo, assim acabem os peccadores diante de Deos, sendo os justos ao mesmo tempo accumulados de suavidade, e de alegria na sua presença.

Todas as legioens do Inferno, e os ministros de Satanás confundidos, e dissipados, naõ se atrevaõ a demorar, ou impedir a vossa passagem; Jesu Christo, que por amor de vós foi posto na Cruz, se digne livrar-vos de todos os tormentos; permitta este

Divi-

Divino Salvador, que se dignou morrer por vós; livrar-vos da morte eterna. Este mesmo Salvador Filho de Deos vivo, vos faça entrar no gozo do Senhor; este bom Pastor não vos negue por humas das suas ovelhas, e vos ponha á sua mão direita, no numero dos Escolhidos: para que possais vós ver desde este dia a vosso Divino Redemptor face a face, e gozando da clara vista dos Bemaventurados, gostar as doçuras ineffaveis, de q̄ gozaõ os Santos na morada da eterna felicidade. Amen.

Meu Deos, que efficazes são estas Oraçoens; feitas em favor de huma alma verdadeiramente Christã! De quanta consolação são os motivos, em que ellas estão fundadas! Prohibe-se ao Demonio inquietar huma alma fiel, que nunca se metteu nos seus laços; pede-se ao Senhor, que uze de misericordia com huma alma, que sempre o amou com ternura, pede-se que recompense aquelle servo fiel, que nunca servio a outro Senhor, mais que a elle; porém, que desconsolação, que desgraça, se aquella alma tem feito tudo pelo contrario!

*Suscipe Domine servum tuum.* Pede-se depois ao Senhor, que receba ao seu servo na morada dos Bemaventurados, a qual misericordia elle espera obter.

*Libera Domine animam servi tui ex omnibus periculis Inferni.* Pede-se que livre aquella alma de todos os perigos do Inferno, e de tudo, o que a poderia fazer condemnar ás penas eternas; allega-se-lhe por motivos todos os milagres, que elle tem feito em favor dos seus servos, para os livrar dos maiores perigos. Assim como preservaste a Noé do Diluvio; assim vos dignai, Senhor, livrar a alma do vosso servo dos fôgos eternos. Assim como livrastes a Daniel do furor dos leões, assim livrai esta alma da malicia dos Poderes das Trevas.

Mas se aquella pessoa só tem servido ao mundo, se ella foi continuamente escrava das suas paixoens, se não teve outro Senhor, mais que o seu interesse; convir-lhe-há muito a qualidade de Servo de Deos, que tantas vezes se repete naquellas Oraçoens? E se não lhe convém, o Senhor receberá por ella a Oraçãõ que se faz, quando se lhe pede que tenha compaixãõ da alma do seu servo, que a livre dos laços dos seus inimigos, e que a receba na sua graça?

*Commendamus tibi, Domine, animam famuli tui.*  
Nós vos recomendamos, Senhor, a alma do vosso servo, continúa o Sacerdote, e nós vos pedimos, meu Senhor Jesu Christo Salvador do mundo, que vos digneis de pôr no Ceo aquelle, por amor de quem viestes á terra. Reconhecei, Senhor, a vossa creatura, ella não he obra de hum Deos estranho, mas he obra vossa. Só vós, Deos vivo e Eterno, só vós a formastes; consolai esta alma com a vossa presença, esqueceivos de todas as suas iniquidades, e de todos os seus excessos; porque em fim ainda que ella haja perdido a vossa graça, não perdeu a Fé; ella foi peccadora, mas nunca deixou de ser Christã, e ainda que teve a infelicidade de vos desagradar, nunca deixou de adorar-vos como a seu Deos.

A Igreja, como Mãe, procura quanto pôde desculpar o seus filhos: porém se aquelle filho tem perseverado nas suas desordens, se não deixando de ser Christãõ, isto he, se conhecendo a Deos, sabendo os seus preceitos, crendo as verdades do Evangelho, continuou a ultrajar, a offender áquelle, a quem elle dizia, que temia, se elle perseverou em offender hum Pai, hum Redemptor, hum Deos, ao mesmo tempo, que confessava cre-lo desta fórte, que fim, que fórte terá huma tal malicia?

Não vos lembreis mais, Senhor, dos peccados da sua mocidade, e de todas as suas ignorancias, tende só respeito ás vossas grandes misericordias. O Ceo esteja para elle aberto, os Santos Anjos gozem com elle, e se alegrem com a sua sorte; finalmente recebei, Senhor, o vosso servo no vosso Reino, S. Miguel Arcanjo Capitão da Milicia Celeste, o receba ao fahir deste mundo; os Santos Anjos lhe venhão ao encontro, e o conduzão á Celeste Jerusalém.

O Bemaventurado Apostolo S. Pedro, a quem o Senhor deo as chaves do Reino do Ceo, o receba naquella feliz Morada: o Apostolo S. Paulo, este vaso de eleição, lhe assista: o Apostolo S. João, depositario dos Divinos segredos, o ampare: todos os Santos Apostolos, a quem foi dado o poder de ligar, e absolver, todos os Santos, que padecêrao tanto no mundo pela gloria do seu Divino Senhor, intercedaõ por elle, a fim de que tendo expirado, tenha a felicidade de entrar no Ceo pela misericordia, e merecimentos de Jesu Christo nosso Senhor, que vive, e reina com o Padre, e Espirito Santo por todos os seculos dos seculos. Amen.

A Oraçaõ, que está determinada para os mortos, ordinariamente termina todas estas precedentes, e ainda mesmo antes que se acabe, essa pessoa, que expira, já sabe a sua sorte eterna. Oh! que importante he ter vivido de tal modo, que possamos ser soccorridos, e consolados verdadeiramente com estas Oraçoens!

Este he o fructo, Senhor, que eu espero tirar por meio da vossa graça, de todas as reflexoens que acabo de fazer. Que infelicidade a minha, se quando se fizerem por mim estas Oraçoens, tenha a dôr, e o pezar, de não ter tomado todas as medidas para me aproveitar dellas?

## II. P O N T O.

*Reflexoens sobre as Oraçoens , que se fazem pelas  
almas dos Agonizantes.*

**C** Onsidéra , que a Igreja nossa terna Mãy , vendo algum de seus filhos no ponto de apparecer diante de Deos para ser julgado , se applica com cuidado a procurar-lhe muitos amigos do Senhor , e faz Oraçoens de recommendaçã por aquella alma , para lhe fazer o Juiz propicio : e devemos tratar com negligencia hum auxilio desta importancia ? E será pouca cousa sermos privados d'elle ?

Nestas Oraçoens não se faz mençaõ das bellas qualidades daquella pessoa , que morre. Salvador do mundo , não se vos pede , que vos lembreis , que esta he huma pessoa de hum nascimento illustre , de hum talento distincto , ou de huma auctoridade absoluta. Titulos pomposos , já não servis de nada. Grandezas mundanas , estais esquecidas , só se falla naquella occasiaõ dos Servos de Deos , dos Discipulos de Jesu Christo , dos Fieis , nenhuma outra qualidade passa para o outro mundo : e que será , que viraõ a ser aquellas pessoas , que não tiverem tido alguma destas qualidades ?

A Igreja roga ao Senhor , que tenha misericordia de hum moribundo , que se esqueça das defordens da sua mocidade , e de todas as suas iniquidades , que lhe conceda a graça final , e o motivo , sobre que funda toda a sua recommendaçã , he porque aquella pessoa he obra das suas maõs , porque he huma alma resgatada pelo Redemptor , que nunca perdeu a Fé , e que implora a sua misericordia.

Mas se aquelle moribundo não viveo como Christo , se se vangloriava de nada crer , se foi hum homem de vida livre , e dissoluta , que até

murmurava das mais terriveis verdades, se he huma dessas mulheres occiosas, que não tem Religião, senão por costume, ou por decóro, estas preces da Igreja serãõ para aquella alma de muito proveito? Serãõ ouvidas estas Oraçoens?

Quando os Santos convidados para intercederem por esses Agonizantes, não acharem naquelle mais, que signaes de hum Rebro, que só olha para o Ceo, porque o mundo o tem deixado de olhar, e que só implora a intercessão dos amigos de Deos, porque não esta já em estado de mostrar dos seus bons exemplos; por ventura intercederãõ muito pela sua felicidade? Serãõ elles muito sollicitos, mui cuidadosos para lhe fazer o Juiz propicio?

Ah meu Deos, em que cuidamos nós, senão cultivamos em quanto dura a vida a amizade daquelles, cujo amparo devemos implorar na hora da morte? O negocio he de huma tão grande consequencia, temos na verdade huma poderosa recommendação; mas de que nos servirá, se ella não he fundada mais, que em falsos titulos? Oh! quanto importa meditar muitas vezes os motivos, sobre que havemos naquella hora ser recomendados!

Que objecto mais capaz de nos mover, e ao mesmo tempo mais instructivo, do que hum Agonizante?

Palido, immovel, sem falla, e quasi sem sentidos, os olhos abertos, que só se movem por convulsoens, hum aspecto horroroso, hum cheiro já de cadaver, algumas pessoas de joelhos ao redor da cama, hum Crucifixo, huma vela na mão, e algumas gotas de agoa benta: exaqui toda a equipagem daquelle grande senhor, daquelle pessoa de qualidade, desses homens de grande poder, desses felices do seculo, já confundidos, e misturados ainda antes da sua morte, com o mais vil

escravo, o qual morre como elles.

Que triste espectáculo! Já se prepara o caixão para o enterrar, e as armaçoens funebres, prepara-se tudo. Triste apparatus, mais para satisfazer á vaidade dos vivos, do que para aliviar os mortos: e exaqui o fim de todos os enredos da Corte, de todos os grandes, e ambiciosos projectos, exaqui o termo de todos os divertimentos, exaqui a conclusão de toda a vida.

Ah Deos meu! effes mundanos, effas almas todas terrestres, effas pessoas, que estã prezas ao mundo com tantas prizoens, e que ainda as multiplicaõ todos os dias; quanto se espantarã, ouvindo estas tristes palavras: *Proficiscere, anima Christiana, de hoc mundo*: Sahe deste mundo, alma Christã, e lembra-te, que se te poem este preceito, para ir apparecer diante do Tribunal de Deos!

Porém se se não acha ainda prompto este moribundo, se não estã justos os negocios da sua consciencia, se não está rompida aquella negociaçã occulta, se não está feita aquella restituçã, se a vida Christã ainda não está principiada, se os projectos da conversã ainda se não executaráo, se o habito vicioso ainda subsiste, se elle ainda se promete huma vida mais dilatada; certamente he tanto mais digno de compaixã, quanto maior he a perda da Eternidade. Mas era necessario te-la prevenido: toda a vida vos não tinha sido dada mais, do que para isto. Oh! que cruel dôr não teremos naquella hora, por não ter cuidado no negocio da salvaçã.

*In Regnum tuum, Domine, servum tuum suscipe.* Recebei, Senhor, o vosso servo neste decizivo momento, recebei-o no vosso Reino: mas porque fidelidade ao vosso serviço, merece elle esta qualidade de vosso Servo? Que consolaçã não terá naquella hora huma alma Religiosa, que deixou tudo para servir a Deos, huma alma verdadeiramente  
Chris-



Christã, que encheo todas as suas obrigações, e que tem sempre considerado o Ceo, como sua Patria? Porém que desesperação para elles cobardes Christãos, que achão as suas delicias no seu desterro, a quem Jesu Christo não pôde deixar de regalos de seus Discipulos?

No vosso Reino. Que! aquella morada dos Bemaventurados, que lhes custou tanto, aonde o mesmo Salvador não quiz entrar senão depois de tantos trabalhos, será dada por nada aos sensuaes, q̄ passãõ os seus dias nos regalos, e em delicias?

O Crucifixo, o unico model, de que usa o Agonizante, não condemna aquelle, que em toda a sua vida, não teve de Christão, mais que o dever indispensavel de cumprir todas as suas obrigações, e viver huma vida mortificada?

Não, Senhor, não hei de estar nestas cruéis penas: as reflexões, que tenho a felicidade de fazer, e os sentimentos interiores, que me dais, me hão de fazer prevenir tão cruéis remorsos, e pezares, e huma tão grande desgraça.

Sei, que naquella extremidade, a fraqueza, as angustias, os horrores, a agonia, me porãõ fóra do estado de reflectir, e de entrar no espirito da Igreja, e no sentido das Orações, que ella fizer por mim: mas se eu amo, e desejo bem a minha salvação, se sou prudente deço prevenir este tempo, e fazer em quanto estou com saude aquillo, que não estarei em estado de fazer naquella ultima agonia.

Senhor, eu assim o prometto fazer, e certamente he esta huma cousa, que me importa muito, para q̄ possa descaitar-me de a praticar: eu considerarei estas Orações, penetrarei de vagar o seu verdadeiro sentido, examinarei os seus motivos, ellas farãõ muitas vezes a materia das minhas reflexões, e nada deixarei para conservar em mim os titulos, sobre que he fundada esta ultima recommendação.

Dignai-

Dignai-vos, meu Salvador, de receber, e ouvir as Oraçoens, que vos fizerem entã pela minha alma, as quaes eu vos offereço já ao presente.

Eu vos recomendo esta alma, que creastes unicamente para vós, naõ permittais, que seja ella já-mais para outrem; ella he obra das vossas mãs, preço do vosso Sangue, fazei, que seja neste ultimo momento objecto das vossas grandes misericordias.

Virgem Santissima, refugio de peccadores, e Mãe de todos os Fieis, naõ recuzeis de me olhar como hum dos vossos filhos. Se eu necessito tanto por toda a vida do vosso soccorro, quanto naõ necessitarei d'elle naquella ultima hora?

E vós Espiritos Celestiaes, Bemaventurados Habitadores da Celeste Jerusalem, grandes Santos, que reinais na Gloria, tende piedade de mim, e naõ me negueis a vossa protecção diante do Pai das Misericordias.

Saia deste mundo a minha alma, em nome do Padre todo Poderoso, que a creou, em nome do Filho, que a remio, em nome do Espirito Santo, que a tem santificado com a sua graça: vá apparecer diante do seu Juiz, debaixo da protecção de todos os Bemaventurados.

Meus peccados, oh meu Deos, me enchem de horror, mas a vossa infinita bondade me enche de confiança: apartai os vossos olhos das desordens da minha mocidade, esquecei-vos dos meus erros, naõ vos lembreis mais de todas as minhas iniquidades: naõ me atrevo a appresentar-vos as minhas lagrimas, e os meus suspiros; porém peço-vos, que attendais ao Sangue, á morte, e aos merecimentos do meu Divino Salvador Jesu Christo, aos merecimentos, e amparo da Mãe do meu Deos, ás Oraçoens de todos os Santos, e á recommendação da Igreja. Naõ permittais, que o inimigo da minha alma prevaleça, e se aproveite naquella hora das vanta-



Este Rey pacifico , quer nascer em tempo , que todo o Universo gozava de huma profunda paz. Aquella tranquillidade não foi tanto o effeito do poder do Principe , que reinava , como deste Nascimento. Deos he inimigo da guerra , e da turbação ; e assim a tranquillidade , e paz he sempre huma grande disposiçã para as obras da Graça.

Em Betlem primeira habitaçã de David , devia nascer o Messias. A Providencia , que se serve de tudo para vir aos seus fins , servio-se da vaidade de hum Imperador , para fazer vir a Betlem S. Jozé , e a Santissima Virgem.

Esta Divina Mãy , conhecendo bem , que o tempo do seu Parto se chegava , busca huma hospedagem , mas inutilmente. Com o grande concurso de pessoas , que chegavaõ a toda a hora , e de toda a parte , reservaõ-se os alojamentos para os hospedes mais ricos. Aquella Virgem Mãy , e S. Jozé poderiaõ talvez achar hum retiro em Betlem ; mas sem duvida Betlem ainda não tem retiro affaz pobre para Jesu Christo , he preciso buscar hum albergue aberto de todas as partes , he necessario hum Presepe : e tambem saõ obrigadas a retirar-se para aqui as pessoas mais amadas de Deos , e as mais respeitaveis regeitadas em toda a parte. Oh meu Salvador , que cedo começais a combater , e a confundir a delicadeza , e a soberba do mundo !

Neste lugar o mais pobre , e o mais desprezivel do Universo , nasceo o Soberano Senhor do mundo. Que espectáculo mais pasmoso ! Hum Deos Menino , e este Menino , que he Deos , para quem o Ceo nada tem affaz magnifico , e que tem o seu Throno sobre os Astros , está deitado em hum Presepe , basejado de dois vis animaes , exposto a todas as injurias do ar , no mais aspero das estaçoens do anno ; ao mesmo tempo , que tantos Principes , os quaes todos saõ seus Vassallos , nascem em mag-

nificos

nificos Palacios , e na abundancia. Ah Senhor ! que idéa devemos ter depois destes exemplos da Pobreza ? E quem pôde racionalmente queixar-se , e lamentar-se da sua fórte , vendo a Jesu Christo neste estado ?

Porém quaes seriaõ neste feliz momento os affectos , e os sentimentos daquella Santa Mãe ? Com que ternura apertou ella em seus braços este amado Filho ? E com que respeito o adorou ? Os Anjos correm alli em multidaõ para o adorarem , no momento da sua entrada no mundo : só os homens , por amor de quem este Deos se fez homem , recuzãõ conhece-lo ; Maria , e Jozé saõ os unicos , q̃ lhe fazem Corte. Oh ! e que bem recompensada fica a dureza de todos os homens , com a ternura , e pureza destes dois coraçoes !

Maria instruida mais que ninguem , das adoraveis qualidades de seu amado Filho , só pôde exprimir a sua admiraçãõ com o seu silencio. Porém quaes foraõ os seus sentimentos , quando se lhe representava a dureza , com que tinha sido regeitada nas pouzadas de Betlém , ainda que este desprezo só lhe era sensível por amor de seu Filho ? Que sentimentos á vista daquelle Prespepe , e daquelles vis animaes , daquella penuria de tudo , e daquella mangedoura !

Pai Eterno , he este o berço destinado para o vosso Filho ? He este o seu Palacio ? Saõ estes os honrosos signaes da sua qualidade ? Este Divino Infante não esteve muito tempo sem os receber. Os seus Anjos tem logo ordem , para hirem dar noticia do seu Nascimento. Mas a quem se dirige esta gloriosa Embaixada ? He por ventura a todo o povo de Israel , pois que todo elle o esperava ? Era ao menos a toda a Cidade de Jerusalém , ao Rei , a seus Cortezaõs , ao Summo Sacerdote ? Ah ! Tudo isto está sepultado em hum profundo somno.

Algu-

Alguns pobres Pastores estão vigiando no mais vizinho Outeiro, para defenderem os seus gados dos perigos da noite: a estes pobres homens he q̄ os Anjos são enviados, e só a elles he q̄ Jesu Christo manda dar noticia da sua chegada. Oh feliz estado, feliz condição, q̄ merece hum tal favor! Oh! E q̄ bem nos reprehende esta preferencia a estimação, que fazemos das grandezas mundanas! Grandes do mundo, julgai-vos felices no vosso estado, crêde muito embora, que as honras só são para vós; mas sempre será verdade, que na occasião mais gloriosa, os pobres vos forão preferidos, e que Jesu Christo vos não manda avizar, para lhe virdes render as vossas homenagens, senão depois delles.

Exaqui pois aquelles pobres Pastores, rodeados de repente de hum grande resplendor de luzes. Os seus olhos ficáraõ cegos, e o seu coração cheio de temor, ou antes de sobressalto, e de pasmo á vista de hum espectáculo taõ novo. O mesmo Anjo, que os tinha atemorizado, os enche de segurança: não tendais medo, lhes diz elle, eu vos dou a nova mais feliz, e de maior consolação, que será para vós, e para todo o povo motivo de huma extrema alegria. Hoje nasceo para vós hum Salvador, cujo poder, e força, muito superior á dos vossos antigos Principes, não se limitará só a tirar-vos de alguma pena temporal: elle he o Salvador das almas, he o vosso Messias, pedido, e esperado há tantos seculos, o vosso Senhor, o vosso Redemptor, o vosso Deus. Escolheo por lugar do seu Nascimento, assim como os Profetas o tinhaõ prognosticado, aquella Cidade, que vós chamais Cidade de David. Ahi o achareis envolto, e deitado muito pobremete em hum Presépe: estes são os signaes, que vos dou para o conheceres, e para vos convenceres das verdades, que vos digo. Que

Que agradável nova ! Mas que alegria foi a destes pobres Pastores ! Por mui desprezíveis , que sejaõ os signaes , pelos quaes lhes dizem , que reconhecerãõ o seu Salvador , de nenhuma sorte poderãõ duvidar delles : principalmente quando , apenas o Anjo acabou de fallar , ouvem as sonoras vozes de hum esquadrão de Espiritos Celestiaes , que cantavaõ os louvores do seu Senhor , e que repetiaõ muitas vezes este admiravel Cantico : *Gloria seja a Deos no Ceo , e na terra paz aos homens de boa vontade.*

Vamos , dizem elles entre si , vamos até Betlem , e vejamos esta maravilha , que Deos obrou , e se dignou de nos manifestar. Oh ! e que felices saõ aquelles , que ouvem a voz de Deos , e que a seguem sem demora ! Estes afortunados Pastores partem no mesmo instante : o amor , que elles sentem para o seu Salvador , e que os faz caminhar com tanto fervor , he hum effeito da sua prompta obediencia. Oh ! e que liberalmente he esta virtude remunerada !

Chegaõ ao Portal illustrados com huma luz sobrenatural : muito longe de se desgostarem , e ficarem aborrecidos daquella extrema pobreza , que vêm , elles comprehendem todo o seu Mysterio. Entraõ animados com aquella Fé viva , que descobre as mais escuras verdades , encontraõ tudo o que lhes disserãõ : achaõ Maria , e Jozé , para quem sentem huma profunda veneraçãõ : mas Jesu Christo logo lhes attrahe todas as suas atenções : postraõ-se ao pé do Prezepe , adoraõ-no com respeito , e a abundancia do seu coraçãõ supre a sua grossaria.

Ah ! meu doce Jesu , que agradável vos foi a homenagem daquelles pobres Pastores , e que facil vos he fazer verdadeiros adoradores da vossa Divina Magestade ! Meu Deos , que sorte mais digna

digna de inveja! Que sobrenaturaes luzes não infundio nos seus coraçãoes aquelle Sol, que já vinha nascendo? Receberão-se os seus pequenos presentes: mas que thesouros de bens espirituaes não levarão elles das suas visitas?

O Salvador não annunciou a sua vinda aos ricos, e aos felices do seculo, a esses mundanos, que vivem nas delicias, e na ociosidade: não somente porque em quanto dormião talvez não terião ouvido a sua voz; mas tambem, porque não poderião resolver-se a partir logo; quererião esperar o dia, e talvez, que o frio os demorasse: e finalmente terião todos dado credito a esta admiravel novidade? Accostumados a estimar as pessoas só pela mesma magnificencia, e pelo lustre exterior, terião concebido huma alta idéa do seu Salvador, vendo hum Menino, e hum Menino em hum Presepe? Não temerião elles passar por espiritos fracos, se tivessem simplesmente dado credito a esta maravilha, que se lhes annunciava? E em lugar de hum culto respeitoso, e de huma adoraçãõ cheia de amor, com quantas vãs, e frivolas perguntas fatigariaõ a Jozé, e Maria! Jesu Christo quer espiritos doces, e coraçãoes puros: quer pessoas, que se apressem a receber as graças, que lhes quer fazer, e que deixem tudo, por obedecer promptamente á sua voz.

O tumulto, as paixões, o amor desordenado das riquezas, a vida molle, e deliciosa, são grandes obstaculos á Graça, e fazem infructuosa a melhor vocaçãõ: mas, meu Divino Salvador, nunca será o vossõ exemplo assaz persuasivo, assaz poderoso para me inspirar sentimentos, e desejos contrarios? E hum Deos por amor de mim feito Menino, hum homem Deos em huma extrema pobreza, reduzido a ter por alojamento hum Presepe, não nos dá huma liçãõ assaz vehemente, para nos  
inspi-



inspirar desprezo das grandezas mundanas, o amor da humildade?

Meu doce Jesu, vós não vos fizestes pobre, senão para nos fazeres participantes das vossas riquezas, e só destas eu tenho ambição: fazei-me também participante da vossa mesma pobreza, daquelle pobreza de espirito, que desapega o coração de todas as cousas, e que o poem na feliz disposição de amar só a vós. Fizestes do vosso Presépe huma cadeira, donde estais instruindo a todos os homens, ainda mais sensivelmente com o vosso exemplo, do que com as vossas palavras. Felices aquelles, que se quizerem aproveitar das vossas lições: para nossa instrução he, que a vossa graça, meu Salvador, se há manifestado, para que renunciando nós á impiedade, e ás concupiscencias do seculo, vivamos neste mundo conforme as leis da Temperança, da Justiça, e da Piedade.

## II. PONTO.

*Reflexões sobre o que se passou no Nascimento do Jesu Christo.*

**C**onsidera qual seria a nossa admiração, se os Pastores, que tiverão a felicidade de adorar a Jesu Christo no Presépe, não se fizessem por isto melhores, e q̄ depois de o terem visto não o tivessem amado: e devemos-nos admirar menos, se depois de termos meditado neste Mysterio, não amarmos mais a Jesu Christo? Nós não o vemos, dizem, senão com os olhos e a Fé: ah! imaginamos acaso, que aquelles Pastores necessitavaõ de menos Fé para serem, que hum Menino posto em hum estado desprezível fosse o Messias? A nossa Fé sustentada com tantas maravilhas, e com tão poderosos

rosos motivos que nos obrigaõ a crer, naõ trocará algum dia o nosso coraçãõ?

Que adoravel he a conducta da Providencia! De todos os estrangeiros, que chegaõ a Betlem, nenhum ha, que naõ fique muito bem alojado: só Maria he regeitada de todos. E havia em toda a terra alguma creatura mais respeitavel? Certamente naõ: mas tambem naõ havia alguma mais Santa, e as adversidades, o desprezo do mundo, saõ a herança, q̃ pertence aos virtuosos cá na terra.

O Salvador veio ao mundo, e o mundo naõ o quiz conhecer; veio á sua propria Herança, e naõ foi recebido dos seus. Que cedo começastes a ser perseguido, meu amavel Jesu! O mundo nada quer de vós, elle vos lança de si ainda antes do vosso Nascimento; e ainda heide querer agradar ao mundo? Farme-hei toda a minha vida seu escravo? Seguirei eternamente as suas maximas? Temerei sempre a sua censura, e nunca deixarei de fazer cazo da sua approvaçaõ, e da sua amizade? Quem se attreverá a queixar-se, de que na repartição, que Deos fez dos bens deste mundo, naõ lhe deu mais, do que a seu Filho?

O homem era todo terrestre antes do Nascimento do Salvador; só se nutria, e sustentava dos bens creados, os bens espirituaes naõ tinhaõ para elle algum attractivo, pareciaõ-lhe acima das suas forças. Vem Jesu Christo para lhe dar hum novo gosto delles; começa mostrando-nos o valor da Pobreza, e a preferio a qualquer outro estado; só aos pobres envia o Anjo para lhes dar a nova do seu Nascimento. Ficamos cheios de admiraçaõ vendo esta escolha: mas havia alguma virtude mais necessaria para pessoas, que vivem sobre a terra como em hum desterro, que só devem suspirar pelos bens espirituaes, e naõ esperar felicidades senaõ na outra vida? Era necessario desapegar

gar os nossos corações da terra; que meio mais proprio para isto, que a Pobreza?

Oh meu Divino Salvador, que grande obstaculo para a salvação he o desprezo, que se faz desta preciosa virtude! Quando me aproveitarei eu do vosso exemplo? E se não posso despojar-me dos bens, de q̄ quereis, que eu goze, fazei ao menos que o meu coração não se apegue a elles, e que faça delles hum bom uso. Não ha cousa mais pobre, que hum Menino no instante, em que vem ao mundo, a morte he neste ponto semelhante ao nascimento; e porque razão não havemos querer que a vida se asemelhe á morte, e ao nascimento?

Meu Deos, que oppostos são os caminhos, que tomais para vires ao fim dos vossos designios, aos que a prudencia humana costuma escolher! Para que he aquella dinumeração Universal? Para que aquella convocação extraordinaria? Para que he aquelle ajuntamento de toda a Geração Real em Betlem? Nos designios dos homens, he para contentar a vaidade de hum Imperador; nos designios de Deos, he para completar as Profecias, e para que ache em Betlem Jesu Christo hum Nascimento pobre, obscuro, mas milagroso. Nós desconfiamos da Providencia, assim que os seus caminhos não são confórmes aos nossos pensamentos; julgamos acazo que ella não póde vir aos seus fins? Ah! Deus meu, como me he nociva esta minha imaginada sabedoria, e que grandes obstaculos poem á minha felicidade os meus falsos projectos!

Que disproporção! O legitimo Rey de Israel; o Soberano Senhor de todas as couzas, o Salvador, e Deos de todos os homens, que vem para fazer mudar de face a todo o Universo, aniquilar todas as preoccupações, destruir a supersti-  
ção,

çãõ, fazer-se conhecer em todos os estados, fazer hum mundo novo; tem hum Presepe por Palacio, huma mangedoura por berço, e alguns pobres Pastores, que o vem adorar naquella cabana. Nesta disproporçãõ apparece com mais lustre a sua Divindade. O lustre, a abundancia, a sumptuosidade mundana, eraõ cousas indignas de servir a fazer conhecer a dignidade daquelle, que dá o valor a todas as cousas, e que por si mesmo he infinitamente superior a tudo.

Os Anjos sãõ enviados aos pobres Pastores, que vigiãõ sobre os seus rebanhos. Que desgraça para aquelles pobres homens, se os Anjos os tivessem achado adormecidos, se elles tivessem gastado tempo em deliberar no partido, que haviãõ de seguir; se quizessem esperar a manhã! Pois não faltavaõ para isto apparentes pretextos, a hora, o tempo, os seus rebanhos.

Ah! Deos meu, quanto importa ser docil á Graça, e prompto a seguir as vossas inspiraçoens! Quantas pessoas chamadas, não ouvem a vossa voz! Quantos sãõ negligentes em obedecer-vos! O tumulto faz aturdir, a vida delicada nos faz cobardes, o pretexto dos negocios, das difficuldades, dá idade, do estado, nos faz deter, e esta demora faz em fim desvanecer os melhores desejos.

Muitas pessoas entrãõ no Presepe, e tiveram a felicidade de alli acharem a Jesu Christo. Huns foraõ movidos de compaixãõ, outros todos pasmados á vista de huma taõ extrema pobreza, contentarãõ-se de admirar a sorte do Filho, a paciencia da Mãe, e todos se retirãõ.

Facilmente se acha o Salvador, assim que se busca: Deos acha-se presente ainda até quando não he buscado; mas, que produz na maior parte dos homens a presenca da Graça? Havendo

alguns sentimentos de devoção, o entendimento logo he convencido, faz-se o plano da futura conversão: mas tudo isto não são mais, que humas vontades, que passam depressa. Tornão a voltar-se para si mesmos; os negocios temporaes, os habitos, as companhias, o natural, tudo desfráhe, tudo occupa, e tudo contribue a fazer nos esquecer de Deos.

Que felicidade para todos, os que se achavaõ em Betlem, se soubessem aproveitar-se do thesouro, que alli estava, e que perda para elles não o terem conhecido! Somos nós menos felices, e somos menos dignos de compaixão, tendo o mesmo Salvador realmente presente na Eucharistia, e não querendo aproveitar-nos do thesouro, que temos?

Meu Deos, que felices foraõ aquelles Pastores! E que bem se souberaõ, aproveitar da sua felicidade! Esta foi a recompensa da sua docilidade, e da sua promptidão em obedecer. Hum coração puro, e limpo dos affectos das creaturas, hum coração recto, e humilde, acha logo o seu Deos, e o perde raras vezes.

Meu amavel Salvador, terei eu a desgraça de ser do numero daquelles, que admiraõ tudo, o que se passou no vosso Nascimento, que ainda até são movidos do estado pobre, que escolhestes, sem vos amar por isto mais? As riquezas, a vida delicada, os lustruos signaes de distincção, com que o mundo apaescenta os seus escravos, farão sempre tão grandes impressoens sobre mim, depois de vos ter visto nascer em hum estado tão pobre?

Confesso que tão sensiveis objectos me fazem impressão na alma; as paixoens são fortes, o máo exemplo me attrastra; e quanto mais me aparto de vós, menos o percebo.

Mas

Mas, meu doce Jesu, nada vos he difficul-  
toso, ah! Que não podeis fazer em meu favor!  
E que não tendes feito já, para me dares lugar  
de esperar todas as cousas do vosso amor? Fize-  
tes-vos pobre para nos fazeres participantes das  
vossas riquezas; fazei-nos também agora partici-  
pantes da vossa mesma pobreza, daquella pobre-  
za de espirito, que desapega o coração de todas  
as cousas, que o une a vós, Deus meu, que só  
sois capaz de o satisfazer.

Nascestes, meu Divino Salvador, para me  
salvares; fazei que a minha conversão seja hoje  
o fruto do vosso Nascimento, e o excessivo amor,  
que aqui me mostrais abraze o meu coração com  
o fogo deste Divino amor.

Que há no vosso Presépe, que me possa des-  
gostar ou perturbar? Que cousa há aqui, que me  
não possa obrigar a amar-vos? Em qualquer es-  
tado da vossa vida, que eu vos considere, meu  
Divino Jesu, sois em tudo infinitamente amavel:  
mas em tudo eu acho hum ar de Magestade, que  
me inspira hum respeitoso temor: neste Mylte-  
rio porém, tudo me inspira confiança, e ternura.  
Huma mangedoura em hum Presépe, exaqui o  
vosso Throno: o mais amavel, o mais formoso  
de todos os filhos dos homens, enfaixado sobre  
huma pouca de palha, exaqui o meu Salvador,  
exaqui o meu Deus.

Oh, quanto desejo amar-vos! Oh, que me  
parece, meu doce Jesu, que vos amo! As mi-  
nhas accoens daqui por diante hão de correspon-  
der á minha ternura, e ao vosso Presépe me hei  
de refugiar nas minhas misérias.

## SEGUNDA MEDITAÇÃO

Para o mez de Dezembro.

*Da vida occulta de Jezu Christo.*

## I. PONTO

*As eminentes virtudes, que Jezu Christo praticou na sua vida occulta.*

**C**onsidera, quanto he para admitar, que o Filho de Deos tendo vindo á terra, só para glorificar seu Pai, salvando os homens; passasse quasi todos os seus annos em huma vida obscura!

E em todo este tempo, não poderia elle ter corrido todo o Universo, instruir os homens com a sua doutrina, edifica-los com o seu exemplo, convence-los com os seus milagres, e attrahilos ao conhecimento do verdadeiro Deos?

A Officina de hum Carpinteiro, era morada digna do Salvador dos homens? Huma vida escondida, e desconhecida, devia ser a vida de hum Messias? E hum taõ longo retiro, era proprio para hum Homem Deos? Bem necessario he, que isto assim seja, pois foi escolhido por aquelle, que he a mesma Sabedoria, e que tudo faz com huma prudencia, e huma sabedoria consumada.

Quem he que tinha mais no coração a Gloria de seu Pai, do que o Filho de Deos? E quem conhecia melhor, que elle, os meios de a procurar? A Salvação dos homens não era o fim da sua Incarnação? E ignorava elle acaso, que a conversão do Universo havia de ser a sua obra? Era pois necessario, que huma vida obscura até á idade de trinta annos, fosse mais gloriosa a Deos, que

que as mais lustrosas maravilhas; e que a obra da nossa Salvaçã pedisse este silencio, e esta obscuridade por todo aquelle tempo. Só esta verdade confunde sensivelmente a nossa falsa prudencia. Quem de nós não julga o contrario! Deos com tudo julga, e obra de outra sorte. Mas, que cousa mais admiravel, e instructiva, que os Misterios desta vida occulta?

O Padre Eterno quer ser glorificado com a vida obscura de seu Filho: o Salvador prefere esta obscuridade a todas as maravilhas de huma vida cheia de esplendor. Ah! Deos meu, quando nos persuadiremos nós, que a perfeiçã, e o merecimento, não consiste em dizer, em obrar, e em padecer grandes cousas pela vossa Gloria, mas em querer, e em fazer aquillo, só, que vos agrada?

O Salvador glorificava tanto a seu Pai na Officina de Nazareth com os humildes empregos, em que se occupava, quanto o fez depois na Judea, com as suas Prêgaçoens, e com os seus milagres. Meu Deos, em que erro não está aquelles, que só sentem zelo para as boas obras estrondozas! Póde-se dizer, que a obscuridade extingue o seu fervor.

Quantos achão só gosto na devoçã, em quanto ella he respeitada! Quanto he para temer, que o pretexto da Gloria de Deos nos empregos mais lustrosos, sirva só a encobrir a nossa suberba, e a nutrir o nosso amor próprio! E que perigo só he, que não encaminhemos sempre a Deos os applausos, que os homens nos dão, quando agrada ao Senhor abençoar os nossos trabalhos! Tudo isto não se póde temer na vida occulta. Mas he signal de grande virtude, o horror que há desta vida obscura? Se he verdade, que buscamos só a Deos, não devemos fazer cazo algum dos applausos dos homens, não buscaremos com tanta ancia os obsequios;



quios ; a vontade de Deos occupa o lugar de tudo , para quem não busca mais que a elle só.

Que virtudes se vêm aqui encerradas em huma só ! O Filho de Deos rendia huma obediencia exacta a Jozé , e Maria ; exaqui hum compendio da sua vida , desde os doze annos até os trinta. Não diremos que a obediencia só encerra em si todas as virtudes ? Porque , não podemos duvidar , que por todo aquelle tempo Jesu Christo as haja possuido todas. O Evangelho parece que diz tudo , dizendo , que elle era perfeitamente obediente.

Ah Deos meu ! que importante he esta lição ! Que pouco he gostada ! De quanta consolação nos serve o voſso exemplo , mas que pouco he seguido ! Não me he necessario mais que obedecer , e estou seguro de vos agradar ; que breve he este caminho para a Perfeição ! Não tenho mais , que obedecer , e logo pratico todas as virtudes. A mesma victoria nas mais fortes tentações , está como unida á obediencia ; somos humildes , somos sólidamente virtuosos , quando somos obedientes.

Quanto ás outras maravilhas , que Jesu Christo obrou por todo este tempo , elle as teve tão occultas , que não temos dellas mais , que hum confuso conhecimento. Aprendamos por este exemplo a fugir da ostentação : as mais ricas pinturas perdem o lustre com o demasiado ar ; huma virtude escondida sempre está em segurança ; da parte de Deos está o fazer-nos fructificar. O estrondo do mundo , a prosperidade , e o esplendor he muitas vezes para o que ama estas cousas , toda a recompensa desta virtude puramente exterior. Se nós queremos ter a Deos só por recompensa , não desejemos ter por testemunha mais , que a elle só.

A medida que Jesu Christo crescia em idade,

de, accrescenta o Evangelho, fazia apparecer nas occasioens mais sabedoria: como se a sua alma infinitamente Santa, e sempre unida á Pessoa do Verbo, podesse fazer novos progressos, e crescer em graça, e em merecimento diante de Deos, e dos homens.

Exaqui o pouco, que sabemos das maravilhas de Jesu Christo: mas este pouco não deixa de dizer muito, pois que encerra a idéa mais justa da Perfeicão Christã. Este augmento sensivel de virtudes com a idade, significa o progresso, que devemos fazer todos os dias nos caminhos de Deos. Demorar-se neste caminho he hum signal de cobardia. Todos os dias recebemos novos beneficios; e não tem o Senhor direito de esperar de nós todos os dias hum maior agradecimento? A virtude de hum Christãõ deve crescer com a idade, e á mesma medida, que elle se vai chegando á morte, deve chegar se ao seu Deos.

Que significa a desgraça daquelle servo, por se haver contentado de conservar o talento, que tinha recebido, sem se lhe dar nada de lucrar com elle, senão a desgraça daquelles, que recebem continuamente novas graças, e tendo todos os dias mil meios de crescerem em merecimento, imaginã, que fazem bastante em se não fazerem mais mãos, sem pôrem cuidado de se fazerem melhores?

Ah! Senhor, que reprehengoens, e ao mesmo tempo, que castigos não devem esperar os Sacerdotes de Deos vivo, que distribuindo aos outros o pão de vida, morrem elles mesmos de fome, e que nutrido se todos os dias com o Corpo de Jesu Christo, não fazem novos progressos na virtude! Estas pessoas, que fazem profissãõ de piedade, e devoçãõ, e que com o frequente uzo dos Sacramentos, e o soccorro de tantos meios espirituaes são sempre tão imperfeitos!

O numero destas graças se augmenta, e o merecimento se diminue. Estamos tranquillos, porque nos mantemos na mesma mediocridade de virtude; o seruo frouxo tambem estava da mesma forte, porque nada tinha perdido do talento, que o seu Senhor lhe havia entregado. Ah! Deos meu, quantos ficarão horrorizados no fim da vida, vendo-se carregados de dividas para com a Justiça Divina, por se não terem aproveitado do tempo, e de todos os meios, que tinhaõ de se fazerem huns grandes Santos!

Que teráõ para responder essas pessoas Religiosas, que muito longe de chegarem á Perfeição do seu estado, tiverem perdido todos os dias alguma cousa do seu primeiro fervor? Serão ellas bem recebidas dizendo, que se applicarão a evitar os peccados graves, julgando que não fazião grande mal em commetter muitas faltas leves?

Que teráõ para responder tantos Christãos frouxos, e imperfeitos, cuja vida he huma encadeada serie de arrependimentos, e de reçaõhidas, em quem o espirito do mundo reina, as paixoes dominaõ, e a Religião tem o ultimo lugar? Para dar huma lição a estes todos, Jesu Christo quiz que se dicesse delle, que crescia em sabedoria, e em virtude nos olhos de Deos, e dos homens, á medida que crescia em idade. O Salvador he o modelo dos Predestinados; huma vida lustrosa, e milagrosa convém só a mui poucas pessoas; mas quem pôde racionalmente dizer, que não sabe viver na obscuridade de huma vida occulta? Por tanto o contentar-se com o adquirido, não basta para contentar hum Senhor severo, que até colhe, o que não tem semeado: he necessario pois fazer todos os dias novos progressos nos caminhos da virtude.

Meu Deos, que dôr não devo ter, vendo-me

me no fim da minha carreira sem merecimentos! E estando para apparecer diante de vós, achar-me com as mãos vazias, e estando carregado de tantos annos, ter adquirido tão pouca virtude!

Mas, meu Divino Salvador, há ainda bastante tempo para recuperar a minha falta: lembrai-vos, que os que começaraõ a trabalhar á undécima hora, o fizeraõ com tanto zelo, e ardor, que mereceraõ ser recompensados, como os que trabalhavaõ desde o principio da manhã: isto anima, meu doce Jesus, a minha confiança; com esta figura conheço hum pouco tarde os meus erros, venho muito depois dos outros ao vossõ serviço, mas espero, que com o auxilio da vossa Graça, trabalharei na minha salvação com tanto fervor o resto de meus dias, que não attendereis ás minhas infidelidades passadas, nem ao máo uzo, que tenho feito de tão poderosos auxilios.

## II. P O N T O.

*A vida occulta de Jesu Christo he o motivo, e o modelo da vida interior dos Christãos.*

**C** Onsidéra, que o espirito interior he para a vida Christã o mesmo, que a alma he para o corpo. Sem este espirito, as acçoens de piedade mais excellentes só servem de branquear os sepulchros, e o zelo mais eloquente não he mais que hum pouco de bronze, que soa, ou como hum sino, que só faz estrondo.

Não sem mysterio, o Filho de Deos quiz viver até á idade de trinta annos huma vida escondida. Este Divino Salvador vinha para format hum verdadeiro modelo: podia elle dar-nos huma idéa mais justa da vida interior, do que vi-